

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA (M-D)**

**AS SINGULARIDADES CÊNICAS DO LITORAL
PARANAENSE: UM OLHAR SOBRE A PAISAGEM CULTURAL DE
GUARAQUEÇABA/PR**

ROBERSON MIRANDA DE SOUZA

**MARINGÁ-PR
2014**

ROBERSON MIRANDA DE SOUZA

**AS SINGULARIDADES CÊNICAS DO LITORAL
PARANAENSE: UM OLHAR SOBRE A PAISAGEM CULTURAL DE
GUARAQUEÇABA/PR**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá como requisito parcial para a obtenção do título de doutor em Geografia sob a área de concentração Análise Ambiental e linha de pesquisa Estudos da Paisagem.

Orientador: Dr. Messias Modesto dos Passos
Co-orientador: Dr. Humberto T. Yamaki

**MARINGÁ-PR
2014**

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a Deus pela vida.

Ao Prof. Dr. Orientador Messias Modesto dos Passos, braço amigo de todas as etapas deste trabalho e ao Prof. Dr. Co-orientador Humberto T. Yamaki.

A minha família, pela confiança e motivação.

Aos amigos e colegas, pela força e pela vibração em relação a esta jornada.

Aos professores e colegas de Curso, pois juntos trilhamos uma etapa importante de nossas vidas. Em especial aos colegas Jose Roberto Machado, Ricardo Tows pelas conversas sobre a pesquisa. Meus colegas do Colégio Helena Kolody por me ajudarem com os horários sempre que possível e pela consideração dispensada.

Aos profissionais entrevistados, pela concessão de informações valiosas para a realização deste estudo.

A todos que, com boa intenção, colaboraram para a realização e finalização deste trabalho.

Aos que não impediram a finalização deste estudo.

Minha família, esposa Aline e filho Pedro. A minha mãe, professora garaqueçabana que desde o início me instrui no caminho da cultura e do conhecimento e pelo interesse pela cidade de Guaraqueçaba.

SOUZA, Roberson Miranda. **As singularidades cênicas do Litoral Paranaense: Um olhar sobre a Paisagem Cultural de Guaraqueçaba (PR)**. Tese (Doutorado em Geografia), UEM, Maringá, 2014.

RESUMO

O município de Guaraqueçaba está localizado no Estado do Paraná, na planície costeira, na Microrregião Metropolitana de Paranaguá. Guaraqueçaba é marco histórico, pois está entre as primeiras ocupações existentes no Estado do Paraná por colonizadores portugueses. É uma das áreas mais preservadas de Floresta Atlântica de todo o território Nacional. A presente proposição que se apresenta para ser discutida consiste em avaliar a singularidade da paisagem cultural, o caráter de Guaraqueçaba e a necessidade de preservação decorrente deste fato. Ressaltando-se as paisagens cênicas, a evidente beleza relacionada à harmonia nos traços e nas formas. A paisagem referente a cultura, em foco, tem representatividade uma vez que está relacionada ao registro material do início da construção do território brasileiro. Possui expressão turística, constituindo-se em uma paisagem caráter, que individualiza o município, colocando-o num seleto grupo de cidades históricas paranaenses. A questão ambiental forte e presente no município permeia toda a discussão em torno da preservação das paisagens. Em todo o nosso trabalho o exercício material e intelectual desenvolve-se com a intenção de compreender a personalidade da paisagem guaraqueçabana e atribuir-lhes pontuação de acordo com seus atributos e a cultura material. De forma complementar selecionar as paisagens cênicas e analisar a legibilidade da paisagem urbana. Nos procedimentos e ações procuramos trabalhar na obtenção da ótica dos moradores, ex-moradores e turistas. A metodologia proposta compõe-se da definição e avaliação visual dos componentes e atributos da paisagem, deste modo: a) Guaraqueçaba a partir da baía; b) a baía a partir de Guaraqueçaba; c) A paisagem (urbana) ao longo do cais e da estrada; c) identificação de paisagens características, que permitam através dela reconhecer Guaraqueçaba. A discussão de paisagem urbana e paisagem cênica são complementares. Na análise visual contemplamos o local, o que está em primeiro plano e as incursões que tem uma escala de alcance muitas vezes além do visual. Para determinar o caráter da paisagem levamos em consideração os seus atributos. Quais são os atributos da paisagem? São os quais mudam o conjunto de elementos e os quais influem neles. Analisamos as questões que envolvem a pavimentação da estrada PR-405, e as consequências que podem ser previstas e evitadas para a manutenção das paisagens cênicas, e o que é mais importante, a utilização racional desse potencial paisagístico.

Palavras-chave: Guaraqueçaba. Paisagem Cultural. Paisagem Caráter. Meio Ambiente.

SOUZA, Roberson Miranda. **The Scenic Singularities of Coastline Paranaense. A Look at the Cultural Landscape of Guaraqueçaba (PR)**. Thesis (Doctorate in Geography), UEM, Maringá, 2014.

ABSTRACT

The Guaraqueçaba city is located in Paraná state, on the coastal plain, at the region metropolitan of Paranaguá. Guaraqueçaba is a historic landmark, because it is among the first occupations by Portuguese settlers existing in Paraná state. It is one of the best preserved areas of Atlantic forest all over the country. The theme to be discussed consists in the evaluate on of the singularity of the cultural landscape, in short, the single character of the city and, due to this fact, the necessity to preserve it. Emphasizing the scenic landscapes, an evident scenic beauty related to its harmony in the traits and forms. The cultural landscape, in focus, has representativity because it is related to the material record of the start of construction of the Brazilian territory. It has a tourist expression, thus becoming a character landscape, which distinguishes the municipality, placing it in a select group of Paraná historic cities. The entire discussion is about preserving the landscapes, it happens in consequence of the strong existence of environment issue at the city. In the whole work around this thesis, the intellectual and material exercises are developed with the intention to understand the personality from Guaraqueçaba's landscape and assign it a score according to its attributes and material culture. Complementarily, to select the scenic landscapes and analyze the legibility of the urban landscape. Procedures and actions seek to work in getting the perspective of residents, former residents and tourists. The attempt was to merge the methodological naturalist model used by M. Passos, based on G. Bertrand by the way of working with the cultural landscape of H. Yamaki techer. The proposed methodology consists in the definition and evaluation of visual components and landscape attributes, thus: a) Guaraqueçaba starting from the bay; b) the bay starting from Guaraqueçaba; c) the urban landscape along the pier and the road; d) landscape features' identification; that allow, recognize Guaraqueçaba. The discussion about the scenic and urban landscape are complementary. The visual analysis contemplates the place, that's in the first plane, and the incursions which have a wide reach often beyond the visual. To determine the landscape character, we take into account its attributes. What are the landscape attributes? They are the ones that change and influence in the sets of elements. The issues surrounding the paving of road PR - 405 are analyzed, even the consequences that can be foreseen and avoided to maintain the scenic landscapes, and the most important, the rational utilization from this landscaping potential.

Keywords: Guaraqueçaba. Landscape Culture. Landscape Character. Environment.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| FIGURA 1. LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO. SOUZA, R.M. (2014).----- | 16 |
| FIGURA 2. DIAGRAMA METODOLÓGICO. AUTOR: SOUZA, R. M.----- | 28 |
| FIGURA 3. ÁREA DE MANGUE PERTENCENTE À ESTAÇÃO ECOLÓGICA E AO FUNDO O MORRO DO ITAQUI VISTO DA BAÍA DE GUARAQUEÇABA. PODEM SER OBSERVADAS CAMADAS NATURAIS NESSA PAISAGEM: A BAÍA COMO ELEMENTO DE ORDEM, 01 O MANGUE, 02 A ILHA DO POVOÇÁ, 03 O MORRO DO ITAQUI (PONTO FOCAL), 04 O PICO MARUMBI (PONTO FOCAL E GEOSÍMBOLO). AUTOR: SOUZA, R.M. (JAN. 2012).----- | 37 |
| FIGURA 4. O SKYLINE DA PR-405 EM SUAS VARIADAS CAMADAS (LAMPTON, 2006). SENDO A ESTRADA O ELEMENTO DE ORDEM, 01 A FLORESTA MARGINAL, 02 AS SERRAS, 03 AS SERRAS MAIS DISTANTES. AUTOR: SOUZA, R. M. (JAN. 2013).----- | 40 |
| FIGURA 5. MAPA FITOGEOGRÁFICO DO MUNICÍPIO DE GUARAQUEÇABA ----- | 46 |
| FIGURA 6. AS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DE GUARAQUEÇABA. ADAPTAÇÃO: SOUZA, R.M. (2011). ----- | 51 |
| FIGURA 7. SUPERAGUI EM DOIS MOMENTOS. (01) SUPERAGUI, WILHELM MICHAUD, (1829-1902); PAISAGEM DO SUPERAGUI (2), NA TELA DE IVAN GONÇALVES COSTA (2010). AUTOR: COSTA, I.G. (2010). ----- | 54 |
| FIGURA 8. OS ANIMAIS APARECEM NAS PINTURAS ASSOCIADOS À PAISAGEM DE GUARAQUEÇABA: (01) AVES MARINHAS NO PARQUE NACIONAL DO SUPERAGÜI (COSTA, I.G.); (02) O MICO-LEÃO DA CARA PRETA (ALVES, I. W.) ESPÉCIE ENDÊMICA; (03) CAVALOS NA BACIA HIDROGRÁFICA (ALVES, I. W.); (04) PAPAGAIO CHAUÁ (SOUZA, A. A.); (05) O MAR E O PEIXE PINTADOS NA CERÂMICA. ORGANIZAÇÃO: SOUZA, R. M. (JAN.2013).----- | 57 |
| FIGURA 9. SALTO MORATO. SOUZA, R.M. (JAN.2013). AUTOR: SOUZA, R.M. (JAN. 2013). ----- | 61 |
| FIGURA 10. CAMINHÃO CARREGADO DE PALMITO EM CONSERVA. AUTOR: SOUZA, R, M. (JAN. 2013).----- | 63 |
| FIGURA 11. A PROMESSA DO GOVERNO CASA COM A CONSTRUÇÃO DO ASFALTO DA PR – 405 TEM SIDO UMA ASPIRAÇÃO DA POPULAÇÃO SOFRE COM A FALTA DE ASFALTO. A ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DE GUARAQUEÇABA INICIOU UM MANIFESTO, RECOLHENDO ASSINATURAS PARA COBRAR DO GOVERNO AÇÕES DE MELHORIAS NA ESTRADA. FONTE: ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DE GUARAQUEÇABA (2012). ----- | 78 |
| FIGURA 12. DEVASTAÇÃO DA FLORESTA ATUAL NO ENTORNO DA PR-405 PARA CONSTRUÇÃO DE PASTAGEM PRÓXIMO A PONTE DO RIO GUARAQUEÇABA. AUTOR: SOUZA, R. M. (MAR/2012).----- | 80 |
| FIGURA 13. ALTERAÇÕES MARGINAIS NA PR-405 NA LOCALIDADE DE POTINGA PARA PRODUÇÃO DE LAVOURAS DE SUBSISTÊNCIA E PEQUENOS REBANHOS DE GADO. AUTOR: SOUZA, R.M. (MAR/2012).----- | 80 |
| FIGURA 14. PAISAGENS VISTAS A PARTIR DA PR 405 ----- | 82 |
| FIGURA 15. ESTRADA TENDO COMO PONTO FOCAL A SERRA. AUTOR: SOUZA, R.M. (JAN.2013). ----- | 83 |
| FIGURA 16. PONTE E RIO. SOUZA, R. M. (JAN.2013).----- | 85 |
| FIGURA 17. A BELEZA DA PAISAGEM DO RIO GUARAQUEÇABA. AUTOR: SOUZA, R. M. (JAN.2013).----- | 86 |
| FIGURA 18. BUBALINO E ALAGADO. AUTOR: SOUZA, R. M. (JAN.2013). ----- | 87 |
| FIGURA 19. MONUMENTO MIRANTE, CONSTRUÍDO PELA INAUGURAÇÃO DA PR-405. AUTOR: SOUZA, R.M. (FEV. 2012).----- | 88 |

| | |
|--|-----|
| FIGURA 20. BANANAL E SOPÉ DA SERRA. AUTOR: SOUZA, R. M. (JAN. 2012). | 89 |
| FIGURA 21. TÍPICA PROPRIEDADE RURAL QUE MARGEIA A PR-405, CASA DE MADEIRA, GRAMADO NA FRENTE E A CRIAÇÃO DE ALGUNS ANIMAIS. SOUZ, R.M. (FEV.2012). | 90 |
| FIGURA 22. PORTEIRA E CASA DE MADEIRA NO ENTORNO DA PR-405 RODEADA POR PALMITO (JUSSARA). SOUZA, R. M. (JAN. 2012). | 90 |
| FIGURA 23. HISTÓRICO DA OCUPAÇÃO AGRÍCOLA EM GUARAQUEÇABA, SÉCULO XX. AUTOR: RODRIGUES (2005). | 96 |
| FIGURA 24. CULTIVO DE PALMEIRA REAL NO MORATO. SOUZA. R.M. (JAN. 2013). | 97 |
| FIGURA 25. NESTA TELA QUE RETRATA A BAÍA EM 1887 APARECEMOS CASARÕES NA PONTA DO MORRETES ONDE SE FAZIA BENEFICIAMENTO DE ARROZ. FONTE: VON BEHR (1997). | 101 |
| FIGURA 26. AS FUNDAÇÕES AINDA EXISTENTES DOS CASARÕES DO SÉCULO XIX. AUTOR: SOUZA, R. M. (JAN. 2012). | 101 |
| FIGURA 27. AS FONTES PERTENCEM AOS NÚCLEOS MAIS ANTIGOS DA CIDADE: VILA E ROCIO E COSTÃO. FONTE CONSTRUÍDA EM 1922. FONTE: AUTOR: ALVES, J.A. | 102 |
| FIGURA 28. MONUMENTO ATUAL, ANTIGA CAIXA D'ÁGUA. AUTOR: SOUZA, R, M. (JAN. 2013). | 102 |
| FIGURA 29. ANTIGA FONTE D'ÁGUA DA VILA EM DOIS MOMENTOS. SOUZA, R, M. (JAN. 2013). | 103 |
| FIGURA 30. FONTE MENCIONADA NA OBRA DE ALVAR HOJE UM DEPÓSITO PARTICULAR E LIXEIRA. SOUZA. R.M. (JAN. 2013). | 104 |
| FIGURA 31. PRÉDIO DA ANTIGA PREFEITURA. SOUZA, R, M. (JAN. 2013). | 105 |
| FIGURA 32. DETALHE "ÁGUIA". SOUZA, R, M. (JAN. 2013). | 105 |
| FIGURA 33. CONJUNTO DE CASAS, DENTRE ELAS O PRÉDIO DA ANTIGA PREFEITURA CONSTRUÍDO EM 1925. FONTE: ALVES, J. A. | 106 |
| FIGURA 34. GUARAQUEÇABA EM 1975. FONTE: ALVES, J.A. | 107 |
| FIGURA 35. CENTRO HISTÓRICO VISTO DA BAÍA, ONDE SE LOCALIZA O CONJUNTO DE CONSTRUÇÕES HISTÓRICAS DO "MERCADO" E DO "CASARÃO DO IBAMA". AUTOR: SOUZA, R.M. (JAN.2013). | 108 |
| FIGURA 36. BARCO/ BALAUSTRAS. CASARÃO E MERCADO. SOUZA, R.M. (JAN. 2013). | 108 |
| FIGURA 37. CASARÃO E ANTIGA FÁBRICA DE BENEFICIAR PALMITO. FONTE: MUNIZ, J. | 109 |
| FIGURA 38. A VILA VISTA DA PONTA DO MORRETES EM 1975. FONTE: ALVES, J. A. | 109 |
| FIGURA 39. TOPONÍMIA DA CIDADE DE GUARAQUEÇABA | 115 |
| FIGURA 40. MONUMENTO AO GUARÁ, INAUGURADO EM MARÇO DE 2004, EM UM DAS MÚLTIPLAS REFORMAS DA PRAÇA WILLIAM MICHAUD HOUVE A SUA DEMOLIÇÃO. AUTOR: SOUZA, R.M. (NOV. 2005). | 117 |
| FIGURA 41. BAÍA E MORROS VISTA DO BARCO DE CARREIRA A CINCO QUILOMETROS . SOUZA, R.M. (JAN. 2013). | 121 |
| FIGURA 42. TOPONÍMIA DO ENTORNO DA BAÍA DE GUARAQUEÇABA. | 123 |
| FIGURA 43. PATRIMÔNIO HISTÓRICO-CULTURAL E CAMINHOS DE ACESSO. SÃO PROPOSTAS DE PASSEIOS PARA SE APRECIAR AS PAISAGENS GUARAQUEÇABANAS. OPTOU-SE PELO NOME USUAL DESSES CAMINHOS. | 124 |
| FIGURA 44. VISTAS PANORÂMICAS DE GUARAQUEÇABA A PARTIR DA BAÍA. | 125 |
| FIGURA 45. CERQUINHO, VISÃO A PARTIR DA BAÍA. AUTOR: SOUZA, R.M. (JAN. 2013). | 126 |

| | |
|---|-----|
| FIGURA 46. O CERQUINHO COM OS SEUS TÍPICOS RANCHOS PARA GUARDAR AS CANOAS. AUTOR: SOUZA, R. M. (JAN. 2013). | 126 |
| FIGURA 47. VISTA DO FINAL DO TRAPICHE, CERQUINHO E PONTA DO MORRETES EM CONJUNTO. SOUZA, R.M. (JAN. 2013) | 127 |
| FIGURA 48. MARINA/HOTEL E TORRE DE COMUNICAÇÃO COMO PONTO FOCAL. SOUZA, R.M. (JAN. 2013). | 127 |
| FIGURA 49. MORRO DO QUITUMBÊ E DO FRANCO NA FACE NORTE. SOUZA, R.M. (JAN. 2013). | 128 |
| FIGURA 50. PONTA DO MORRETES VISTA DA BAÍA. SOUZA, R.M. (JAN. 2013). | 130 |
| FIGURA 51. BARCOS E CAPELA. SOUZA, R.M. (JAN. 2013). | 131 |
| FIGURA 52. CASARÃO HISTÓRICO. AUTOR: SOUZA, R.M. (JAN. 2013). | 131 |
| FIGURA 53. PRAÇA E TORRE DE COMUNICAÇÃO COMO PONTO FOCAL. AUTOR: SOUZA, R.M. (JAN. 2013). | 132 |
| FIGURA 54. BAIRRO DO COSTÃO NO SOPÉ DO MORRO DO FRANCO, VISTA DO BARCO, PRÓXIMO DA PONTA DA RAMPA. AUTOR: SOUZA, R.M. (JAN.2012). | 133 |
| FIGURA 55. CASAS SOBRE A ROCHA NO COSTÃO. (JAN.2012). | 134 |
| FIGURA 56. Pousada no Costão. (JAN.2012). | 134 |
| FIGURA 57. CONJUNTO DE CASAS NO COSTÃO. (JAN.2012). | 135 |
| FIGURA 58. CASAS ASSOCIADAS AOS RANCHOS DE GUARDAR CANOAS. AUTOR: SOUZA, R.M. (JAN.2012). | 135 |
| FIGURA 59. RANCHOS E CASAS DE PESCADORES. (JAN.2012). | 136 |
| FIGURA 60. PORTO NO BARCELOS. (JAN.2012). | 136 |
| FIGURA 61. ESTUÁRIO, BARCOS E PESCADORES. VARAS E BOIAS NO CANAL SÃO UTILIZADAS NESSE PONTO PAGA AMARAR AS EMBARCAÇÕES. AUTOR: SOUZA, R, M. (JAN. 2013). | 137 |
| FIGURA 62. MARINA DO QUITO. AUTOR: SOUZA, R, M. (JAN. 2013) | 138 |
| FIGURA 63. CANOA. AUTOR: SOUZA, R, M. (JAN. 2013). | 138 |
| FIGURA 64. VISTA DE GUARAQUEÇABA PARA A BAÍA. | 140 |
| FIGURA 65. TRAPICHE. AUTOR: SOUZA, R, M. (JAN. 2013). | 141 |
| FIGURA 66. TORRE DE COMUNICAÇÃO. AUTOR: SOUZA, R, M. (JAN. 2013). | 141 |
| FIGURA 67. TRAPICHE DO CERQUINHO. AUTOR: SOUZA, R, M. (JAN. 2013).. | 142 |
| FIGURA 68. BARCOS E CANOAS. AUTOR: SOUZA, R, M. (JAN. 2013). | 142 |
| FIGURA 69. RANCHO. AUTOR: SOUZA, R, M. (JAN. 2013). | 143 |
| FIGURA 70. TRANSPORTE ESCOLAR. AUTOR: SOUZA, R, M. (JAN. 2013). | 143 |
| FIGURA 71. ANTIGA PEIXARIA, HOJE SALA DE AULA DA PUC. AUTOR: SOUZA, R, M. (JAN. 2013). | 144 |
| FIGURA 72. BARCO GUARDADO. AUTOR: SOUZA, R, M. (JAN. 2013). | 144 |
| FIGURA 73. RANCHO PARA BARCOS. AUTOR: SOUZA, R, M. (JAN. 2013). | 145 |
| FIGURA 74. RESIDENCIA E RANCHO. NESSA PAISAGEM O RANCHO DE GUARDAR AS CANOAS APRESENTA TELHAS DE FIBRO CIMENTO (ETERNIT), EM SUBSTITUIÇÃO HÁ COBERTURA DE PALHA QUE SE UTILIZAVA NO PASSADO CONTRASTANDO COM O TELHADO DE BARRO DA CASA. AS RESIDÊNCIAS DE ALVENARIA SUBSTITUEM AOS POUCOS AS CASAS DE MADEIRA. AUTOR: SOUZA, R, M. (JAN. 2012). | 145 |
| FIGURA 75. CANOA GUARDADA EM CASA. AUTOR: SOUZA, R, M. (JAN. 2012). | 146 |
| FIGURA 76. COLÉGIO MARCÍLIO DIAS E PRAÇA. AUTOR: SOUZA, R, M. (JAN. 2013). | 146 |

| | |
|---|-----|
| FIGURA 77. A PAISAGEM AO NORTE DA CIDADE VISTA DO CENTRO, O MORRO GRANDE. AUTOR: SOUZA, R.M. (JAN. 2013).----- | 147 |
| FIGURA 78. RUA E PALMEIRAS REAIS. SOUZA, R, M. (JAN. 2013).----- | 147 |
| FIGURA 79. HOSPITAL BRIGADEIRO EPPINGHAUS. SOUZA, R, M. (JAN. 2013).----- | 148 |
| FIGURA 80. POSTO ODONTOLÓGICO. SOUZA, R, M. (JAN. 2013).----- | 148 |
| FIGURA 81. RELÓGIO DE SOL AO LADO DO SALÃO PAROQUIAL. SOUZA, R, M. (JAN. 2013).----- | 149 |
| FIGURA 82. CASA ANTIGA. SOUZA, R, M. (JAN. 2013).----- | 150 |
| FIGURA 83. PREFEITURA. AUTOR: SOUZA, R. M. (JAN. 2013).----- | 150 |
| FIGURA 84. CAPELA BOM JESUS DOS PERDÕES. A CAPELA CATÓLICA ESTRATEGICAMENTE SITUADA NO MORRO DO QUITUMBÊ PARA PASSAR IDEIA DE UMA CIDADE NO QUAL O CATOLICISMO É PRESENTE E IMPORTANTE. SOUZA, R, M. (JAN. 2013).----- | 151 |
| FIGURA 85. TEMPLO RELIGIOSO. SOUZA, R, M. (JAN. 2013).----- | 151 |
| FIGURA 86. FUNDAÇÕES ANTIGAS. SOUZA, R, M. (JAN. 2013).----- | 152 |
| FIGURA 87. PASSARELA. SOUZA, R, M. (JAN. 2013).----- | 152 |
| FIGURA 88. FALSA-SERINGUEIRA DA PONTA DO MORRETES, “ <i>OLD TREE</i> ”. SOUZA, R, M. (JAN. 2013).----- | 153 |
| FIGURA 89. VISTA DA PONTA DA RAMP A PARTIR DA PONTA DO MORRETES. SOUZA, R, M. (JAN. 2013).----- | 154 |
| FIGURA 90. QUITUMBÊ VISTO DA PASSARELA DA PONTA DO MORRETES. SOUZA, R, M. (JAN. 2013).----- | 154 |
| FIGURA 91. MORRO DO ITAQUI. AUTOR: SOUZA, R.M. (JAN. 2012)----- | 154 |
| FIGURA 92. PASSARELA DA PONTA DO MORRETES ELEMENTO DE ORDEM DA QUAL É POSSÍVEL SE OBTER UMA EXCELENTE VISTA DA BAÍA, DOS MANGUEZAIS E DOS MORROS. AUTOR: SOUZA, R. M. (JAN.2013).----- | 155 |
| FIGURA 93. O MORRO DO TROMOMO, IMPONENTE PONTO FOCAL. DEVIDO AO SEU TAMANHO E LOCALIZAÇÃO ESSE MORRO É VISTO DESDE A PONTA DO MORRETES ATÉ AO FINAL DO COSTÃO.AUTOR: SOUZA, R.M. (JAN. 2013).----- | 156 |
| FIGURA 94. BARCO “DE CARREIRA”. AUTOR: SOUZA, R, M. (JAN. 2013).----- | 156 |
| FIGURA 95. FLUTUANTE DO POSTO. AUTOR: SOUZA, R, M. (JAN. 2013).----- | 157 |
| FIGURA 96. BARCO DE CARREIRA NO FLUTUANTE DA RAMP A. A PONTA DA RAMP A É O ATRACADOURO PRINCIPAL. AUTOR: SOUZA, R, M. (JAN. 2013).----- | 157 |
| FIGURA 97. BARCOS NA PRAINHA COM MARÉ BAIXA. AUTOR: SOUZA, R, M. (JAN. 2013).----- | 158 |
| FIGURA 98. PORTO NO BAIRRO DO COSTÃO COM A MARÉ BAIXA. AO FUNDO OS MORROS DE SERRA NEGRA E O MANGUEZAL NA ENTRADA PARA O RIO DAS CANOAS. AUTOR: SOUZA, R, M. (JAN. 2012).----- | 159 |
| FIGURA 99. VISTA DA “PONTA DO MANGUE” E ILHA RASA AO SUL E CAETÊ AO NORTE, A PARTIR DA PEDRA GRANDE. AUTOR: SOUZA, R. M. (JAN. 2013).----- | 161 |
| FIGURA 100. PRÉDIO DA ANTIGA PREFEITURA COM AS ÁGUIAS PRATEADAS. SOUZA, R, M. (JAN. 2013).----- | 162 |
| FIGURA 101. DESCIDA PARA A PRAÇA WILLIAM MICHAUD. SOUZA, R, M. (JAN. 2013).----- | 163 |
| FIGURA 102. PRAÇA WILLIAM MICHAUD. SOUZA, R, M. (JAN. 2013).----- | 164 |
| FIGURA 103. COBERTURA DAS CALÇADAS, FUNCIONALIDADE. SOUZA, R, M. (JAN. 2013).----- | 164 |
| FIGURA 104. ENTRADA PARA O BAIRRO DO COSTÃO. SOUZA, R, M. (JAN. 2013).----- | 165 |
| FIGURA 105. NA VILA, DESTACA-SE O DEQUE EM FRENTE AO MERCADO AO LADO DA VARANDA DA POUSADA GUARAQUEÇABA COM BALAUÍSTRES. SOUZA, R, M. (JAN. 2013).----- | 165 |

| | |
|---|-----|
| FIGURA 106. RESIDÊNCIA. SOUZA, R, M. (JAN. 2013). ----- | 166 |
| FIGURA 107. CASA COM AS FUNDAÇÕES ALTAS. AUTOR: SOUZA, R. M. (JAN. 2012)----- | 166 |
| FIGURA 108. O BARCO QUE FAZ A LINHA GUARAQUEÇABA-PARANAGUÁ ENCOSTADO NA PRAIA, NO COSTÃO, DURANTE A MARÉ BAIXA. AUTOR: SOUZA, R. M. (JAN. 2013)----- | 167 |
| FIGURA 109. "GARAGEM" PARA EMBARCAÇÕES, COSTÃO. AUTOR: SOUZA, R. M. (JAN. 2012). ----- | 167 |
| FIGURA 110. CAMINHO DO COSTÃO ANTES DO BARCELOS. AUTOR: SOUZA, R. M. (JAN. 2012). ----- | 168 |
| FIGURA 111. PESCADORES FAZENDO REDES DE PESCA NO COSTÃO. AUTOR: SOUZA, R. M. (JAN. 2012). ----- | 168 |
| FIGURA 112. ANTIGO DEPÓSITO DE LIXO DO RETIRO. AUTOR. SOUZA, R.M. (JAN. 2013). ----- | 169 |
| FIGURA 113. CASAS E MORROS, NO BAIRRO DA RETA. AUTOR; SOUZA, R. M. (JAN. 2013). ----- | 169 |
| FIGURA 114. FARINHA PRODUZIDA EM POTINGA E COMERCIALIZADA NA REGIÃO. AUTOR: SOUZA, R.M. 08 JUL. 2014. ----- | 175 |
| FIGURA 115. NO DETALHE, TIPO DE PLACA PARA PEDESTRES. A TRADICIONAL MERCEARIA RODRIGUES É UM BAR E RESTAURANTE SITUADO NA ENTRADA PARA O BAIRRO DO COSTÃO. UMA OPÇÃO GASTRONÔMICA É A CARNE DE SIRI, ALÉM DA DECORAÇÃO RETRO. AUTOR: SOUZA, R.M. (JAN. 2013).----- | 178 |
| FIGURA 116. ARTESANATO LOCAL. AUTOR: SOUZA, R, M. (JAN. 2013).----- | 180 |
| FIGURA 117. GUARAQUEÇABA EM 1920. TELA PINTADA EM UM ABAJUR QUE RETRATA A NATUREZA E O HOMEM. AUTOR: SOUZA, R.M. (JAN. 2012)..----- | 182 |
| FIGURA 118. PAISAGEM DE GUARAQUEÇABA EM 1980. TELA DE IDA W. ALVES. AUTOR: SOUZA, R.M. (JAN. 2012). ----- | 183 |
| FIGURA 119. NESSE DESENHO SÃO REPRESENTADOS PESCADORES TRADICIONAIS COM CANOA A REMO. AO FUNDO A SERRA DO ITAQUI E O MORRO DO TROMOMO, DESENHO DE JULIANA MIRANDA (2002). AUTOR: SOUZA, R.M. (JAN. 2012).----- | 183 |
| FIGURA 120. PAISAGEM COM COLONOS II. ELEMENTOS CULTURAIS COMO A CANO, A BANANEIRA EM CONJUNTO COM A BAÍA E AS SERRAS. RENATE BUDLER (2011). AUTOR: SOUZA, R.M. (JAN. 2012).----- | 185 |
| FIGURA 121. PALMEIRA, BARCO E NATUREZA. IVAN GONÇALVES CORDEIRO (2004). AUTOR: SOUZA, R.M. (JAN. 2012). ----- | 185 |
| FIGURA 122. GUARAQUEÇABA, J. MAIA. AUTOR: SOUZA, R.M. (JAN. 2012). ----- | 186 |
| FIGURA 123. BARCOS FUNDEADOS NO ESTUÁRIO. CACAU LOUREIRO (2008). AUTOR: SOUZA, R.M. (JAN.2012). ----- | 187 |
| FIGURA 124. PONTA DO MORRETES. MARISTELA USSUI (1999). AUTOR: SOUZA, R.M. (JAN. 2012). ----- | 187 |
| FIGURA 125. A PONTA DO MANGUE VISTA DO QUITUMBÊ. TELA DE IDA W. ALVES. AUTOR: SOUZA, R.M. (JAN. 2012). ----- | 188 |
| FIGURA 126. PAISAGEM NOTURNA DO LUAR EM GUARAQUEÇABA, DE ADAILTON GALDINO (2000). AUTOR: SOUZA, R.M. (JAN. 2012).----- | 189 |
| FIGURA 127. PESCADORES. FONTE: ALVES, J. A. ----- | 191 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|-----|
| QUADRO 1. QUESTIONÁRIO APLICADO AOS MORADORES, EX-MORADORES E TURISTAS DE GUARAQUEÇABA/PR..... | 31 |
| QUADRO 2. EXEMPLO DA APLICAÇÃO DA AVALIAÇÃO DOS ATRIBUTOS DA PAISAGEM EM GUARAQUEÇABA. ORGANIZAÇÃO: SOUZA, R.M..... | 34 |
| QUADRO 3. PARÂMETROS PARA PONTUAÇÃO DAS PAISAGENS CÊNICAS | 36 |
| QUADRO 4. A AVALIAÇÃO DA PAISAGEM CÊNICA DA SERRA DO ITAQUIQUADRO..... | 38 |
| QUADRO 5. PARÂMETROS PARA LEGIBILIDADE URBANAQUADRO..... | 39 |
| QUADRO 6. ESQUEMA COM ETAPAS PROPOSTAS PARA ESTUDO DA PAISAGEM DE ESTRADAS | 41 |
| QUADRO 7. AVALIAÇÃO DA QUALIDADE CÊNICA DA PAISAGEM NO PERCURSO DA PR 405. PONTUAÇÃO ESTABELECID CONFORME CADA FATOR PODE SER IDENTIFICADO NA PAISAGEM. | 84 |
| QUADRO 8. AVALIAÇÃO DA QUALIDADE CÊNICA DA PAISAGEM DE GUARAQUEÇABA. PONTUAÇÃO ESTABELECID CONFORME CADA FATOR PODE SER IDENTIFICADO NA PAISAGEM. | 120 |

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

APA – ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL

COLIT - CONSELHO DE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL DO LITORAL PARANAENSE

DER – DEPARTAMENTO DE RODOVIAS DO PARANÁ

IAP – INSTITUTO AMBIENTAL DO PARANÁ

IBAMA – INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS RENOVÁVEIS

IPHAN - INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

IPARDES – INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL

PDM – PLANO DIRETOR MUNICIPAL

PROVOPAR – PROGRAMA DO VOLUNTARIADO PARANAENSE

UC – UNIDADE DE CONSERVAÇÃO

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 15 |
| 2. PAISAGEM CULTURAL | 18 |
| 2.1 PAISAGEM CARÁTER | 23 |
| 2.2 PAISAGEM CÊNICA | 24 |
| 3. PROCEDIMENTOS E AÇÕES | 26 |
| 3.1. DIAGRAMA METODOLÓGICO | 26 |
| 3.2 GEOSSISTEMA E PAISAGEM CULTURAL | 29 |
| 3.3 AVALIAÇÃO DO CARÁTER DA PAISAGEM | 29 |
| 3.3.1 Porque o foco na avaliação da paisagem? | 29 |
| 3.4 AVALIAÇÃO DO CARÁTER DA PAISAGEM DE GUARAQUEÇABA | 30 |
| 3.4.1 Percepção dos moradores, ex-moradores e turistas | 31 |
| 3.4.2 Avaliação dos atributos da paisagem | 32 |
| 3.5 AVALIAÇÃO VISUAL DA PAISAGEM DE GUARAQUEÇABA | 36 |
| 4. A PAISAGEM DE GUARAQUEÇABA | 42 |
| 4.1 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA | 42 |
| 4.2 A EMERÇÃO DA TEMÁTICA AMBIENTAL EM ESCALA MUNDIAL E SUA INFLUÊNCIA EM GUARAQUEÇABA | 47 |
| 4.3 A QUESTÃO AMBIENTAL LOCAL | 49 |
| 4.3.1 O Superagui | 54 |
| 4.3.2 A Estação Ecológica de Guaraqueçaba e a Reserva da Biosfera | 58 |
| A Estação Ecológica de Guaraqueçaba e a Reserva da Biosfera | 58 |
| 4.3.3 Implantação do ICMS Ecológico do Estado do Paraná e a Reserva Natural do Salto Morato | 60 |
| 4.3.4 Exploração do palmito na Floresta Atlântica, as Lavouras ilegais e a destruição da floresta | 62 |
| 4.3.5 Zoneamento Ecológico-Econômico da APA de Guaraqueçaba (IPARDES/IBAMA) | 65 |
| 4.4 AS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO E A PRESERVAÇÃO DA PAISAGEM NATURAL DE GUARAQUEÇABA | 67 |

| | |
|---|------------|
| 4.4.1 Os territórios de uns e as paisagens de outros----- | 67 |
| 4.4.2 Geossistema, Território e Paisagem ----- | 68 |
| 4.5 PR 405: CONTROVÉRSIAS E POSSIBILIDADES ----- | 70 |
| 4.5.1 Caso tivesse sido construído o trecho da BR-101 passando pelo município de Guaraqueçaba - | 72 |
| 4.5.2 Estrada-parque ----- | 73 |
| 4.5.3 PR 405: a Estrada-Parque de Guaraqueçaba ----- | 76 |
| 4.5.4 Desafios da PR-405 e a valorização Paisagem Cultural ----- | 81 |
| | |
| 5. ASPECTOS HISTÓRICOS E A FORMAÇÃO DA PAISAGEM DE GUARAQUEÇABA---- | 92 |
| | |
| 5.1 VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ----- | 92 |
| 5.2 A ORIGEM DOS CASARIOS COLONIAIS ----- | 93 |
| 5.3 AGRICULTURA DE SUBSISTÊNCIA, ISOLAMENTO E DECADÊNCIA ECONÔMICA ----- | 94 |
| 5.4 O PATRIMÔNIO HISTÓRICO DA CIDADE DE GUARAQUEÇABA ----- | 98 |
| 5.4.1 Significado do espaço e perda do significado----- | 98 |
| 5.4.2 O que era antes o local onde beneficiava-se arroz hoje é o resquício da história materializada no espaço ----- | 99 |
| 5.4.3 Monumentos: o que se pode retirar hoje das antigas fontes d'água ----- | 100 |
| 5.4.4 Edificações Históricas ----- | 104 |
| | |
| 6. TOPONIOS, PAISAGENS E AVALIAÇÃO VISUAL ----- | 114 |
| | |
| 6.1 TOPONÍMIA: SABER ESPACIAL LOCAL----- | 114 |
| 6.2 PATRIMÔNIO HISTÓRICO-CULTURAL E SEUS CAMINHOS DE ACESSO: DETALHES, ATRIBUTOS, LUGARES E PAISAGENS ----- | 120 |
| 6.2.1. Guaraqueçaba a partir da baía: trajeto de barco ----- | 120 |
| 6.2.2 A baía a partir de Guaraqueçaba: Rua do Cerquinho, Rua e Passarela da Ponta do Morretes, Trilha do Quitembê, Caminho do Costão e Reta. ----- | 137 |
| | |
| 7. A PAISAGEM CULTURAL E CÊNICA DE GUARAQUEÇABA REPRESENTADA ----- | 171 |
| | |
| 7.1 VALORIZAÇÃO E CONSTRUÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL ----- | 171 |
| 7.2 Os LIVROS ----- | 171 |
| 7.2.1 Duas obras ressaltando-se sociedade, natureza e a paisagem----- | 171 |

| | |
|--|------------|
| 7.3 A “ALMA” DO LUGAR: PRODUTOS, TELAS E DESENHOS ----- | 174 |
| 7.3.1 Produtos com identidade cultural ----- | 174 |
| 7.3.2 Gastronomia Guaraqueçabana ----- | 176 |
| 7.3.3 Artesanato ----- | 179 |
| 7.3.4 A experiência visual do mundo terrestre de Brueghel e a paisagem das telas de Guaraqueçaba ----- | 180 |
| 7.3.5 Percepção de morador ----- | 190 |
| 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS ----- | 194 |
| REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS ----- | 199 |

INTRODUÇÃO

Partimos para a investigação com um propósito inicial um pouco diferente do que agora se apresenta. Em princípio, tratava-se de procurar com base no Sistema GTP proposto por Bertrand (2009) analisar a paisagem de Guaraqueçaba. Pretendia-se, então, realizar uma análise visando discutir Meio Ambiente e Paisagem numa abordagem já bastante utilizada no Brasil. Na etapa de ajuste da metodologia fomos orientados a inovar e trabalhar com a paisagem cultural.

O município de Guaraqueçaba (figura 01) está localizado no Estado do Paraná, na planície costeira. Seu acesso é pela baía de Guaraqueçaba. Está localizada na Mesorregião Metropolitana de Curitiba, mais precisamente na Microrregião Metropolitana de Paranaguá, estando a uma distância de 174 km da capital do estado. Por terra o acesso é pela PR-405, estrada que possui 76 km sem pavimentação. Sua população é de 7.871 habitantes (IBGE, 2010). Apresenta área territorial de 2.020,090 Km². Guaraqueçaba é também um marco histórico, pois está entre as primeiras ocupações existentes no Estado do Paraná por colonizadores portugueses.

A cidade de Guaraqueçaba está situada numa região de rara beleza, sendo ladeada pelas baías de Paranaguá e Laranjeiras e pela elevação da Serra do Mar. Guaraqueçaba apresenta ambientes naturais e preservados em conjunto com o Patrimônio Histórico. A paisagem cultural forma um mosaico que pode ser tomado como modelo para a reflexão sobre uma situação embaraçosa, com variados desdobramentos e soluções difíceis ou penosas: a relação entre a sociedade, o desenvolvimento e a conservação da natureza.

A importância de se estudar a paisagem referente à cultura de Guaraqueçaba se dá por variadas causas que se articulam. Primeiramente realizou-se essa pesquisa não apenas para se conhecer a área de preservação natural, fundamentalmente, dentro da abordagem de paisagem cultural e meio ambiente, buscou-se identificar o caráter de paisagem. Essa é a nossa tese, a singularidade da paisagem cultural, o caráter de Guaraqueçaba, a necessidade de preservação decorrente deste fato e o papel da paisagem-caráter na valorização e atratividade dessa área.

MUNICÍPIO DE GUARAQUEÇABA

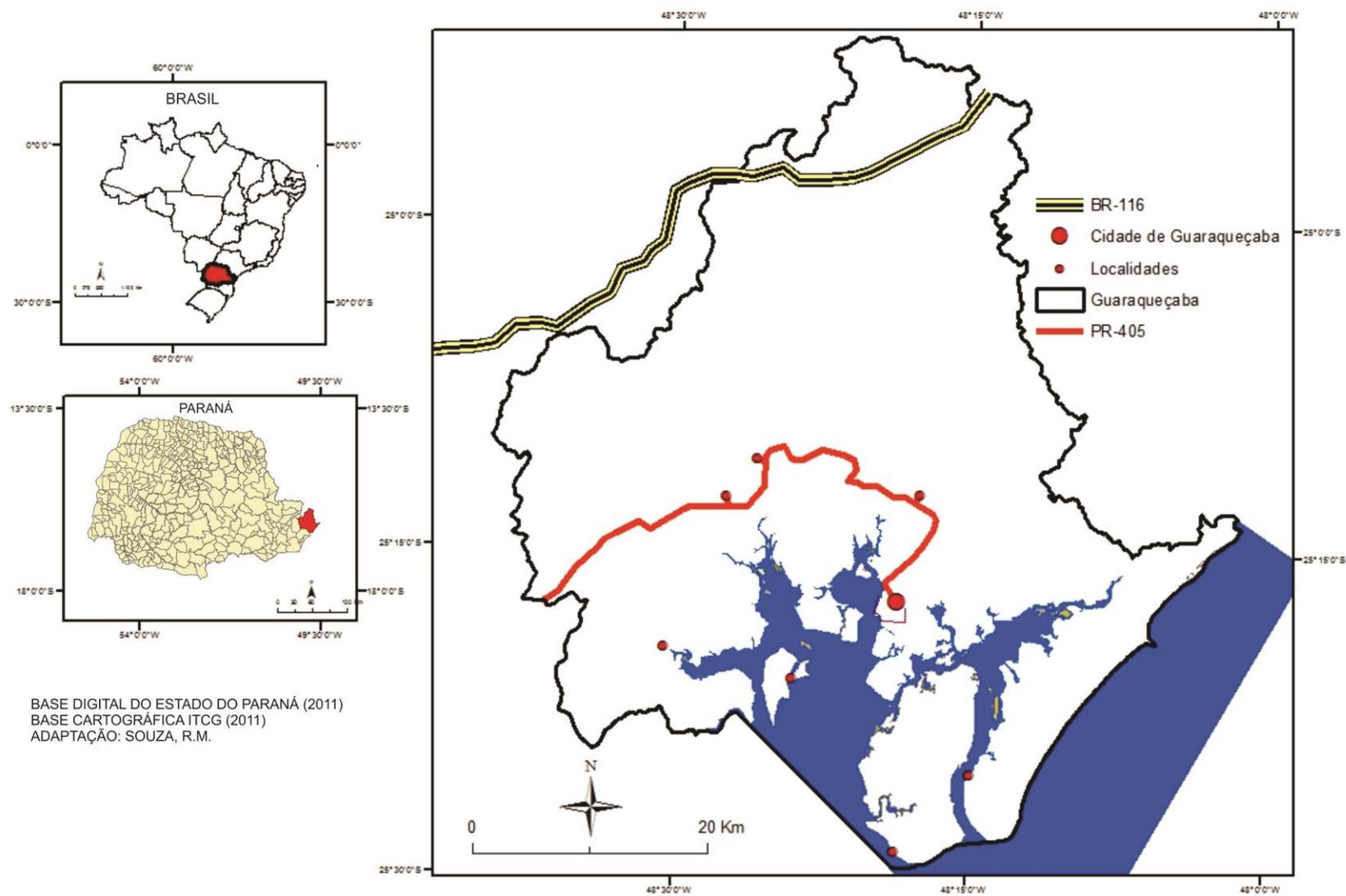


Figura 01. Localização da área de estudo. SOUZA, R.M. (2014).

Ressaltando-se as paisagens cênicas, a evidente beleza cênica é relacionada à harmonia nos traços e nas formas. O que está diante dos olhos nesse recorte espacial, isso inclui a paisagem natural conjugada à herança histórica e cultural. A paisagem referente a cultura tem representatividade, uma vez que está relacionada ao registro material do início da construção do território brasileiro. Possui expressão turística, constituindo-se em uma paisagem caráter, que individualiza o município, colocando-o num seleto grupo de cidades históricas paranaenses.

Fez-se a análise dos reflexos da emergência da questão ambiental em esfera local e a relação existente entre a PR-405 e a ocupação do seu entorno. Analisamos as questões que envolvem a pavimentação da estrada PR-405, e as evidentes consequências que podem ser previstas e evitadas para manutenção das paisagens cênicas, e o que é mais importante, a utilização racional desse potencial paisagístico.

Deste modo, constituiu-se em avaliar o caráter da paisagem de Guaraqueçaba, as características do ordenamento territorial em torno da preservação e o uso de maneira sustentada. Em todo o nosso trabalho, o exercício material e intelectual desenvolve-se com a intenção de compreender a personalidade da paisagem guaraqueçabana e atribuir-lhes pontuação de acordo com seus atributos e a cultura material. De forma complementar selecionar as paisagens cênicas e analisar a legibilidade da paisagem urbana.

Finalmente, ao longo do trabalho desenvolveremos e responderemos as questões que se seguem: se estuda a paisagem para quê? Dentre outras razões, consideramos importante essa reflexão, hoje está bonita à vista, amanhã como estará? Compreendemos que as modificações devem ser lentas. Paisagem é construção, envolve a relação existente entre os atributos e a qualidade visual resultante. Procuramos compreender os atributos e o caráter local. A qualidade cênica da paisagem colabora na identificação da personalidade de uma paisagem. Possuem qualidades cênicas aquelas áreas marcadas pelo contraste, por elementos de ordem, pela presença de camadas, pontos focais, originalidade, integridade, profundidade de tempo e reconhecibilidade. Afinal o que é ordem? O que é contraste? As pessoas acham bonito por quê? Quais são as partes que estão em profunda transformação? Essas transformações são boas ou ruins?

2. PAISAGEM CULTURAL

A noção de paisagem para a Geografia tem sido sempre uma categoria essencial. Entendida de maneira muito diversa em dependência da corrente filosófica e da escola científica usada em sua interpretação (Rodríguez, 2004). Mesmo não sistematizado cientificamente, o termo *Landschaft* existe desde a Idade Média, para designar o território no qual se desenvolvia pequenas unidades de ocupação humana (Silva, 2006). Venturi (2006) ressalta que é no século XIX, com os naturalistas alemães, que o termo paisagem adquiriu um significado científico e transforma-se em conceito geográfico, *Landschaft*, passando a ser mais difundido nos estudos geográficos.

Não se pode negar o significado visual ou artístico, concepção difundida entre os artistas, expressando-se por meio de desenhos e pinturas e a denominação *Kulturlandschaft* utilizada para designar uma paisagem cultural. O geógrafo americano Carl Otwin Sauer (1962) define o estudo das paisagens como a relação entre homem e meio ambiente a partir do estudo da cultura. De forma geral, em qualquer língua, a paisagem tem importante papel na ordenação do território. Ela pode não definir o território, entretanto o representa, pois apresenta uma identidade pessoal, uma identificação patrimonial e cultural construída pela história do território (Bertrand, 2009).

Para Salgueiro (2001), por herança da estética naturalista do romantismo, a paisagem ocupa lugar proeminente na Geografia. Tanto é interpretada como uma porção da superfície da Terra, como se refere aos seus aspectos visíveis. A partir de meados do século XVII tornou-se comum que as cortes europeias enviassem pintores e cientistas para documentar e classificar a fauna e a flora do novo mundo. A natureza brasileira foi documentada por artistas de diversas nacionalidades, como por exemplo, Frans Post, Albert Eckhout, Adrien-Aimée Taunay, Johann Moritz Rugendas, Hercules Florence, Jean-Baptiste Debret. A partir do século XVIII diversos artistas naturalistas registraram a natureza criando imagens que serviram muitas vezes para estudos científicos de botânica e Geografia, geologia, entre outros.

Apesar de muitos artistas pintores da paisagem retratarem uma realidade criada a partir do ideário europeu, a paisagem contemplativa, retratada, bucólicas e sem a preocupação de explicar a organização do espaço, é inegável a contribuição das telas, dentre outros, para a percepção da história paisagística naquele momento histórico. O surgimento da fotografia no século XIX trouxe novos elementos para representação da paisagem. No trabalho de Besse (2006) sobre a paisagem de Brueghel ressalta-se a aproximação entre cartografia (a parte da semiologia) e a representação artística da paisagem. A palavra pintura – *pictura*, apropriada

para expressar pintura na linguagem moderna, foi utilizada pra traduzir a palavra grega *graphikos*, presente em Ptolomeu (BESSE, 2006, p. 18).

Bertrand (1972) não privilegia nem a esfera natural e nem a humana, acreditando que sociedade e natureza estão relacionadas entre si formando uma só “entidade” de um mesmo espaço geográfico. A paisagem não é simples adição de elementos geográficos disparatados. “É uma determinada porção do espaço, resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpetua evolução” (BERTRAND, 1972, p. 2). Para o autor, as diferenças de abordagens podem ser questão de método, envolvendo a análise e a classificação das paisagens, com o interesse definindo o assunto, o método, e os objetivos, sendo que a escala utilizada permitirá detalhes ou imporá os limites de mapeamento e análise. Ao retratar as trajetórias geográficas, Roberto Lobato Correa (1997, p. 289) propõe alguns temas para a análise da dimensão cultural do espaço. Nessa temática, apresenta a paisagem cultural como sendo “um conjunto de formas materiais dispostas e articuladas entre si”. Nessa perspectiva, a paisagem emerge como resultado de uma dada cultura que a modelou, expressando-a em seus diversos aspectos funcionais e simbólicos. Bertrand (2009) quando discorre sobre a irrupção da paisagem levanta essa questão: o estudo da Paisagem é exclusivo da Geografia? Paisagem é um conceito polissêmico. A polissemia (do grego *poli* = "muitos" e *sema* = "significados"), quando uma mesma palavra tem vários significados, e permite mais de uma leitura (DOP, 2013¹). Polissemia da paisagem significa a paisagem interpretada por vários profissionais e artistas das variadas esferas do conhecimento. Existe desse modo a paisagem do artista, do arquiteto e do geógrafo. Para conciliar a multiplicidade de pontos de vistas sobre a mesma noção, é recomendável um esforço de abordagens interdisciplinares no campo científico da produção intelectual e o diálogo com essas outras áreas do conhecimento. Sobre os geógrafos primeiramente, eles precisam se definir em relação a si mesmos. “Eles não são os únicos diante da paisagem e não se esperou por eles” (BERTRAND, 2010, p.329). Segundo ele, paisagem não se resume a exclusividade de uma disciplina apenas,

¹ Polissemia: s.f. Linguística. Que apresenta um grande número significados numa só palavra; cujo significado dependerá do contexto em que a palavra está inserida; por exemplo: cabo , cabo de vassoura, cabo militar, cabo da faca.(Etm. do francês: *polysémie*). Dicionário Online de Português. Disponível em: < <http://www.dicio.com.br/polissemia/>>. Acesso em 14 nov. 2013.

A paisagem não pertence a nenhuma disciplina em especial e a geografia não tem nada a reivindicar, senão a possibilidade de levar sua contribuição ao centro de um procedimento não apenas interdisciplinar, entretanto também profissional, já que ela envolve, em primeira instância urbanistas, arquitetos, paisagistas, sem esquecer os atores políticos e administrativos (BERTAND, 2010, p. 329).

O Estudo da Paisagem GTP (Bertrand, 2010), apresenta três entradas e corresponde a trilogia fonte-recursos-aprovisionamento. É baseada em critérios de antropização, de artificialização e de artilização. Elas abrem três vias metodologias: Geossistema, Território e Paisagem. O Geossistema, conceito naturalista, permite analisar a estrutura e o funcionamento biofísico de um espaço geográfico tal como ele funciona atualmente, ou seja, com seu grau de antropização. O Território, conceito bem conhecido dos geógrafos, que permite aqui analisar as repercussões da organização e dos funcionamentos sociais e econômicos sobre o espaço considerado. A Paisagem, enfim, que representa a dimensão sociocultural deste mesmo conjunto geográfico.

A definição segundo Wagner e Mikesell (2003) de paisagem cultural consiste de um produto concreto, decorrente de interação, preferências e potencial cultural associado a circunstâncias naturais. Foi útil para a caracterização da paisagem referente à cultura, na abordagem da temática ambiental desenvolvida. Segundo eles, poucas paisagens culturais atuais são inteiramente produtos do trabalho de comunidades contemporâneas. A evolução de uma paisagem é um processo gradual e cumulativo, tem uma história. Os estágios nessa história têm significados para a paisagem atual, assim como para as do passado. Além disso, as paisagens culturais atuais do mundo refletem não apenas evoluções locais, como também grande número de influências em razão de migrações, difusão, comércio e trocas. A paisagem cultural apresenta-se como “parte do conjunto compartilhado de ideias, memórias e sentimentos que une uma população” (MEING, 1979).

Para Claval (1995) é pela cultura que as populações fazem a mediação com o mundo e constroem um modo de vida particular, além de se enraizarem no território. Na interpretação da paisagem referente a cultura considera-se que alguns elementos tem significado para os seus habitantes. Tratam-se de ícones com acepção cultural, segundo Bonnemaïson (1981) esses são os “geossímbolos”. Um geossímbolo pode ser definido como um lugar, um itinerário, uma extensão que, por razões religiosas, políticas ou culturais, aos olhos de certas pessoas e grupos étnicos assume uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade.

“Qualquer intervenção humana na natureza envolve sua transformação em cultura, apesar de essa transformação poder não estar sempre visível, especialmente para um estranho” (COSGROVE, 1998, p. 102). A paisagem natural como paisagem cultural, quer dizer que o

“objeto natural tornou-se objeto cultural, foi-lhe atribuído um significado. O significado cultural é introduzido no objeto” (COSGROVE, 1998, p. 103). Num exemplo universal, o Monte Fuji para o Japão. O Fuji é considerado uma montanha sagrada para muitas religiões. O povo Ainu reverenciava, os xintoístas criaram um santuário no topo em reverência à deusa Sengen-Sama, que encarna a natureza. Já a seita Fujiko acredita que a montanha é um ser que possui alma. Bertrand (2009, p. 235) considera essa paisagem apropriada pela cultura e que a espelha como meio ambiente,

A paisagem não é apenas a aparência das coisas, cenários ou vitrine. É também um espelho que as sociedades erguem para si mesmas e que as reflete, construção cultural e construção econômica misturada, e sob a paisagem, há o território, sua organização espacial e seu funcionamento. O complexo território-paisagem é de alguma forma o meio ambiente no olhar dos homens, um meio ambiente com aparência humana

Para estudos com enfoque turísticos a paisagem constitui-se em um importante campo de análise. Seja em ambientes culturais ou naturais, a observação da paisagem permite-nos contato visual com uma série de fenômenos e processos caracterizadores do espaço. “Ela se articula simultaneamente com as dimensões de ordem morfológica, histórica, funcional e simbólica” (CHEMIN, 2011, p.235). Claval ressalta o valor da paisagem como documento-chave na interpretação e entendimento da cultura,

A paisagem traz a marca da atividade produtiva dos homens e de seus esforços para habitar o mundo, adaptando-o às suas necessidades. Ela é marcada pelas técnicas materiais que a sociedade domina e moldada para responder às convicções religiosas, às paixões ideológicas ou aos gostos estéticos dos grupos. Ela constitui desta maneira um documento-chave para compreender as culturas, o único que subsiste frequentemente para as sociedades do passado (CLAVAL, 1999, p. 14).

Não se pode desconsiderar a dimensão simbólica da paisagem cultural. Todas as paisagens possuem significados simbólicos por serem o produto da apropriação e transformação do meio ambiente pelo homem. “O simbolismo é mais facilmente apreendido nas paisagens mais elaboradas, a cidade, o parque e o jardim, notadamente através da representação da paisagem na pintura, poesia e outras artes” (COSGROVE, 1998, p.108).

Ainda mais, para Claval (2002) acima de tudo é essencial uma sensibilidade histórica e contextual por parte de quem trabalha com paisagem. A paisagem é a matriz da cultura, ela contribui para a transferência, de uma geração para outra, dos saberes, crenças, sonhos e atitudes sociais.

Para Bonnemaïson (1981) toda cultura tem um território suporte, o que é essencial para a compreensão da paisagem. Adaptando-se a um meio natural preciso, e numa determinada configuração espacial, as sociedades interpretam e produzem seu espaço.

Para Santos (1985) a caracterização da paisagem se define como resultado de um processo histórico, como conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais, formada nas frações de ambas, que tem idades diferentes, oriundas de diferentes momentos e representativas das diversas maneiras de produzir as coisas e construir o espaço. Desse modo a paisagem cultural é a cristalização do período histórico presente na heterogeneidade da paisagem urbana decorrentes das mudanças no modo de produção e da organização da paisagem segundo o nível do capital, da tecnologia e da organização.

Cada vez que a sociedade passa por um processo de mudança, a paisagem transforma-se para adaptar-se as suas novas necessidades, e cada período histórico se caracteriza por um dado conjunto de técnicas e de objetos correspondentes que não desaparecem num novo período, antes se somam (boa parte dos elementos) a outros correspondentes a esse novo. Enfim, são as sucessivas sociedades que constroem as sucessivas paisagens, como local para trabalhar, morar e sonhar. Daí a heterogeneidade da paisagem. Conforme Oliveira (2008) se considerarmos a sucessão histórica dos modos de produção, veremos uma relação entre os instrumentos de trabalho e a paisagem, que cada forma produtiva necessita de um tipo de instrumento de trabalho, estabelecendo, desse modo, uma nova organização da paisagem.

De acordo com Mendes (2008), as paisagens se constituem em patrimônios sociais, históricos e culturais das diferentes comunidades humanas e, como tais, se caracterizam por serem, simultaneamente, patrimônios materiais e imateriais, permanentes e cambiantes.

Para Corrêa (1997) a paisagem cultural ou geográfica resulta da ação, ao longo do tempo, da cultura sobre a paisagem, por esta visão o foco da análise da paisagem referente a cultura se pauta nas relações da sociedade sobre a natureza e neste contexto conferindo-se específica atenção à ação cultural e as expressões que produz. Em outras palavras “a paisagem cultural é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural é o resultado” (SAUER, 2003), a sociedade imprime, seus traços culturais na paisagem a partir de seu padrão de uso e apropriação dos recursos naturais. No ato de trabalhar as marcas das paisagens sob o prisma de paisagem referente a cultura, está inserida a paisagem natural, uma vez que elementos naturais: uma baía, uma serra, um rio, adquirem significado cultural para a população que vivencia essa paisagem durante gerações.

Parte-se da ideia de que a cultura não constrói apenas um conjunto de bens materiais e imateriais, mas toda uma rede de conhecimentos que, entre outros, cria laços de identidade nas diferentes paisagens, obras culturais, no sentido mais amplo da palavra. Essa inter-relação

é, de fato, altamente complexa, porque segue lógicas naturais, sociais, econômicas e políticas simultaneamente (SAHR, 2010).

Assim sendo escolheu-se o uso teórico de Paisagem Cultural, evidenciando-se o caráter de paisagens, a formação histórica e os elementos cênicos que fazem de Guaraqueçaba uma área de caracterização natural e histórica do Estado do Paraná. Dado a emergência da questão ambiental o planejamento da paisagem aparece como possibilidade na ordenação do Território (Bertrand, 2009). Como fio condutor nosso alerta para as mudanças significativamente rápidas projetadas pelo poder público, por exemplo, o asfaltamento da PR 405 e seu impacto na singular paisagem caráter guaraqueçabana.

Nessa reflexão sobre a temática ambiental se fez necessário uma breve menção e análise dos principais documentos e conferências que fixaram propostas e conceitos relativos ao meio ambiente e ao desenvolvimento. A questão do desenvolvimento dessa corrente ambiental por meio das Conferências Internacionais e seus reflexos global-local e por fim a influencia na paisagem cultural de Guaraqueçaba.

2.1 PAISAGEM CARÁTER

A palavra caráter de acordo com o dicionário de língua portuguesa, tem origem na etimologia grega, “ca.rá.ter (*gr kharaktér*) o que deixa sinal gravado, marca, traço particular do rosto, natureza particular de alguém. Significa cunho, distintivo, marca”. Por extensão traço distintivo de uma pessoa ou coisa. (MICHAELIS, 1990, p.159; HOUAISS, 2001, p.620²).

Carácter da paisagem é o que faz um espaço único. Ele é definido como "um padrão distinto, reconhecível e consistente de elementos, sejam naturais (geologia, hidrografia, geomorfologia, clima, solo, vegetação) ou humanos (por exemplo, assentamentos humanos, cultura, arquitetura, desenvolvimento). Atributos esses que fazem uma paisagem ser diferente de outra, ao invés de melhor ou pior" (THE COUNTRYSIDE AGENCY LANDSCAPE, 2006, p.02). Carácter da paisagem é o padrão que surge a partir da especial combinação de diferentes componentes.

Humberto Yamaki (2008a) trabalha com a visão de que caráter é a expressão peculiar, a personalidade do lugar. O caráter é importante por expressar as características dos lugares, do cotidiano, das atividades e da paisagem. Expressa também a identidade de partes

² MICHAELIS: dicionário escolar língua portuguesa. – São Paulo: Melhoramentos, 2008; HOUAISS, A; VILLAR, M. de S. Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

da cidade, extraídas do contexto histórico-cultural. Melhor definido, o caráter é algo que torna o espaço único. Portanto o caráter é uma combinação de qualidades que dá singularidade, uma identidade, senso ao lugar, sua personalidade. Em seu trabalho intitulado “Caráter de edificações históricas: elementos de identificação” reforça a importância desses aspectos, presentes no olhar, no que se vê e no enxergar. Para ele é preciso saber distinguir, descobrir e apreciar, fruir da obra arquitetônica, identificar seus valores para depois, preservá-los. Ressalta a importância da leitura da obra arquitetônica para a “identificação dos seus valores e identificação do que deve permanecer das características fundamentais” (YAMAKI, 2008a p.7).

2.2 PAISAGEM CÊNICA

Paisagem Cênica é uma qualidade da paisagem e pode ser definida como um fenômeno essencialmente visual que está correlacionada a uma unidade de cenário (Blankson et al., 1991). Segundo Lothian (2000) na definição desse cenário deve-se levar em consideração o espaço físico e o observador que vê e defini sua dimensão, sendo uma realidade física percebida (Monteiro, 1998). O ponto fundamental segundo vários autores, dentre eles, (Monteiro, 1998; Lampton, 2006; Souza et al, 2011) está na definição dos atributos que compõe a paisagem, de ordem física e cultural e faz-se pela fragmentação e identificação dos elementos que se destacam proporcionado à qualidade cênica para a paisagem. A valorização cênica é de vital importância para uma área que ambiciona como atividade econômica e promissora, o turismo.

“As vistas cênicas constituem uma das nossas paisagens de preferência” (YAMAKI, 2008b, p. 65). Paisagens cênicas são aquelas que despertam atenção, interesse, que deslumbram. Levam à reflexão, aliviam o estresse e trazem sentimentos de descanso e tranquilidade. Não podemos afirmar que todas as paisagens são belas, lindas, entretanto ocorrem paisagens que causam admiração em virtude dos seus atributos, ou ao conjunto deles. Deste modo os elementos que constituem a paisagem, e a combinação que eles têm é um dos fatores que causam a preferência das pessoas por certas paisagens (Souza *et al*, 2011).

Besse (2006) analisa as paisagens presentes nas obras do pintor Brueghel³, onde há segundo ele, um prazer associado à pura contemplação da natureza, e a paisagem é, no fundo, revelada e alcançada nesta fruição. No entanto, a paisagem não é apenas o lugar deste

³ Pieter Brueghel (1525-1569), "O Velho" foi um pintor de Brabante, Bélgica. Célebre por seus quadros retratando paisagens e cenas do campo. Foi o primeiro de uma família de pintores flamengos.

“prazer” tão especial que é o prazer estético; ela possui uma densidade cosmológica e ontológica insubstituível que, além do mais, assegura ao prazer estético uma vocação específica.

3. PROCEDIMENTOS E AÇÕES

Em nossa fundamentação teórica esforçamo-nos para descrever e explicar de maneira ordenada e pormenorizada, com relação à paisagem, a maneira desse conceito estar bastante assimilado conforme a necessidade de quem o elabora e o aplica. Expusemos nossa opção pela paisagem cultural e caráter de paisagem discutindo o conceito na fundamentação teórica anterior. Agora mostraremos como realizamos nossa pesquisa: etapas metodológicas (figura 02), abordagens teóricas, procedimentos e ações.

3.1. DIAGRAMA METODOLÓGICO

Etapa 01 – Coleta de dados secundários: nesta etapa foi realizada a pesquisa de campo e visitas aos órgãos oficiais, ONGs, Associações e Cooperativas. Junto a Prefeitura Municipal obteve-se o Plano Diretor (2006), mas não foi possível o acesso a outros trabalhos e projetos executivos sobre meio ambiente e turismo. Como não encontramos nenhum projeto específico sobre paisagem cultural de Guaraqueçaba ou quaisquer tipos de inventário do patrimônio histórico-cultural nas repartições públicas tornaram prioritárias as buscas pela internet onde foi possível examinar documentos oficiais. Realizamos o levantamento a partir de investigação bibliográfica com destaque para os seguintes documentos e instituições: Diagnóstico Ambiental da APA de Guaraqueçaba (1990); os Relatórios anuais do SPVS; o Zoneamento da APA de Guaraqueçaba (2001); o Caderno Estatístico do Município de Guaraqueçaba (2011); IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; as Metas do Governo Estadual (2011-2014); o Plano de Manejo da Reserva Natural do Santo Morato; além de notícias de jornais, trabalhos acadêmicos e artigos científicos diversos. Como instrumentos de pesquisa, análise e interpretação, utilizamos os mapas disponíveis no Plano Diretor Municipal (2006), dados do ITCG/IBGE.

Etapa 2 – Coleta de dados primários: refere-se às informações obtidas em gabinete e nos trabalhos de campo, na identificação e localização dos recursos paisagísticos e histórico-culturais coletados na primeira etapa. Realizamos a identificação a partir de técnicas de observação, avaliação e legibilidade da paisagem (LAMPTON, 2006; YAMAKI, 2008, LINCH, 2011, BERTRAND, 1972) em trabalhos de campo realizados. Articulado de materiais básicos como pranchetas, bloco de notas, lápis e canetas, GPS Garmin Map 62sc,

mapas, máquina fotográfica semi profissional Fujifilm S3300⁴. Entrevistas visando à coleta de dados com os Secretários de Meio Ambiente, Turismo e Obras, aplicação de questionário e entrevistas com artistas pintores locais e a população residente, ex-moradores e turistas. Procuramos a identificação de outros recursos artísticos na qual a paisagem é retratada. Dessa maneira, nessa etapa buscamos cumprir os objetivos relacionados à investigação e inventariação dos recursos histórico-culturais e paisagísticos não catalogados e identificados. A localização e levantamento de monumentos, de caminhos e passeios que proporcionam visões das paisagens cênicas, bem como a identificação dos elementos constituintes com valor cultural. A consideração dos aspectos ambientais se fez presente na coleta de dados.

Etapa 3 – Mapeamento: o mapa é uma representação codificada de um determinado espaço real. Podemos até chama-lo de um modelo de comunicação, que se vale de um sistema semiótico complexo. A informação é transmitida por meio de uma linguagem cartográfica que se utiliza de três elementos básicos: sistema de signos, redução e projeção. Contudo para comunicar eficientemente o que se investiga, o mapa tem que apresentar algumas qualidades como legibilidade, simplicidade e utilidade de conteúdo e dados expressos, transmitindo, por consequência, a informação de forma clara, rápida e efetiva.

Recorremos ao mapeamento da paisagem cultural em escala regional, fazendo o recorte municipal e mapeamento da área urbana (trata-se de um município de grande extensão territorial dada à proporção de área urbana/rural). Definimos as paisagens mais significativas e cruzamos as informações apontadas nas entrevistas e nos trabalhos artísticos de pintura. Por fim, a confecção de mapas temáticos digitalizados em software ARCVIEW/ARCGIS 9.3 e de diagramação (COREL DRAW).

Etapa 4 e 5 – Análises e interpretação dos dados e redação: organizamos os dados e a redação, dispusemos os mapas, as fotografias e quadros de forma sistemática de maneira que forneçam respostas sobre o caráter da paisagem guaraqueçabana.

⁴ Máquina fotográfica semi profissional equipada com uma lente e sensor CCD de 14 megapixels. O ISO pode ser ajustado entre 64 e 6400, a abertura oscila de f/3,1 a f/8 e a distância focal de 24 a 624 milímetros, o que representa um zoom óptico de 26 vezes. Possui zoom digital de 6,7 níveis.

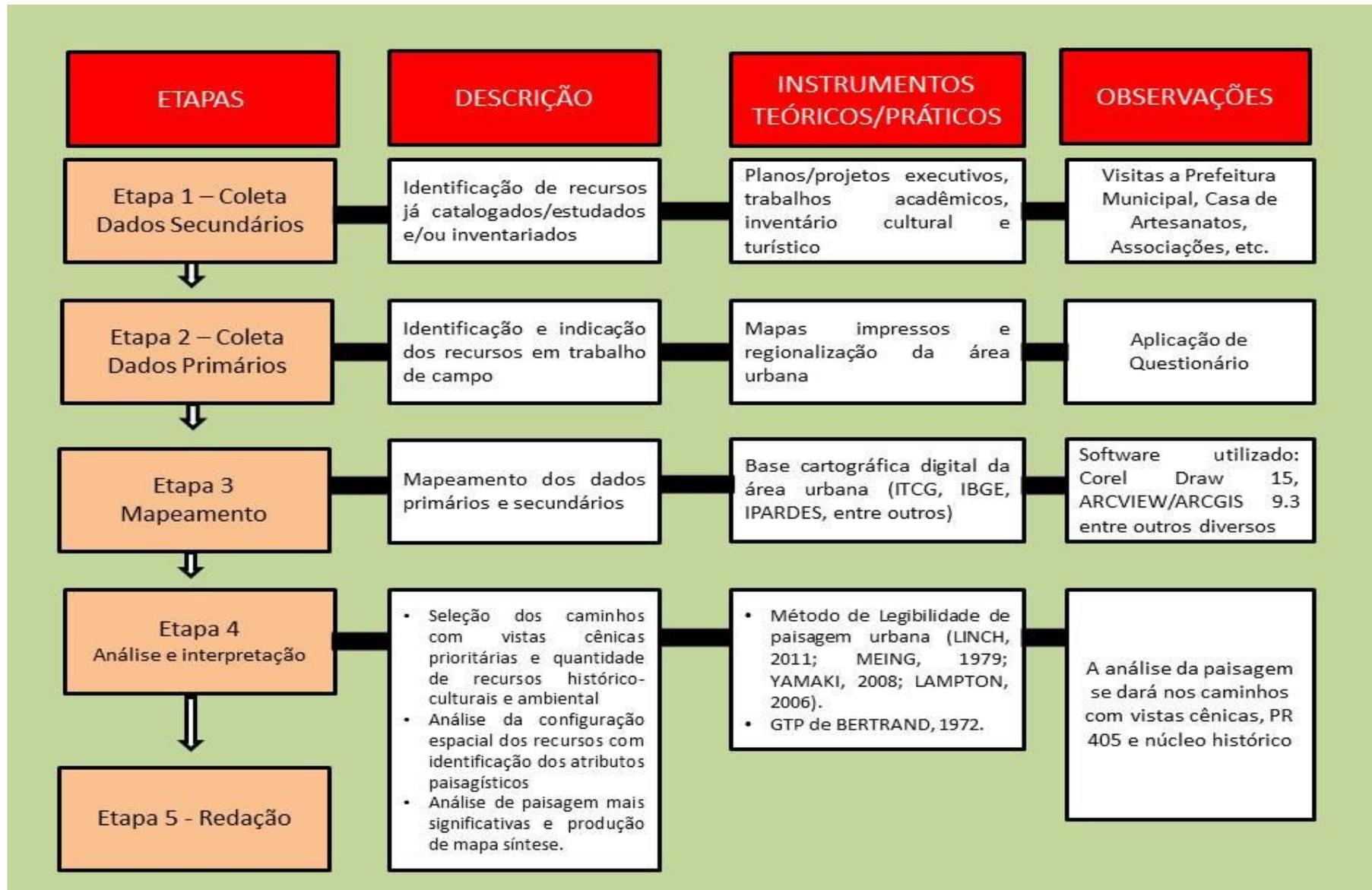


Figura 02. Diagrama metodológico. Autor: SOUZA, R. M.

3.2 GEOSSISTEMA E PAISAGEM CULTURAL

O Geossistema (geodiversidade) e a paisagem cultural tem uma estreita ligação: os moradores de Guaraqueçaba têm uma cultura/identidade muito próxima da natureza: os rios, o mar, a floresta etc. Para Corrêa (2003) a paisagem cultural ou geográfica resulta da ação, ao longo do tempo, da cultura sobre a paisagem, por esta visão o foco da análise da paisagem referente à cultura pauta-se nas relações da sociedade sobre a natureza. Neste contexto conferindo específica atenção à ação cultural e as expressões que produz. Para Sauer (2003), a paisagem cultural é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural é o resultado. A sociedade imprime, portanto “seus traços culturais” na paisagem a partir de seu padrão de uso e apropriação dos recursos naturais (SAHR, 2010, p. 21).

3.3 AVALIAÇÃO DO CARÁTER DA PAISAGEM

3.3.1 Porque o foco na avaliação da paisagem?

Por que é importante reconhecer o caráter da paisagem? O motivo do reconhecimento do caráter da paisagem serve para que possamos auxiliar na tomada de decisões. Deste modo, as respostas serão melhores informadas e responsáveis sobre a gestão e planejamento de paisagens, visando um futuro sustentável.

Avaliação do caráter da paisagem possui as qualidades técnicas usadas para desenvolver um entendimento consistente e abrangente da paisagem. Avaliação do caráter da paisagem consiste em uma abordagem para analisar as diferenças entre paisagens e pode servir como um quadro para auxiliar na tomada de decisões, identificar seus elementos distintivos e contribuir para um sentimento de lugar. Como tal, a avaliação do caráter da paisagem é uma ferramenta útil para se engajar partes interessadas no desenvolvimento sustentável, por exemplo, comunidades tradicionais e desenvolvedores, agricultores e administradores de terras, poder público e privado, cooperativas, associações. Todos têm um papel importante na identificação das características que tornam uma paisagem particular, única. Na Inglaterra, uma estratégia para Lancashire, publicado pelo Conselho do Condado de Lancashire, em 2001, ajuda os interessados em Lancashire a entender como a paisagem foi construída. Também auxilia para orientar as mudanças da paisagem reforçando o seu distintivo caráter (LANCASHIRE COUNTY COUNCIL, 2000).

Durante muitos anos, e especialmente na década de 1970, em Lancashire a ênfase em lidar com a paisagem, com relação ao planejamento do uso da terra e gestão, tem ocorrido por meio da avaliação da paisagem. Reflete-se sobre que faz com que uma área seja "melhor" do que outra? Nos últimos anos, intensificou-se a ênfase colocada no papel da paisagem e o processo tornou-se descrito como "Avaliação do Caráter da Paisagem". Na Escócia, esse procedimento tem sido utilizado para descrever o Programa Nacional de Avaliação. Essa orientação define a avaliação do caráter da paisagem como abordando tanto a caracterização (processo de mediação, envolvendo a identificação, mapeamento, classificação e descrição do caráter da paisagem) e o processo de fazer julgamentos com base no caráter da paisagem para informar uma gama de diferentes decisões (SWANWICK, 2002).

A Avaliação do Caráter da Paisagem surgiu como uma forma adequada para olhar a paisagem, porque fornece uma abordagem estruturada para identificar o caráter e realizar a distinção e a valorização da mesma.

3.4 AVALIAÇÃO DO CARÁTER DA PAISAGEM DE GUARAQUEÇABA

A metodologia proposta compõe-se da definição e avaliação visual dos componentes e atributos da paisagem deste modo: a) Guaraqueçaba a partir da baía; b) a baía a partir de Guaraqueçaba; c) A paisagem (urbana) ao longo do cais e da estrada; c) identificação de paisagens características, que permitam através dela reconhecer Guaraqueçaba. A discussão de paisagem urbana e paisagem cênica são complementares.

Na análise visual contemplamos o local, o que está em primeiro plano e as incursões que tem uma escala de alcance muitas vezes além do visual. Para determinar o caráter da paisagem levamos em consideração os seus atributos. Quais são os atributos da paisagem? Quais mudam o conjunto de elementos?

Quando se trabalha com o caráter da paisagem tem-se como objetivo se ocupar da questão da preferência e produzir inventário e avaliação. Algumas paisagens tem significado e valor simbólico. Trata-se da análise cultural fora dos padrões tradicionais que a Geografia aborda. Nessa abordagem se trabalha com ações de avaliação e procedimentos realizados no campo. Partimos do princípio de que todos têm uma paisagem de preferência: paisagem bonita, com água, com frutas, com animais, com vegetação. Que é boa, gostosa (visão antropológica) e transmite segurança, defesa e utilidade, etc., abordamos essa questão cultural da paisagem.

3.4.1 Percepção dos moradores, ex-moradores e turistas

Na relação da paisagem com o turismo, não encontramos muita novidade nas propagandas e divulgação de ideias em geral. Sempre aparecem as igrejas, cachoeirinhas, portal da cidade, e muitas dessas coisas, nem sempre estão relacionadas com a cultura local. Deste modo, foi solicitado aos moradores antigos, às crianças em idade escolar, aos gestores, aos professores e turistas para falarem sobre suas paisagens de preferência procurando-se apresentar a percepção dos moradores, ex-moradores e turistas de modo amostral. Foram aplicados cinquenta questionários no formato padrão (quadro 01). Constituindo-se de vinte e cinco moradores, dez ex-moradores e quinze turistas. Sendo considerada suficiente por haver uma saturação qualitativa das respostas. Além dos questionários, muito diálogo com variadas pessoas ocorreu durante os trabalhos de campo.

Quadro 01. Questionário aplicado aos moradores, ex-moradores e turistas de Guaraqueçaba/PR.

| Guia de questões: percepção da paisagem | |
|---|---|
| Questões | Intenções |
| 1- Nome, idade, estado civil, com quem mora. | Conhecer o perfil dos moradores, ex-moradores e turistas de Guaraqueçaba. |
| 2- O Sr.(a) gosta de viver neste lugar? Por quê? | Analisar a ligação com o lugar, o sentimento de identidade, de pertencimento. |
| 3- Sempre morou aqui? 3.1- Sim: já teve oportunidade para viver em outro lugar? Quais os motivos que lhe fizeram ficar aqui? 3.2- Não: Onde é que também já morou? Durante quanto tempo? Quais os motivos que lhe fizeram sair daqui? O que fez com que o Sr.(a) voltasse para cá? Quando esteve fora, do que sentia mais falta (coisas, lugares, pessoas...)? | a) Em caso positivo, objetiva-se perceber se desde a primeira vez que a pessoa chegou à sua propriedade, nunca tenha mudado e o que fez com que nunca mudasse em caso de oportunidade para tal. b) Em caso negativo verificar o que impulsionou a saída do lugar se sentiu falta de alguma coisa demonstrando uma ligação e o que impulsionou o retorno. |
| 4- Como era este lugar no passado (10, 20, 30 anos atrás)? O município mudou muito deste tempo até os dias de hoje? Em sua opinião quais foram as principais mudanças? | Pretende-se comparar como era a paisagem, no passado e como é na atualidade, se as pessoas perceberam as mudanças, o que eles acharam dessas mudanças, se melhorou ou piorou a paisagem. |
| 5- Quando o senhor (a) pensa neste lugar em que vive, qual é a primeira imagem que lhe vem na cabeça? | A intenção é que os entrevistados digam qual a paisagem que mais os marcou, a de maior importância na vida deles. |
| 6- Qual é a importância da floresta, das serras, da estrada (PR-405) no seu dia-a-dia? | Verificar se os moradores sentem a necessidade da existência da floresta, das serras e da estrada PR-405, tanto em termos econômicos quanto em termos de afetividade. |
| 7- Como o senhor (a) avalia a situação | Avaliar como os entrevistados percebem os |

| | |
|--|---|
| dos recursos naturais neste local? (Está boa? Ruim? Por quê?). | recursos naturais e deles se apropriam se conseguem apontar mudanças ao longo do tempo. |
| 8- De que forma o senhor (a) pensa o futuro deste lugar? | Verificar se os entrevistados possuem alguma perspectiva para o futuro da PR-405. Procurar que eles expressem suas esperanças. |
| 9- Qual imagem (ou imagens) o senhor (a) levaria deste lugar em caso de uma mudança amanhã? Por que esta imagem? | A intenção é extrair um sentimento que os entrevistados possuem das paisagens que fazem parte do cotidiano de cada um deles, uma paisagem que seja íntima. |
| 10- Quais fotografias o Senhor (a) enviaria a um parente que está distante para que ele conheça o lugar onde vive? | Verificar quais paisagens os entrevistados consideram que são importantes e que a identificam. Uma paisagem identitária. |
| 11- Quais paisagens, ou quais elementos da paisagem lhe choca mais. Qualquer coisa que você considere negativo e que você gostaria que desaparecesse. | Paisagem que seja desfigurada, que não tem valor para o entrevistado e que, portanto deveria desaparecer. |
| 12- Quais paisagens você pensa que deveriam ser fotografadas porque daqui a algum tempo elas não existirão mais? Em sua opinião, por quais motivos esta (s) paisagem (ou paisagens) deixará (ou deixarão) de existir? | Verificar se os entrevistados percebem mudanças drásticas na paisagem e o que pode vir a desaparecer. |
| 13- A sua vida neste local está melhor agora do que no passado? Por quê? | A intenção é perceber se os moradores preferiam a vida do passado ou a atual. A ideia é apreender como as transformações socioeconômicas no município influenciam a opinião do morador sobre suas atuais condições de vida. |

Org.: SOUZA, R.M; PASSOS, M.M. (2011).

Foram escolhidos para a entrevistas moradores, ex-moradores e turistas para se obter diferentes percepções. O trabalho com telas e fotografias, consiste em procurar compreender a percepção da paisagem pelos artistas sobre a beleza cênica, a identificação do caráter histórico-cultural e ambiental bem como as transformações. Foram entrevistados alguns dos pintores e artistas da Cooperativa de Artesanato de Guaraqueçaba sobre as telas que retratam as paisagens locais e selecionadas algumas, das muitas que são comercializadas. Procuramos refletir sobre a importância implícita na paisagem e seu caráter histórico-cultural e natural, como possibilidade econômica materializando-se como patrimônio retratado nas pinturas.

3.4.2 Avaliação dos atributos da paisagem

Durante o trabalho de campo, na aplicação da avaliação visual, observamos a paisagem a partir de diferentes pontos e distâncias e trajetórias, procurando identificar seus atributos mais significativos (Lampton, 2006). Investigamos deste modo e buscamos identificar a paisagem caráter. Nesse procedimento sempre indagamos: quais são os

elementos que dominam a cena? Esse é o método de “o que se vê” e “de que maneira se vê” procurando-se enxergar o caráter local de uma estrutura formada por uma baía cercada por morros e serras, com uma vegetação exuberante associada às construções humanas. Nesse sentido nos esforçamos para tentar compreender o que as pessoas pensavam ao planejar a cidade? Como surgiu o plano urbanístico? Existia muita coisa para ser decifrada.

Em conformidade com Lampton (2006) foi realizada a pontuação dos atributos com a finalidade de identificar a paisagem cênica (quadro 02). Após levantamento de campo e estudo de mapas, a paisagem, objeto de nosso estudo, foi avaliada conforme *Guia da Paisagem de Estradas* segundo: 1) Contraste, 2) Ordem, 3) Camadas, 4) Pontos focais, 5) Originalidade, 6) Integridade.

1 Contraste: é estabelecido através de elementos lado a lado que se diferenciam na paisagem [...] 2 Ordem: está presente nos padrões característicos naturais e culturais [...] 3 Camadas: quando sobrepostas na paisagem, permitem a criação de senso de profundidade [...] 4 Pontos Focais: são aqueles elementos pontuais que atraem o olhar do observador por sua presença [...] 5 Originalidade: é a excepcionalidade. Elementos que são simbólicos a uma região [...] 6 Integridade: é percebida através da permanência de atributos distintos naturais ou culturais, inalterados no século anterior ou de períodos antigos. (LAMPTON, 2006, p.11).

Além dos seis atributos propostos por Lampton (2006) consideramos necessário o acréscimo de mais dois: profundidade de tempo e reconhecibilidade. Essa discussão envolve o conceito de Paisagem Cultural, Caráter de Paisagem, Preservação e Regeneração de Paisagem Cultural.

Constituem-se componentes a vegetação, o relevo, os espelhos d'água, a estrada, esses componentes associados a análise histórica da ocupação, a colonização, os aspectos culturais, o auge econômico e a decadência, o isolamento e a posterior valorização ambiental. Se não se avaliar a carga histórica impressa na paisagem se tem apenas um local economicamente decadente, na verdade é muito mais do que isso. Nosso olhar também está nos detalhes culturais presentes nos elementos constituintes, por exemplo, uma porteira, uma fila de árvores, uma bacia hidrográfica ocupada, as condições decorrentes do relevo, entre outros.

Para pontuação recortamos os elementos que realmente interessam. O porquê da pontuação? Porque pontuamos os elementos? É uma maneira de elencar importância visual a partir da classificação: contraste, ordem, ponto focal, camadas, originalidade, integridade. É importante perceber quais destes atributos se destacam na paisagem objeto de análise. Isso responde a pergunta: por que pontuar os elementos? Pontuamos porque eles são importantes definidores do caráter da paisagem.

Para selecionar as paisagens cênicas aplicam-se os procedimentos de avaliação que considera a paisagem caráter e vistas cênicas (um tipo particular de paisagem), na combinação de seus valores estéticos derivados do reconhecimento de seus atributos a partir da análise visual que possibilitam classificá-la de acordo com os seus componentes harmoniosos. Queremos desta maneira salientar a beleza cênica presente no espaço geográfico.

É preciso selecionar os elementos cênicos e elaborar todo um levantamento do porque eles são importantes? Eles funcionam como *layers* da Geografia colocados pela história, horizontais e verticais. Existem diversos exemplos de avaliação de caráter cênico na Inglaterra, no Japão e nos Estados Unidos. Fez-se na presente tese uma “mistura” de procedimentos e ações. Isso funciona melhor (no nosso caso) porque no Brasil não predomina uma unidade cultural, temos diversas influências e diversidades particularidades.

Quadro 02. Exemplo da aplicação da avaliação dos atributos da paisagem em Guaraqueçaba. Organização: SOUZA, R.M.

| Atributo da Paisagem | Exemplo de Avaliação em Guaraqueçaba |
|-------------------------|---|
| 1. Contrastes | Elementos próximos que são reconhecíveis e se distinguem. Pode ser identificado na construção de elementos arquitetônicos que causam discrepância na tipologia, volume e formato. |
| 2. Ordem | Os elementos que são limitadores, que definem o traçado da cidade. A orla, os rios, as estradas e caminhos e o relevo. |
| 3. Camadas | O diferente tipo de vegetação, que representam variadas cores e texturas associadas a distancia são elementos de profundidade na visão panorâmica. Por exemplo a visão da Serra do Mar a partir da cidade de Guaraqueçaba no qual é possível observar diferentes segmentos na visão da paisagem. Guaraqueçaba é o tipo de cidade que foi construída para ser vista da baía. A igreja tem sua fachada voltada para a água, e as camadas são: baía, orla (porto, casario), serra. A identificação de três camadas é o suficiente. |
| 4. Ponto Focal | Elementos pontuais que atraem o olhar do observador como o Morro do Tromomo, a Capela Bom Jesus dos Perdões, o Obelisco, o Morro do Bico Torto. |
| 5. Originalidade | Elementos de originalidade podem ser destacados dois, um de ordem natural que é o relevo que caracteriza Guaraqueçaba e o seu entorno e outro de ordem cultural, os casarões no estilo colonial português, com telhado alto em quatro águas. |

| | |
|---------------------------------|--|
| 6. Integridade | <p>As edificações que mantém o padrão arquitetônico preservado, como o antigo Mercado, o casarão do IBAMA, as Fontes D'água. Serve também para comparar fotografias e verificar a perda da integridade ou a manutenção da mesma. A integridade na área natural é a preservação. Quando houver intervenções essas devem ser de maneira que não comprometa a paisagem. Com esse critério se avalia as paisagens naturais sobre a manutenção ou perda de integridade ao longo dos anos.</p> |
| 7. Profundidade do Tempo | <p>Para o entendimento da paisagem cultural é necessário levar em consideração a escala histórica.</p> |
| 8. Reconhecibilidade | <p>A possibilidade de se reconhecer e identificar uma paisagem pelos seus atributos na configuração do caráter local.</p> |

Se por um lado, baseados apenas pela análise visual não é possível se compreender a complexidade da paisagem, por outro lado, ela torna-se um recurso visual para compreensão das transformações na organização do espaço. O estudo de paisagem caráter é adequado nas grandes relações, por exemplo, entre o casario, a baía e as serras. Para visão panorâmica, vistas abrangentes. Nas observações realizadas buscou-se identificar quais atributos são responsáveis pela personalidade da paisagem, pela beleza, que se destacam e chamam a atenção, que circulam nas revistas, aparecem nas propagandas dos meios de comunicação visuais. Deste modo atrai pessoas de outras regiões, de outros países e continentes para a individual ou coletiva experiência, ver a paisagem, sentir o lugar, vivenciar aquela realidade.

Na avaliação proposta quanto mais alta a pontuação dos atributos maior é o caráter da paisagem? Não necessariamente. Em alguns casos, tomando como exemplo apenas o atributo originalidade, apenas um elemento (uma torre, um teatro, um vulcão, um cânion, etc.) é responsável pela originalidade num grau que personaliza e identifica a paisagem numa escala, em alguns casos, até mesmo planetária.

Na sequência, apresentamos o quadro com as notas, e os critérios de avaliação dos atributos da paisagem de Guaraqueçaba (quadro 03). A maior pontuação indica que as áreas possuem maiores qualidades cênicas. A pontuação dos itens descritos varia de 01 a 03, conforme o grau em que são percebidos, na paisagem. Da seguinte maneira:

Quadro 03. Parâmetros para pontuação das Paisagens Cênicas

| Pontuação | Significado |
|------------------|---|
| 01 | Elemento pouco significativo. Não são elementos definidores dessa paisagem. |
| 02 | Nível intermediário. |
| 03 | Os elementos que se destacam na paisagem recebem essa pontuação. Sendo o escore máximo deve ser algo que tem valor cênico para a paisagem de Guaraqueçaba. Se caso fosse possível retira-los, se modificaria totalmente essa paisagem avaliada. |

No próximo passo analisamos esses atributos ancorados em critérios práticos para o exame das paisagens cênicas, e procuramos fugir de jargões usuais como “paisagem bucólica”, “paisagem impar”, “paisagem paradisíaca” entre outras maneiras de classificação aleatória e comum.

Como diz um antigo ditado chinês “a paisagem está na frente e atrás dos olhos”. Devem-se levar em consideração as variáveis condicionantes: se for dia, se está sol, se tem nuvens, a paisagem é dinâmica e sua representação também. A mesma paisagem em momentos diferentes do dia pode revelar diferentes padrões de beleza. São parâmetros relativos e subjetivos, de acordo com Meing (1979) a paisagem está mais na mente de quem vê do que nos olhos. Por isso falamos de paisagem cultural, a paisagem natural tem valor cultural dentro do significado que se atribui pelo observador, um aspecto importante nesse sentido é sem dúvida a questão da identificação. Por exemplo, o Monte Fuji no Japão, uma paisagem identitária com valor simbólico para os japoneses.

3.5 AVALIAÇÃO VISUAL DA PAISAGEM DE GUARAQUEÇABA

Objetivo aqui é demonstrar como foi avaliada a paisagem de Guaraqueçaba. Tomamos como exemplo a Serra do Itaqui (figura 03) na avaliação que se segue (quadro 04).

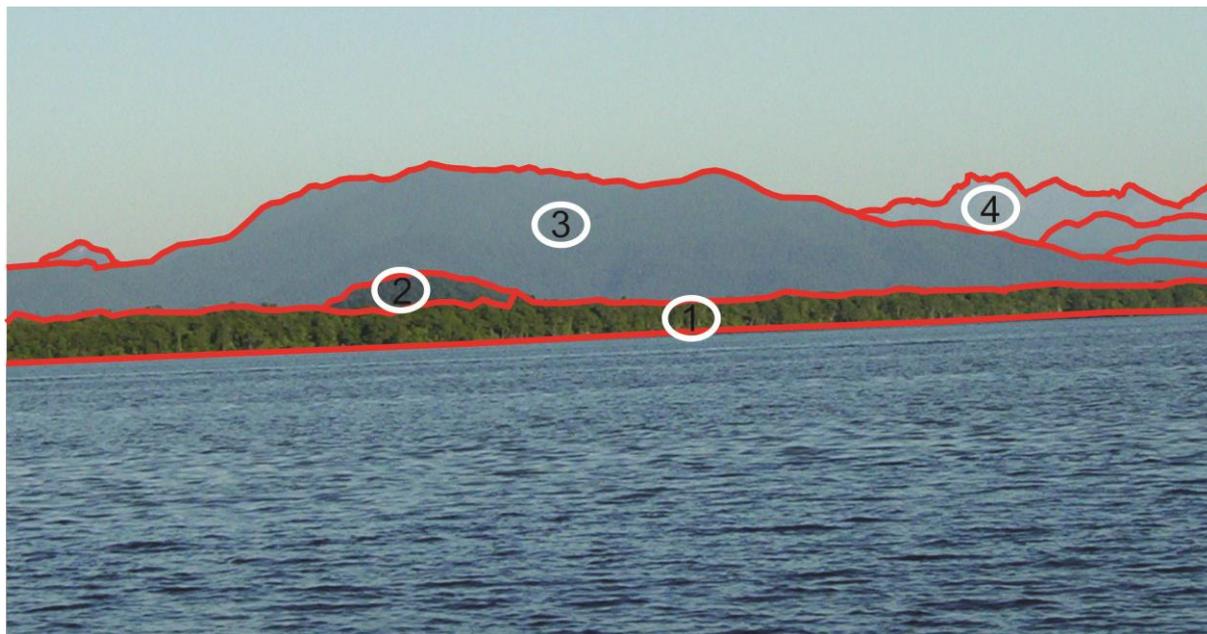


Figura 03. Área de mangue pertencente à Estação Ecológica e ao fundo o Morro do Itaqui visto da baía de Guaraqueçaba. Podem ser observadas camadas naturais nessa paisagem: a baía como elemento de ordem, 01 o mangue, 02 a Ilha do Povoçá, 03 o Morro do Itaqui (ponto focal), 04 o Pico Marumbi (ponto focal e geossímbolo⁶). Autor: SOUZA, R.M. (jan. 2012).

O conjunto formado pela baía, manguezal, morros e serras forma um mosaico de cores que dão a noção de profundidade, as camadas. Destacam-se ainda nessa paisagem os atributos de ordem, o ponto focal, e a reconhecibilidade. A baía é o elemento de ordem, delimitador, a serra do Itaqui aparece como o ponto focal do observador, imponente, sobressaindo-se aos demais elementos. A reconhecibilidade está nos recortes realizado pelo *skyline* das serras. O Pico Marumbi com seu *Skyline* reconhecível, (diz-se que se usando a imaginação é possível enxergar um gigante adormecido), visível de vários pontos do litoral paranaense, com significado regional, pode ser considerado um geossímbolo.

A baía é o caminho de entrada e de saída, local de trabalho, de lazer de reflexão. Carregada de histórias e de sentido para os habitantes. O Povoçá foi uma área de ocupação inicial feita pela população que praticava a agricultura de subsistência (arroz, feijão, mandioca, banana, milho) e exercia a pesca artesanal. Os Manguezais em conjunto com o Povoçá passaram a ser uma Estação Ecológica, área de preservação permanente e uso restrito para pesquisa. A pesca amadora e artesanal é permitida, bem como a coleta dos caranguejos na época correta (dezembro, quando ele sai dos buracos para cruzar), de ostras e marisco. Isso

⁶ Geossímbolo, que “pode ser definido como um lugar, um itinerário, uma extensão que, por razões religiosas, políticas ou culturais, aos olhos de certas pessoas e grupos étnicos assume uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade” (BONNEMAISON, 1981, P. 249).

ocorre por se entender que essa prática tradicional de coleta já foi praticada durante séculos sem degradar o meio ambiente. No entanto deve ser monitorada para impedir práticas agressivas, como por exemplo, cavar o mangue com talhadeira, fazendo enormes buracos para retirar caranguejos é proibido e considerado crime ambiental.

A Serra do Itaqui cede o nome à comunidade do Itaqui, formada em sua maioria por pequenos agricultores e pescadores artesanais. O morro do Itaqui, elemento emblemático de identificação local com grande destaque visual e muito belo. As serras do litoral são tombadas como Patrimônio Natural, desse modo é proibido o desflorestamento e as queimadas, com isso a preservação garante a manutenção dessa paisagem cênica.

Quadro 04. A Avaliação da paisagem cênica da Serra do Itaqui

| Avaliação dos atributos da Paisagem do Morro do Itaqui | Pontuação |
|--|-----------|
| 1. Contraste | 01 |
| 2. Ordem | 03 |
| 3. Camadas | 03 |
| 4. Ponto Focal | 03 |
| 5. Originalidade | 01 |
| 6. Integridade | 01 |
| 7. Profundidade de tempo | 01 |
| 8. Reconhecibilidade | 03 |
| TOTAL | 16 |

Nas pinturas, a paisagem interpretada como resultado da interação de processos naturais e culturais em constante transformação, representa o eixo condutor das análises que percorrem o presente estudo. Nesse foco, a paisagem não é apenas um cenário natural em que o homem age e interage, mas sim o conjunto desses processos que se constituem como um patrimônio. Essa paisagem como patrimônio exterioriza-se e reproduz-se nos trabalhos artísticos e num sentimento de pertença das pessoas, que “nela estabelecem seus mundos vividos e sua visão de natureza” (SAHR, 2010, p. 13). A paisagem nasce aqui, nesta postura: um olhar intencional é lançado sobre um lugar e destaca-se do conjunto vivo os elementos significativos que devem compor a cena, a imagem ou o quadro. A paisagem é a representação, no intercâmbio incessante entre a pintura e a natureza, ou antes, na transposição pictórica da percepção da natureza. O verdadeiro símbolo é aquele em que o particular representa o universal, não como ilusão ou imagem, mas como revelação viva e

instantânea do inexplorável (BESSE, 2006, p. 58). Nesse aspecto é importante ressaltar: quais elementos se repetem nas representações? Por qual motivo? Quais são as paisagens de preferências das pessoas? Essa preferência considerando-se vários critérios: idade, classe social, se é natural ou turista, grau de estudo, área de trabalho. Cada pessoa faz sua interpretação da paisagem a partir de sua cultura. A investigação das telas mostra qual paisagem pode ser “vendável”? Qual atrai mais a atenção das pessoas? Qual estabelece-se como atrativo local? Isso tudo é muito importante para o planejamento e manutenção da paisagem.

A partir da legibilidade, é possível estabelecer, com clareza, os aspectos do patrimônio histórico que a paisagem preserva em si, sua imagem de antiga, pioneira, carregada de tempo. É possível também ressaltar comparando-se fotografias: o que se perdeu, sob qual ângulo houve perda de visibilidade, de que maneira ocorreu essa deterioração e o que pode ser realizado para melhorar essa realidade e recompor elementos significativos.

A discussão de paisagem urbana e paisagem cênica são complementares e não puderam ser avaliados pelos mesmos parâmetros neste método. Neste caso utilizou-se o parâmetro de legibilidade (quadro 05) na análise do núcleo urbano (LYNCH, 2011). Um dos conceitos básico trabalhados é o da legibilidade, entendido como a “facilidade com que cada uma das partes [da cidade] pode ser reconhecida e organizada em um padrão coerente” (LYNCH, 2011, p.2). Lynch identificou que, os elementos que as pessoas utilizam para estruturar sua imagem da cidade podem ser agrupados em cinco grandes tipos: caminhos, limites, bairros, pontos nodais e marcos. A legibilidade a que Lynch se refere é aquela proveniente dos aspectos peculiares da cidade. Destes cinco elementos três nos foram bastante uteis: caminhos, devido à oportunidade de estabelecer mapas sínteses de caminhos com vistas cênicas; bairros, utilizando-se na demarcação da própria análise cultural da paisagem; e marcos, pela pouca valorização atribuída alguns marcos históricos que em nossa abordagem são elementos significativos, por exemplo, a caixa d’água do bairro do Costão.

Quadro 05. Parâmetros para legibilidade urbana

| A imagem da cidade e seus elementos | |
|--|--|
| Caminhos (paths) | “São canais ao longo dos quais o observador costumeiramente, ocasionalmente, ou potencialmente se move. Podem ser ruas, calçadas, linhas de trânsito, canais, estradas-de-ferro” (LYNCH, 1960, p. 47). |
| Bairros (districts) | Na concepção de Lynch, bairros são “partes razoavelmente grandes da cidade na qual o observador ‘entra’, e que são percebidas como possuindo alguma característica comum, identificadora”. (LYNCH, 1960, p. 66). |

| | |
|---------------|--|
| Marcos | São elementos pontuais nos quais o observador não entra. Podem ser de diversas escalas, tais como torres, domos, edifícios, esculturas, etc. Sua principal característica é a singularidade, algum aspecto que é único ou memorável no contexto. |
|---------------|--|

A área de caracterização emerge quando o que se vê define um tipo tradicional da paisagem dessa região. Na PR-405 em alguns trechos a visão é encerrada pela floresta, em outros se consegue observar ao fundo as serras, morros e o *Skyline* (que é a linha do horizonte recortado pelos elementos da paisagem) dando a impressão de profundidade (figura 04). Em trechos do trajeto localizam-se comunidades beirando a estrada, não sendo predominantes na paisagem. Caracteriza-se por apresentar floresta, rios, pequenas lavouras, pastos e muitos morros.



Figura 04. O *Skyline* da PR-405 em suas variadas camadas (Lampton, 2006). Sendo a estrada o elemento de ordem, 01 a floresta marginal, 02 as serras, 03 as serras mais distantes. Autor: SOUZA, R. M. (jan. 2013).

Entende-se a avaliação do caráter da paisagem como um “guarda-chuva abrangendo todas as diferentes formas de ver, descrever, analisar e avaliar a paisagem” (ENVIRONMENTAL RESOURCES MANAGEMENT, 2000). Enquanto ferramenta para a

identificação e manutenção do caráter da paisagem, a adoção do proposto por Lampton (2006) coopera para elaboração do processo de caracterização. Trata-se da identificação de áreas homogêneas, levando em conta o processo histórico de formação da paisagem e seus aspectos naturais e culturais. Pode ser citado como exemplo o estudo da Estrada Mestre, em Londrina, Paraná. Anhesim (2009) utiliza essa proposta mostrando que algumas trilhas, caminhos e estradas se transformam em marcas de uma região, por meio de uma forte relação com a história e a evolução e por suas características físicas. Os passos metodológicos se fazem presentes no quadro sendo constituído de inventário, caráter-tipo e áreas de caracterização e por fim a avaliação (quadro 06).

Quadro 06. Esquema com etapas propostas para estudo da paisagem de estradas⁷

| INVENTÁRIO | CARÁTER-TIPO E ÁREAS DE CARACTERIZAÇÃO | AVALIAÇÃO |
|--|---|--|
| <p>Definição de elementos da paisagem regional.</p> <p>Avaliação preliminar de áreas com qualidades cênicas: contrastes, ordem, camadas, pontos focais e originalidade.</p> <p>Identificação de fatores do desenvolvimento histórico que influenciaram no caráter da paisagem.</p> <p>Identificação de elementos históricos na paisagem.</p> | <p>Reconhecimento do caráter da paisagem.</p> <p>Identificação do caráter-tipo e de áreas de caracterização.</p> <p>Identificação de elementos da paisagem.</p> <p>Listagem de características-chaves das áreas de caracterização.</p> | <p>Avaliação da sensibilidade da paisagem a partir dos elementos identificados nas etapas posteriores, conforme os seguintes itens: raridade ou interesse especial, histórico de mudanças, legibilidade e contribuição ao caráter local.</p> |
| <p>Estudo de mapas antigos da região. Comparação entre imagem de satélite atual e mapas antigos, para identificar áreas que preservaram características iniciais.</p> <p>Levantamento de campo.</p> <p>Pesquisa bibliográfica em publicações e documentos antigos.</p> <p>Entrevista com moradores antigos para identificação de elementos históricos.</p> | <p>Levantamento de campo.</p> <p>Pesquisa bibliográfica e em documentos antigos.</p> <p>Identificação de caráter-tipo.</p> <p>Identificação de áreas de caracterização.</p> <p>Organização de mapas e descrição das áreas de caracterização.</p> <p>Organização de fotografias e confecção de croquis. Interpretação de fotografias.</p> <p>Elaboração de textos descrevendo áreas de caracterização.</p> | <p>Definição de níveis de sensibilidade.</p> <p>Levantamento de campo.</p> <p>Organização de mapas.</p> |

Esse quadro é uma síntese para os estudos de paisagens de estradas. Muito importante na análise da PR 405 porque sistematiza os critérios para avaliação.

⁷ Baseado no esquema com etapas propostas para estudo da paisagem Estrada Mestre. São definidos os objetivos e a metodologia a ser aplicada, através de tópicos. Fonte: ANHESIM, 2009; SWANWICH, 2002; HIGHWAYS AGENCY, 2006.

4. A PAISAGEM DE GUARAQUEÇABA

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA

O município de Guaraqueçaba foi criado através da Lei Estadual nº02 de 10 de outubro de 1947. Instalado em 31 de outubro do mesmo ano foi desmembrado de Paranaguá. Os habitantes naturais do município de Guaraqueçaba são denominados guaraqueçabanos.

Guaraqueçaba faz divisa ao norte com o município de Jacupiranga, no Estado de São Paulo, ao nordeste o município de Cananéia, também pertencente ao Estado de São Paulo. A oeste o município de Campina Grande do Sul, no Paraná; ao sul o município de Paranaguá, e ao leste o Oceano Atlântico. Todos esses municípios limítrofes apresentam áreas de proteção ambiental. O Estado do Paraná tem uma porção de Floresta Tropical Úmida, com aproximadamente 500 mil ha, que juntamente com a região Sul do Estado de São Paulo representa a maior área contínua de remanescentes dessa floresta (Ravazzani *et al.*, 1995). Foi Decretada APA em 1985, área que engloba além de Guaraqueçaba três municípios (Antonina, Paranaguá e Campina Grande do Sul) e aproximadamente 60 vilas.

As serras recobertas por exuberante vegetação, paredões naturais que formam um mosaico de formas, cores, camadas, pontos focais. O relevo é o elemento estruturante dessa paisagem. O substrato componente dessa paisagem, apresenta formações geológicas de diferentes períodos geológicos se articulam aos outros elementos naturais, como o relevo, a rede hidrográfica, o clima, os tipos de solo e a vegetação.

O que caracteriza a paisagem do litoral do Paraná, em particular a porção norte no qual está localizada a área de estudo é a Serra do Mar. De acordo com Ab'Saber e Bigarella (1961) a Serra do Mar é definida como: “divisor assimétrico e marginal que separa os extensos planaltos em patamares do interior em face da fachada atlântica acidentada e complexa do território paranaense”. Esses autores consideram toda a feição da Serra que está voltada para o Oceano Atlântico em conjunto com a planície costeira, os sistemas de mangues e as ilhas como Litoral. Ab'Saber (1977) caracteriza o sistema geológico como formado por blocos de rochas do Complexo Cristalino, com fisiografia embasada por processos de tectonismo de falhas, estendendo-se por grande parte da faixa leste brasileira, denominada como domínio dos “mares de morros”.

A complexa formação geológica pode ser interpretada como o embasamento pré-cambriano aparecendo mais os formados pelo Complexo Gnáissico Migmatítico, Complexo

Granítico Gnáissico e Complexo Serra Negra. Rochas intrusivas com Granitoides e por fim os sedimentos recentes do Quaternário que formam a planície costeira, restingas e cordões arenosos.

O relevo da Serra do Mar é caracterizado por grandes desníveis e altas declividades, geralmente superiores a 45%. Com destaque na paisagem de Guaraqueçaba a Serra do Itaquí, a Serra Santa Luzia, o Morro do Tromomô, o Morro do Bico Torto, o Morro do Quitumbê, entre outros.

Outro elemento constituinte da paisagem são as bacias hidrográficas. Os grandes cursos d'água, os ribeirões e os pequenos córregos das serras. Devido ao equilíbrio natural, a água costuma apresentar-se cristalina. Os principais rios podem ser vistos no trajeto da PR-405, por exemplo, o rio Tagaçaba. Nesse rio, quando a maré está baixa e com o tempo seco, apresentam-se as águas transparentes, sendo possível enxergar a areia do fundo do leito. Quando a maré está alta a água fica turva. A turbidez ocorre também durante os períodos de chuvas.

Ainda sobre a rede de drenagem, em conformidade com Bigarella et al (1978) o sistema hidrográfico da Bacia Atlântica está inserido entre a Serra do Mar e a planície litorânea, drenando o leste do estado do Paraná. Este sistema é considerado geologicamente recente em relação às demais bacias do estado. A rede hidrográfica de Guaraqueçaba pode ser dividida em Estuários e Ilhas, Litorânea, e a do Ribeira. Sendo apenas a do Ribeira a que não tem suas águas direcionadas às baías de Guaraqueçaba. A drenagem leste paranaense apresenta escoamento predominantemente retilíneo em seu auto curso porque se faz em áreas de grande declividade. Nas porções médias da planície litorânea o padrão de escoamento torna-se meandrante.

Da densa rede de drenagem do município de Guaraqueçaba se destacam as bacias hidrográficas dos rios Potinga, Tagaçaba, Açungui, Serra Negra, Morato e Guaraqueçaba. Ao longo do percurso da PR-405 atravessa-se esses rios através de pontes. Durante os períodos de intensas chuvas, o rio Potinga costuma transbordar no trecho próximo a estrada causando a inundação da pista e interferindo no trânsito de veículos. Como a PR-405 é a única via de acesso por terra, a entrada e saída ficam bastante comprometidas. Além do abastecimento de água, essencial para a população, são fonte de pesca, lazer e com destaque para o turismo que é uma atividade crescente e principal vocação de toda a área. Os rios Açungui e Serra Negra têm importância histórica uma vez que no século XVII foram os primeiros locais no qual foi encontrado ouro no Brasil em seus depósitos aluviais.

Os solos encontrados de acordo com Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (2006) são Latossolo Vermelho-Amarelo, Podzólico Vermelho-Amarelo, Cambissol, Podzol, Solo Hidromórficos Gleyzados Indiscriminados, Solos Indiscriminados de Mangue, Solos Litólicos e Afloramento de Rocha. De todos esses predominam os Cambissolos. Quanto à textura do solo, existe a predominância de solos argilosos no território do município com exceção das ilhas e restingas no qual o solo tem a textura arenosa.

Guaraqueçaba possui clima subtropical úmido, mesotérmico, classificado como Cfa de Köppen com temperatura média de 22°C no mês mais quente e de 3°C a 18°C no mês mais frio. Chuvas durante todo ano caracterizam o clima sempre úmido, com umidade relativa do ar de 85%, segundo informações do Instituto Agrônomo do Paraná (2000). A Serra do Mar, segundo Maack (1972) se apresenta com clima úmido subtropical, em razão da corrente quente do Brasil, que se estende até ao sul no grau 28 da latitude sul. O volume de chuva sustenta a Floresta Tropical Úmida que caracteriza a paisagem do município de Guaraqueçaba, em sua maior parte, porque além da floresta existem restingas e sistemas de mangues. Vendavais são periódicos no verão.

Para Siedlecki et al (2003) essa floresta apresenta remanescentes de grande interesse para a conservação da natureza no Estado do Paraná, se concentra nas planícies litorâneas e nas serras, definida em quase toda sua extensão pela barreira natural da Serra do Mar. Quanto à classificação fitogeográfica (figura 05) se divide em três formações predominantes: Montana, Sub-motana e Terras Baixas e áreas menores de formação Alto-Montana, Terras Baixas e Formações Pioneiras.

A Floresta Atlântica possui grande beleza cênica na interação e combinação de seus elementos naturais. A diversidade de espécies (palmeiras, canela, guaricica, cedro, etc.) podem ser identificadas, dentre outras maneiras, pelas diferentes copadas das árvores; pela fisionomia (de variadas formas: finas, grossas, tortas, retas); pelas folhas (sua coloração, tamanho e formato); e pelas flores, é comum uma diversidade de cores, vários tons de amarelo, de vermelho, de azul. Flores de diversos formatos, de vários tamanhos.

O reconhecimento institucional da peculiaridade dessa região pelo governo ficou manifesto no diagnóstico realizado pelo Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (1995) o qual discorre sobre o Macrozoneamento. A proposta apresenta diretrizes gerais para a mineração, silvicultura e extração vegetal, agricultura e pecuária, aquicultura, indústria, infraestrutura, infraestrutura viária, infraestrutura geral, atividades científicas, culturais, esportivas, turísticas e de lazer e serviços diversos e públicos. O município de Guaraqueçaba enquadrou-se na categoria de centro com função especial, decorrente da

situação geográfica particular. No que diz respeito à paisagem, que aparece como elemento para ser examinado, prevê ser necessário atualizar o levantamento das paisagens notáveis e outros elementos de interesse turístico, como rios, cachoeiras, cavernas, florestas, sítios históricos, arqueológicos, etc., para utilização racional e acompanhamento técnico.

A exploração da Floresta Atlântica vem ocorrendo desde a chegada dos portugueses ao Brasil, cujo interesse primordial era a exploração do pau-brasil. Em conformidade com o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Renováveis (2005) o processo de desmatamento prosseguiu durante os ciclos da cana-de-açúcar, do ouro, da produção de carvão vegetal, da extração de madeira, da plantação de cafezais e pastagens, da produção de papel e celulose, do estabelecimento de assentamentos de colonos, da construção de rodovias e barragens, e de um amplo e intensivo processo de urbanização. Desde então, de acordo com o Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (2001), a planície litorânea e o início das encostas tiveram a sua paisagem muito alteradas, e mais recentemente devido ao cultivo da banana e da mandioca, a extração de palmito e a criação de búfalo africanos.

A Floresta Atlântica é tida como uma das mais ameaçadas no planeta segundo o Plano Integrado de Preservação da Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem e Educação Ambiental (1992), Organização não Governamental que atua no município de Guaraqueçaba. Essa área constitui o maior remanescente contínuo de Floresta Atlântica brasileira, abrigando um dos mais ricos biomas em termos de biodiversidade do mundo. Leite e Klein apud Niefer (2002) relatam que ela cobria originalmente 57.000 km², e está hoje reduzida a apenas 19.000 km², ou seja, atualmente restam cerca de 7% de sua cobertura florestal original, tendo sido inclusive identificada como a quinta área mais ameaçada e rica em espécies endêmicas do mundo. Em 1999, foi considerada Patrimônio Natural da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO.

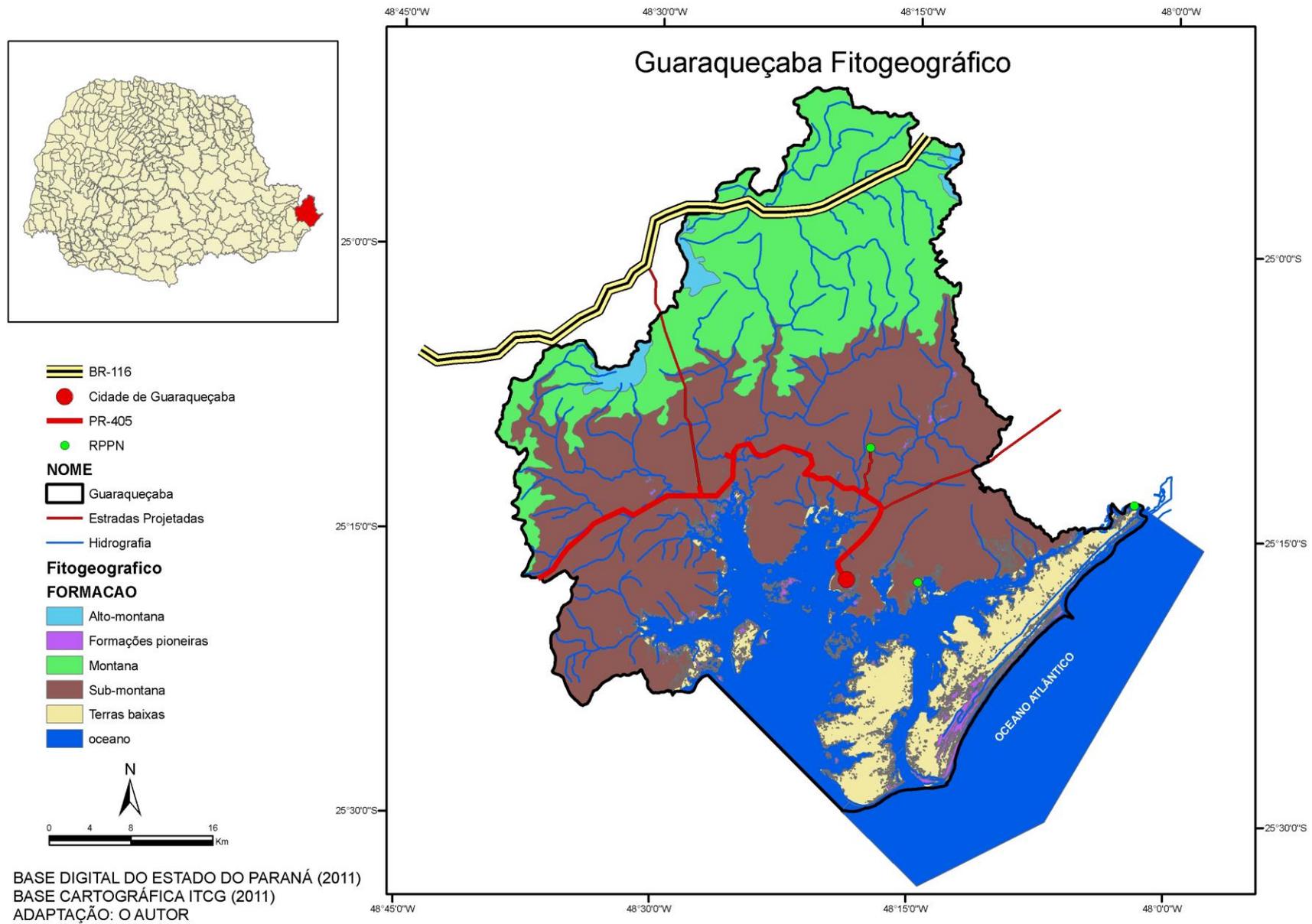


Figura 05. Mapa Fitogeográfico do município de Guaraqueçaba

4.2 A EMERSÃO DA TEMÁTICA AMBIENTAL EM ESCALA MUNDIAL E SUA INFLUÊNCIA EM GUARAQUEÇABA

Consideramos importante fazer menção e realçar a emersão da questão ambiental, a partir de Convenções Internacionais e seus reflexos na área de estudo. Constatamos como decisivas para o Poder Público, pressionado, formalizar a criação das Unidades de Conservação (UCs), primordiais para a preservação da paisagem natural.

O documento do *Massachusetts Institute of Technology – MIT*, os Limites do Crescimento, encomendado para o Clube de Roma, fundamental no percurso ascendente da temática ambiental (...) propunha um planejamento mundial da repartição e da utilização dos recursos naturais, uma reorientação da produção para um modelo menos destruidor, associado a um cuidadoso controle do crescimento populacional, segundo Sampaio, (2002). Teve como base a preocupação com o aumento da demanda por recursos naturais associados ao aumento da população.

A Conferência das Nações Unidas, ocorrida em 1972, em Estocolmo sobre Meio Ambiente Humano, discorreu e expôs os problemas existentes, procurando definir futuras linhas de ação para a discussão da problemática ambiental. Como “pano de fundo” houve o interesse das grandes corporações e dos países capitalistas ricos, na medida em que a crise ambiental abalaria os negócios. De acordo com Sachs (1993) o que interessava preservar de fato era um circuito de acumulação de riquezas, baseado num sistema de produção que poderia ser inviabilizado pelo esgotamento dos recursos naturais e a crise ambiental anunciada. Na Conferência de Estocolmo (1972), cerca de mil delegados de 122 nações, produziram 12.000 páginas de documentos. Todo este esforço para, ao seu final, atingir meras “recomendações”. De qualquer maneira tornou-se um referencial para manifestar a eclosão da questão ambiental em escala mundial de acordo com Monteiro (1981).

O Relatório *Que Faire*, apresentado no final de 1975 por ocasião da 7ª Conferência Extraordinária das Nações Unidas, utilizou-se das expressões “Outro Desenvolvimento e Desenvolvimento Sustentado” (VIEIRA, 1992, p.92).

Em 1982 realizou-se em Nairóbi (Quênia) sede do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente – PNUMA uma avaliação dos dez anos da Conferência de Estocolmo. Na análise dos resultados até então obtidos ocorreu um exame das mudanças de percepção da problemática ambiental. Em 1983, sob o encaminhamento da

ONU, foi estabelecida a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. Logo depois se confeccionou o relatório “Nosso Futuro Comum”, também conhecido como Relatório *Brundtland*. Desse relatório surgiu com mais força a expressão Desenvolvimento Sustentável, que significa satisfazer as necessidades da geração atual sem comprometer as necessidades das gerações futuras, evocando a responsabilidade comum de todos os cidadãos a preservar o meio ambiente. A intenção era de suscitar a conscientização pública e evidenciar a necessidade de um melhor gerenciamento do meio ambiente para sustentar o planeta Terra.

Outro evento para debate ambiental mundial foi a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada entre os dias 3 e 14 de junho de 1992, na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. Ficou conhecida como ECO-92 ou Rio-92, onde fez-se um balanço tanto dos problemas existentes quanto dos progressos realizados, e elaborou-se, nesse evento, alguns dos documentos importantes que continuam sendo referência para as discussões ambientais. Foram duas as convenções fundamentais aprovadas durante a ECO-92: uma sobre biodiversidade e outra sobre mudanças climáticas, ambas tiveram sérios problemas na implementação. Assim como a Agenda 21, um plano de ações com metas para a melhoria das condições ambientais do planeta, que consiste em um acordo estabelecido entre 179 países para a elaboração de estratégias que objetivem o alcance do desenvolvimento sustentável. O aprofundamento da Convenção sobre Mudanças Climáticas resultou na elaboração do Protocolo de Kyoto, de 1997, que objetivava a redução da emissão de gases causadores do efeito estufa. Porém, muitos países desenvolvidos e em desenvolvimento, em virtude do modelo de produção e consumo estabelecido, não colocaram em prática as políticas ambientais elaboradas.

Em 2012, a Rio+20 foi à última Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, realizada na cidade do Rio de Janeiro, no Brasil. Essa reunião da ONU (Organização das Nações Unidas) contou com representantes de quase todos os países do mundo (mais de 190). Foram escolhidos dois temas centrais: a economia verde, como um novo modelo de produção que degrade menos o meio ambiente, e a governança internacional, que indicará estruturas para alcançar este futuro desejado. A Rio+20 aconteceu de 13 a 22 de junho de 2012. Ela é chamada assim porque marca os 20 anos da Rio92 e as metas até 2020. As negociações oficiais e os mais de mil eventos paralelos reuniram governos, empresas, ONGs, acadêmicos e

movimentos sociais para identificar soluções e alvos para enfrentar os desafios globais urgentes, como a falta de acesso à energia e água potável, oceanos esgotados, insegurança alimentar, as crescentes desigualdades e cidades em rápida expansão. Como resultado surge o documento intitulado “O Futuro que Queremos”. Dessa Conferência podem ser apontados alguns pontos positivos como a preocupação com a miséria, numa discussão que anteriormente tinha uma dimensão mais econômica. Quanto aos novos padrões de produção e consumo, o texto é vago em definir metas. Também não fica clara a ideia de que os países se comprometam a investir em direção ao desenvolvimento sustentável, estabelecendo melhores padrões até 2020.

Como pontos negativos podemos apontar que houve a ausência de líderes das nações ricas, incluindo os chefes de Estado e governo dos EUA, China, Rússia e da União Europeia. De todos os espinhos da negociação, era um dos mais importantes a criação de um fundo de US\$ 30 bilhões destinados a financiar o desenvolvimento sustentável, foi rejeitado pelos países ricos e ficou de fora do documento final. A Rio+20 terminou com um documento classificado por diplomatas, chefes de Estado, e ONGs como “pouco ambicioso”. A declaração “O Futuro que Queremos” não define metas nem gera obrigações adicionais para os Estados.

4.3 A QUESTÃO AMBIENTAL LOCAL

A questão ambiental ganha espaço em nosso enfoque, pelo fato de Guaraqueçaba possuir em seu território áreas de proteção ambiental: APA, Estação Ecológica, Parque e RPPN (figura 06). “A preservação dependeu de iniciativa dos órgãos público, principalmente na década de 1980 quando algumas medidas preservacionistas foram decisivas” (SOUZA, 2011, p. 12).

Fez-se necessário uma breve análise dos principais documentos e conferências que delimitaram propostas e conceitos relativos ao meio ambiente e ao desenvolvimento. Assim contextualizamos a questão do meio ambiente, o surgimento do conceito de Desenvolvimento Sustentável, amplamente utilizado no discurso governamental. Também se discute o que se tem de relevante hoje preservado e o que pode ser recuperado? O que não pode ser modificado? O que sendo modificado não acarretará mudanças significativas? Nessa problemática ambiental analisamos a possibilidade da PR-405 se transformar numa Estrada Parque, segundo a proposta do governo do Estado, e a conseqüente diminuição da preservação com o fim do

isolamento. Ao se trafegar pela PR-405 é notória a verificação de uma paisagem cultural formatada pela segregação espacial em consequência de fatores espaciais como distância, dificuldade de comunicação pelas condições precárias da estrada, falta de dinamismo econômico, em síntese, por anos de isolamento. Em razão das condições do entorno, tornou-se a própria PR-405 um elemento de caracterização dessa paisagem. É o ponto de contato de lugarejos como Potinga, Tagaçaba, Assungui, Serra Negra, Morato, entre outros, que tem uma identificação cultural com a “estrada”. Levantamos a hipótese de que o asfalto da PR-405 pode ser positivo desde que se criem políticas de ordenamento territorial levando-se em consideração a conservação e o uso racional e sustentado da paisagem. Atualmente a possibilidade da criação de uma Estrada Parque seria uma alternativa aceitável desde que se atente para a valorização dos elementos de caracterização dessa paisagem cultural, o que seria interessante, por exemplo, para o turismo local. Se por um lado a emersão da questão ambiental foi decisiva para a criação das UCs e essas primordiais para a preservação da paisagem natural, atualmente a melhoria da estrada seria uma oportunidade de melhorar o acesso de Guaraqueçaba, impulsionando o fluxo do turismo Paranaense, Brasileiro e Internacional em razão da beleza de suas paisagens, e do patrimônio histórico-cultural.

A partir de 1971 sucederam-se ações de preservação, de início, o tombamento da Ilha do Superagui, onze anos depois ocorreu à criação da Estação Ecológica de Guaraqueçaba. Em 1985 a criação das Áreas de Relevante Interesse Ecológico nas Ilhas do Pinheiro e Pinheirinho, a criação da Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba, a APA Federal. O estabelecimento da sede regional do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) em Guaraqueçaba e a homologação do tombamento da Ilha do Superagui. Nos nove anos seguintes ocorrem sucessivamente o Tombamento da Serra do Mar, impedimento da passagem da BR-101 nas áreas naturais protegidas de Guaraqueçaba, macrozoneamento florístico e faunístico da APA de Guaraqueçaba, a criação do Parque Nacional do Superagui, e a proibição de corte de qualquer espécie vegetal de Floresta Atlântica, que posteriormente foi regulamentado pelo IBAMA. Em 1991, ocorreu a inclusão de Guaraqueçaba na primeira Reserva da Biosfera criada pela UNESCO no Brasil e a Implantação do ICMS Ecológico do Estado do Paraná. A seguir, a criação da Reserva Natural do Salto Morato, e a regulamentação da exploração do palmito na Floresta Atlântica.

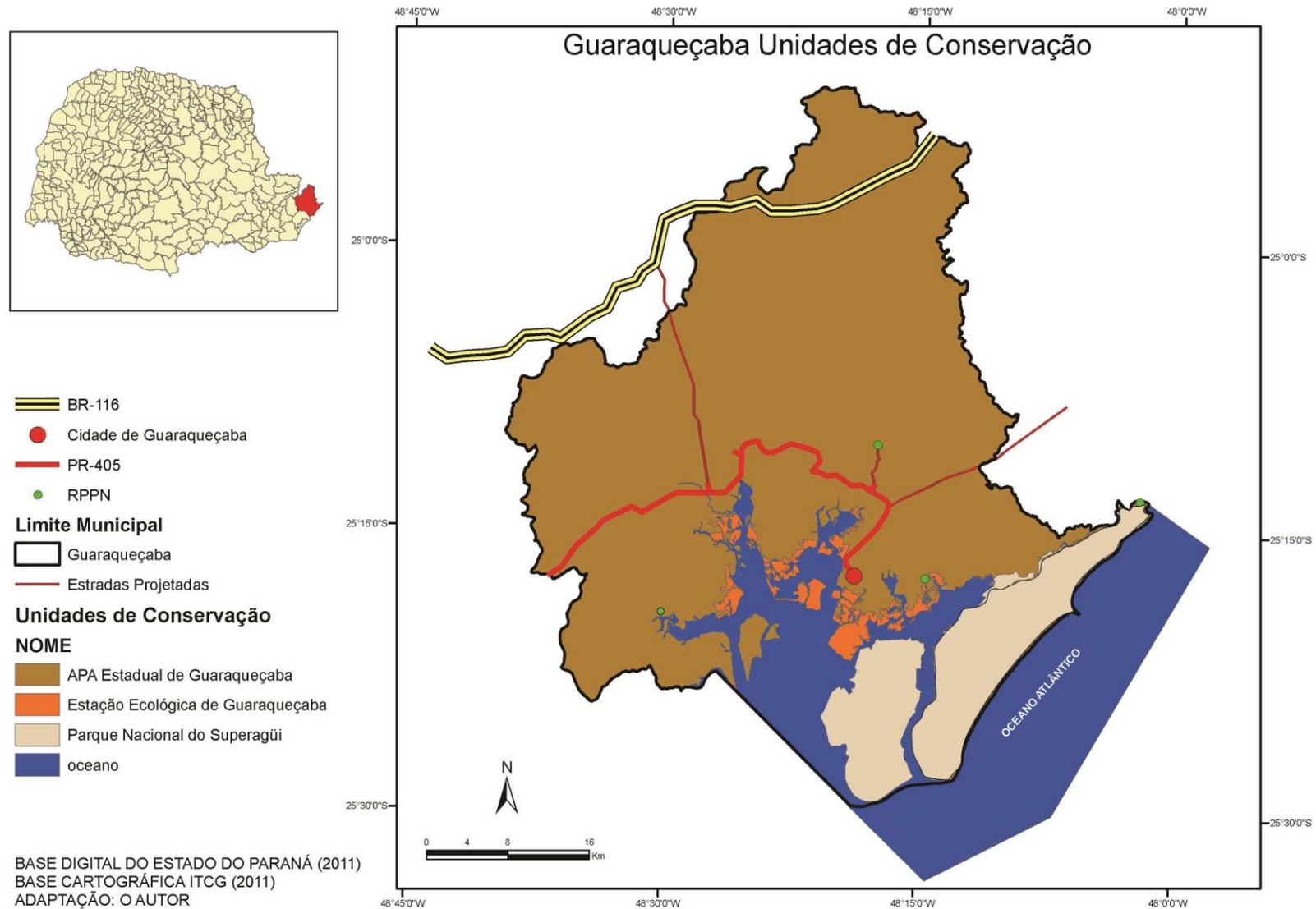


Figura 06. As Unidades de Conservação de Guaraqueçaba. Adaptação: SOUZA, R.M. (2011).

Dois anos depois houve a realização do zoneamento ecológico-econômico da APA de Guaraqueçaba. Faz-se importante analisar o conteúdo, o contexto e os impactos de cada um desses projetos na área de estudo, que será comentado a seguir.

4.3.1 O Superagui

O Superagui é um Parque Nacional. A antiga colônia de imigrantes que teve seu auge e declínio no início do século XX. Nos anos de 1970 a situação retratada por ALVAR e ALVAR (1979) era de precariedade. Segundo eles relatam: “passamos vários dias no Superagui, familiarizando-se com seus habitantes e com o tipo de vida que levam, o qual não difere muito daquele de seus antepassados, ainda que, no fundo, haja piorado com o tempo” (ALVAR E ALVAR, 1979, p.25). As obras de Michaud (1829-1902), imigrante suíço, a nosso ver, destacam-se para compreensão da história paisagística desse local quando comparada com as representações atuais (figura 07). Relata-se que “seus desenhos e aquarelas refletem de forma magistral a paisagem e os costumes”. Michaud exerceu liderança comunitária, sendo professor e artista muito preocupado com o futuro do Superagui. A principal Praça de Guaraqueçaba leva seu nome.

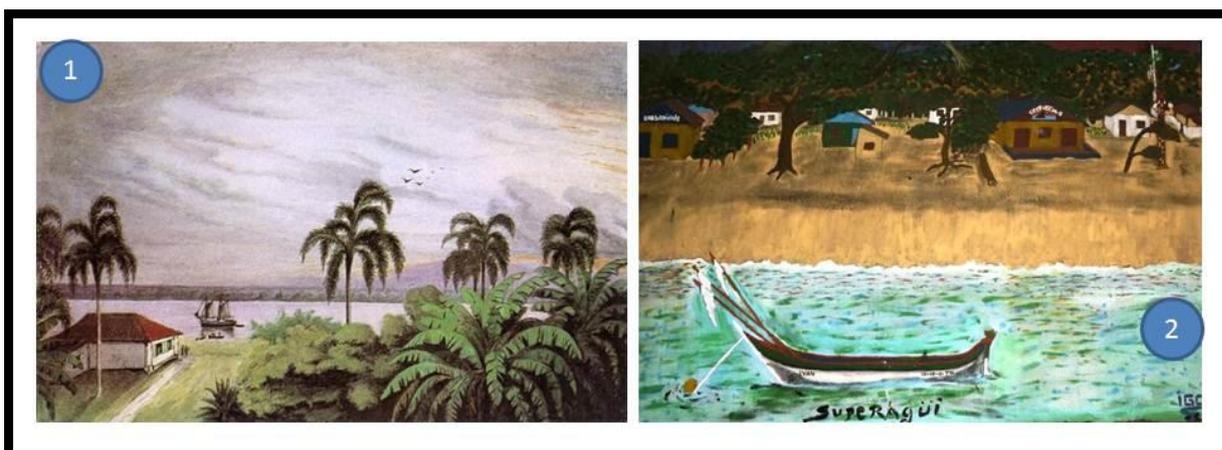


Figura 07. Superagui em dois momentos. (01) Superagui, Wilhelm Michaud, (1829-1902)⁸; Paisagem do Superagui (2), na tela de Ivan Gonçalves Costa (2010). Autor: COSTA, I.G. (2010).

Para os que são contrários as leis ambientais e as ações de conservação que ocorreram no Superagui recomenda-se refletirem sobre os pontos negativos que são

⁸ CASILLO, R. B. C. Pintores da Paisagem Paranaense. Curitiba: Solar do Rosário, 2001.

descritos já há quarenta anos. Deve-se fazer o seguinte questionamento: como seria a paisagem do Superagui caso não houvessem as leis de proteção ambiental? Observe o trecho a seguir,

Passaram-se 75 anos do momento em que Michaud perguntava o que seria do Superagui dentro , de uma dúzia de anos. Podemos afirmar hoje que seu pessimismo foi mais que justificado. As terras de cultivo foram abandonadas e a população rumou mais para o sul a fim de dedicar-se a pesca do camarão, recolhido em grandes quantidades na ponta fronteira ao oceano. Pratica-se a pesca de arrastão, com o único propósito de obter lucro, sem pensar nas consequências que isto poderá trazer. O gênero de vida experimenta uma certa evolução e foi o único local no qual encontramos a roda no transporte, pois, no restante do Município, virtualmente desapareceu, e não existem os carros que podem ser vistos nas aquarelas de Michaud. Na formosa e prolongada praia de Superagui são encontrados alguns carrinhos de mão para ajudar no transporte do pescado por dezenas de quilômetros que separam as casas dos pescadores do núcleo no qual são comercializados os peixes; também existem muitas bicicletas utilizadas para tal fim (ALVAR E ALVAR, 1979, p. 27).

A instituição de áreas de preservação foi importante. Observa-se que o desenvolvimento que ocorreu de Michaud (início do século XX) até a pesquisa de ALVAR e ALVAR (1979) foi degenerativo. A pesca do camarão e de arrasto realmente se intensificaram, sendo hoje a principal atividade econômica. Outra alternativa que desponta, ainda com pouca solidez, é o turismo.

Como seriam as mudanças desde os registros de ALVAR e ALVAR (1979) até os nossos dias, caso não houvesse sido estabelecidas as Unidades de Conservação? Possivelmente a expansão imobiliária e a decorrente especulação se alastrariam, haveriam rodovias ligando toda essa área ao restante do território, trazendo em seu bojo a retirada da floresta, poluição de variadas formas, extinção de espécies, efeito de borda, etc. E para a população nativa seria interessante? O desenvolvimento capitalista é altamente desigual, aumentaria a riqueza de alguns e tornaria maior a pobreza de muitos, ampliariam-se os problemas sociais conjugados a perda do patrimônio natural. Isso é interessante? De maneira alguma. Apesar de alguns afirmarem que a paisagem foi preservada por causa da cultura isso é questionável. Porque, as mudanças causadas pelo crescimento econômico e predatório ocasionam mudanças de hábitos, no modo de se trabalhar, de pensar e de se relacionar com a natureza, portanto altera a cultura. Pode-se afirmar que, se existem paisagens preservadas, deve em grande parte, as lutas e conquistas na área de preservação natural. De tal sorte, protegendo as paisagens naturais se protege juntamente a cultura.

A seguir discorremos sobre de que maneira ocorreu a instituição dessas áreas de preservação. A Ilha Artificial do Superagui, com 35 mil hectares, foi definitivamente tombada pelo Conselho Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico do Paraná em 1985. A palavra tombamento tem origem portuguesa e significa fazer um registro do patrimônio de alguém, em livros específicos num órgão de Estado que cumpre tal função. Ou seja, registrar algo que é de valor para uma comunidade protegendo-o por meio de legislação específica. Atualmente, o tombamento é um ato administrativo realizado pelo poder público (SEEC/CPC, 2013) com o objetivo de preservar, através da aplicação da lei, bens de valor histórico, referente à cultura, arquitetônico e ambiental para a população, impedindo que venham a ser destruídos ou descaracterizados. O tombamento da porção paranaense da Serra do Mar, ocorreu um ano depois, em 1986. Abrange toda a Serra, inclusive morros isolados, totalizando 562 mil hectares, dos quais cerca de 200 mil situados nos limites de Guaraqueçaba, segundo Von Bher (1997).

O impacto dessas ações na área de estudo foi à consolidação de uma maior defesa da Floresta Atlântica e dos ambientes associados, como manguezais e restingas; a valorização da identidade física e cultural das comunidades tradicionais locais; e a preservação do seu rico patrimônio histórico-cultural.

Segundo informações do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (2013), o Parque Nacional do Superagüi foi criado em 1989 e ampliado em 1997, passando a ter 33.988,00 ha, abrangendo outras áreas insulares e também uma área continental, o Vale do Rio dos Patos. Isto ocorreu em função da presença de aves marinhas na Praia Deserta e da ampliação da área de ocorrência do mico-leão-da-cara-preta, primata descoberto em 1990 e endêmico da área. Com essa ampliação, foram incluídas dentro dos limites do Parque além da Ilha das Peças e a Colônia do Superagüi: Barbados, Canudal, Vila Fátima, Ararapira, Barra do Ararapira, Rio dos Patos e Abacateiro, como também famílias isoladas da Praia Deserta. No Parque Nacional do Superagüi podem ser encontradas espécies ameaçadas de extinção, como o mico-leão-da-cara-preta (*Leontopithecus caissara*), papagaio-da-cara-roxa ou Chauá (*Amazona brasiliensis*), suçuarana (*Felis concolor*) e bugio (*Alouatta fusca*). A área é considerada Sítio do Patrimônio Natural da UNESCO (1999), Reserva da Biosfera da UNESCO (1991) e Patrimônio Natural e Histórico do Paraná (1970). Atualmente existe uma identificação da população com as riquezas culturais e naturais da área. Notamos nos

trabalhos de artesanato e nas pinturas de artistas locais ícones e elementos de caracterização: as espécies endêmicas, as bacias hidrográficas e a pesca (figura 08).



Figura 08. Os animais aparecem nas pinturas associados à paisagem de Guaraqueçaba: (01) aves marinhas no Parque Nacional do Superagüi (COSTA, I.G.); (02) o Mico-Leão da Cara Preta (ALVES, I. W.) espécie endêmica; (03) cavalos na bacia hidrográfica (ALVES, I. W.); (04) Papagaio Chauá (SOUZA, A. A.); (05) o mar e o peixe pintados na cerâmica. Organização: SOUZA, R. M. (jan.2013).

Um parque nacional corresponde a uma área de conservação que tem como objetivo básico a preservação de ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica, possibilitando a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e o ecoturismo. No Brasil há parques estaduais e parques municipais criados dentro da mesma legislação. Os três tipos de parques integram o SNUC- Sistema Nacional de Unidade de Conservação - Lei 9.985 de 2000. Os Parques Nacionais, assim como outras unidades de conservação federal, são geridos pela autarquia federal ICMBIO - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, criado em 2007.

Apesar da criação do parque sua exploração dentro dos objetivos propostos, ao nosso ver, estão aquém das expectativas. Poucos são os projetos para utilização dessa

importante área. O Parque Nacional do Superagui deve-se tornar mais acessível, muitos moradores da própria cidade de Guaraqueçaba nunca o visitaram, as crianças das escolas não vão até o Superagui e as pesquisas científicas realizadas por moradores locais são quase inexistentes. Por esse motivo se tem sua paisagem interpretada por visões de fora. A interpretação das telas e artesanatos é uma maneira de dialogar com as representações locais da paisagem. Por exemplo, a paisagem cultural do Superagui de hoje em seus elementos de caracterização: uma colônia de pescadores, com superfície arenosa e casas de madeira, como retratado na pintura de Ivan G. da Costa.

4.3.2 A Estação Ecológica de Guaraqueçaba e a Reserva da Biosfera

A Estação Ecológica de Guaraqueçaba possui 14 mil hectares. É constituída por mangues continentais e aproximadamente 20 ilhas. As estações ecológicas estão entre as mais restritivas dentre as Unidades de Conservação, desapropriando terras e proibindo qualquer tipo de exploração econômica. São decretadas sempre para áreas representativas dos diversos ecossistemas brasileiros e destinam-se a realização de pesquisas básicas e aplicadas a ecologia, a proteção do ambiente natural e ao desenvolvimento de educação conservacionista.

Para a paisagem de Guaraqueçaba, a criação da Estação Ecológica foi relevante, uma vez que ocorre em outros municípios do litoral do Paraná o aterramento do mangue para construções de portos, áreas de moradias irregulares, ruas, etc. O mangue é um dos elementos de destaque da paisagem guaraqueçabana. Sendo um viveiro natural primordial para as populações tradicionais que vivem da pesca artesanal e também importante para o turismo e pesca esportiva. Protege a costa da erosão e dos vendavais que são constantes, principalmente no verão.

A Reserva da Biosfera da UNESCO, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura – UNESCO declarou, em 1991, a porção de Floresta Atlântica compreendida entre o Vale do Ribeira e a Serra da Graciosa parte da primeira Reserva da Biosfera brasileira. Reservas da Biosfera são entidades criadas pela UNESCO em 1972, para funcionar como centros de monitoramento, pesquisas, educação ambiental e gerenciamento de ecossistemas.

De acordo com o Ministério do Meio Ambiente, a cobertura de áreas protegidas na Mata Atlântica avançou expressivamente ao longo dos últimos anos, com

a contribuição dos governos federais, estaduais e mais recentemente dos governos municipais e da iniciativa privada. No entanto, a maior parte dos remanescentes de vegetação nativa ainda permanece sem proteção. Assim, além do investimento na ampliação e consolidação da rede de áreas protegidas, as estratégias para a conservação da biodiversidade visam contemplar também formas inovadoras de incentivos para a conservação e uso sustentável da biodiversidade, tais como a promoção da recuperação de áreas degradadas e do uso sustentável da vegetação nativa, bem como o incentivo ao pagamento pelos serviços ambientais prestados pela Mata Atlântica. Cabe enfatizar que um importante instrumento para a conservação e recuperação ambiental na Mata Atlântica, foi a aprovação da Lei 11.428, de 2006 e o Decreto 6.660/2008, que regulamentou a referida lei (MMA, 2013).

Essa questão envolvendo a Reserva da Biosfera tem dois lados importantes. Por um lado, deu impulso a política de Ordenamento Territorial a partir da Criação de Unidades de Conservação (UCs) e aumentou a preservação dinâmica das paisagens naturais e da biodiversidade. Por outro lado, a qualidade de vida da população no que diz respeito à renda, nível de escolaridade e saúde não melhorou. Essa região tem um dos piores indicadores sociais do Paraná¹⁰. Para a conservação das paisagens as UCs foram muito importantes, porque a floresta é um dos principais elementos de caracterização, em conjunto com o relevo, as bacias hidrográficas, a baía e a ocupação humana. O ICMS ecológico não significou o fim da precariedade do sistema de saúde (do isolamento para consultas com especialidades médicas), da falta de faculdades ou do acesso a elas, e da falta de ofertas de emprego. É preciso criar alternativas que levem em consideração o potencial turístico da paisagem de Guaraqueçaba e seu uso para a população local.

¹⁰ IDH 0,583. Fonte: IBGE/2010.

4.3.3 Implantação do ICMS Ecológico do Estado do Paraná e a Reserva Natural do Salto Morato

Em 1992 o ano em que o Estado do Paraná adotou a lei do ICMS Ecológico, que determina que os municípios donos de rico patrimônio natural, como Guaraqueçaba, sejam premiados com uma fatia ampliada do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços. “Esse critério tornou-se desde o início um incentivo ao desenvolvimento sustentável, pois demonstrou a população que preservar a natureza pode ser um exercício permanente de cidadania e também bom negócio” (VON BEHR, 1997, p. 65). Já se passaram 21 anos desde a adoção desta lei do ICMS, porém se está distante de se resolver todos os problemas sociais, a falta de infraestrutura e desenvolvimento local.

Beneficiando-se dos incentivos, a Reserva Natural Salto Morato foi criada e é mantida pela Fundação Grupo Boticário de Proteção a Natureza. É considerada referência em manejo de reserva natural, serve de campo para pesquisas científicas e recebe anualmente cerca de sete mil visitantes. Numa área de Mata Atlântica com 2.253 hectares, protege paisagens de rara beleza que fascinam visitantes do Brasil e do mundo, como o Salto Morato, uma queda d’água de aproximadamente 100 metros (Figura 09), e a Figueira do Rio do Engenho, cuja raiz forma um “portal” sobre os seis metros de largura do rio. Além da beleza natural, a Reserva oferece infraestrutura: trilhas interpretativas, centro de visitantes, quiosques, *camping*, alojamento para pesquisadores e centro de capacitação. A área foi comprada em 1994, com o apoio financeiro da *The Nature Conservancy* (TNC). No mesmo ano, foi reconhecida como Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) e, desde 1996, está aberta ao público (FUNDAÇÃO GRUPO BOTICÁRIO, 2013).

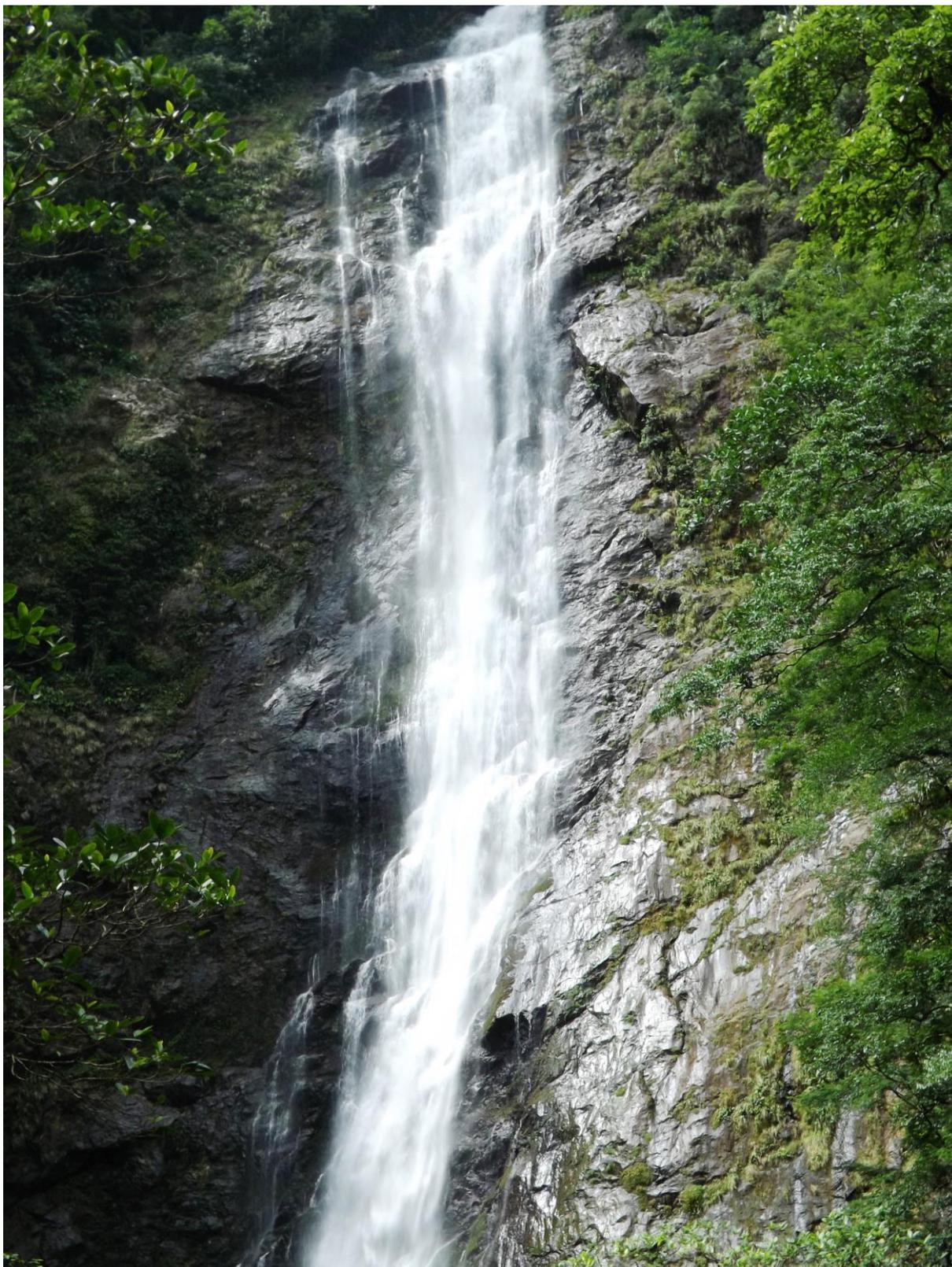


Figura 09. Salto Morato. SOUZA, R.M. (jan.2013). Autor: SOUZA, R.M. (jan. 2013).

Uma área preservada, rica em biodiversidade e com infraestrutura para explorar o patrimônio natural da forma correta: com ecoturismo e apreciação da

paisagem. A RPPN do Salto Morato consolida-se como um empreendimento que valoriza a Paisagem guaraqueçabana. Uma área que anteriormente estava se degradando por causa das pastagens de búfalos africanos, animais que soltos no caminho de acesso tornavam-se assustadores para os turistas que se aventuravam para conhecer a bela queda d'água do Salto Morato. A Figueira do rio Engenho se tornou acessível depois da criação da RPPN. Anteriormente as trilhas eram precárias e a estradinha de acesso muito ruim. As pesquisas científicas tem contribuído para uma maior conhecimento e destaque da área natural. Notamos apenas uma carência relacionada a uma maior valorização e retratação da cultura da população tradicional. O Morato já foi no passado uma área na qual o palmito era a principal atividade econômica. A construção de algo que remetesse a essa fase histórica como, por exemplo, um museu do palmitreiro¹¹ traria a memória fatos que foram superados, entretanto fazem parte da construção histórica dessa importante paisagem.

4.3.4 Exploração do palmito na Floresta Atlântica, as Lavouras ilegais e a destruição da floresta

O extrativismo do palmito consolidou-se durante um longo período como uma atividade econômica importante na região. Essa atividade entrou em declínio na década de 1990 “devido à redução da espécie, o que faz com que os palmiteiros sejam obrigados a andar distancias cada vez maiores para extrair o produto” (VON BEHR, 1997, p. 110).

O fato de praticamente não haver o replantio de palmáceas – considerado muito caro pelos fabricantes – explica o fenômeno, além de ser grande o risco de se atingir um ponto crítico para a preservação da espécie e a manutenção de seu banco genético. O palmito dá frutos ricos em nutrientes durante boa parte do ano, constituindo-se em item fundamental na dieta de inúmeros animais. Por isso, é considerado elemento-chave do ecossistema da Floresta Atlântica, o que torna ainda mais preocupante a redução de seu estoque (VON BEHR, 1997, p. 110).

O extrativismo vegetal referente ao palmito no passado foi uma atividade econômica forte localmente. Na Guaraqueçaba anterior a emersão da questão ambiental

¹¹ O trabalhador que sobrevive do extrativismo do palmito.

havia duas fábricas de palmito em conserva (figura 10), uma em Guaraqueçaba e outra na localidade de Serra Negra que comandavam uma atividade predatória, mal remunerada (levando-se em consideração o grande esforço físico para o palmiteiro). O “roubo de palmito”, atividade clandestina e ilegal era outro problema social notável.



Figura 10. Caminhão carregado de palmito em conserva. Autor: SOUZA, R, M. (jan. 2013).

É crítico na extração de palmito o fato de que a retirada da palmeira serve apenas para colher a parte comestível e anula-se todo um ciclo de alimentação de animais, de aves e da própria palmeira, ameaçada de extinção caso a exploração não fosse controlada. Isso começou a mudar com a RESOLUÇÃO Nº 019/2010 – SEMA, que estabelece os procedimentos para a proteção e utilização do PALMITO, *Euterpe edulis* Martinus, no Estado do Paraná,

Artigo 2º: A exploração de indivíduos adultos de palmito (*Euterpe edulis*) oriundos de Projetos Incentivados ou de Reposição Florestal Obrigatória deverá ser submetida previamente a apreciação e análise do IBAMA/PR, conforme previsto em legislação própria. Artigo 3º: É vedada a exploração de palmito (*Euterpe edulis*) proveniente de populações naturais, conforme disposto no artigo 2º do Decreto Federal nº 6.660/08, por se tratar de espécie incluída na Lista Oficial de Espécies da Flora Brasileira Ameaçadas de Extinção.

Nas últimas décadas outras atividades mais ecológicas relacionadas ao extrativismo das palmeiras ganham espaço. São alternativas para o desenvolvimento

sustentado. Em entrevista com o engenheiro florestal Marcelo Mendes do Amaral¹² que trabalha com o Programa Mercado Mata Atlântica RBMA, ele aponta novas alternativas para a exploração. Afirma que existem maneiras sustentáveis de se explorar a palmeira juçara nativa (*Euterpe Edulis*), aproveitando apenas a poupa e espalhando-se posteriormente as sementes na mata, sem precisar derrubar as árvores. Existem três espécies de palmeiras que são mais exploradas economicamente em Guaraqueçaba. A Juçara, e duas espécies exóticas: a Pupunha e a Palmeira Real. Amaral explica as principais diferenças entre a Pupunha e a Palmeira Real. A Pupunha tem o crescimento rápido, em dois anos já está pronta para ser cortada e comercializada. A Pupunha, segundo produtores locais tem um retorno rápido por se adaptar bem as condições ecológicas. Schattan e Kotona (2004) apontam as vantagens da pupunha em relação à Jussara, .

[...] palmeira originária da região amazônica, que oferece grandes vantagens na produção de palmito. Enquanto a juçara se desenvolve na mata, demorando oito anos para produzir um único palmito e extinguindo-se ao ser cortada, a pupunha é cultivada a pleno sol, iniciando a produção aos 18 meses e perfilhando nova planta a cada 8 a 12 meses (SCHATTAN, S; KOTONA, A.P. L, 2004, p. 46).

A Palmeira Real pode ser aproveitada para produzir alimentos e para o paisagismo. Quanto às condições ecológicas necessita de mais insolação que a Juçara para obter melhor desenvolvimento. A introdução de fazendas dessas espécies exóticas tem sido um diferencial na paisagem, ao longo da PR-405 e na própria cidade de Guaraqueçaba. Outro problema que degrada e devasta aos poucos as florestas é o das lavouras ilegais, atividade que ainda ocorre apesar da intensa fiscalização da polícia florestal. Os agricultores procuram encontrar meios de sobreviver e com isso abrem clareiras na floresta, em lugares escondidos da PR-405 e fora da visão nas vias vicinais para fugir da fiscalização. No entanto o sensoriamento remoto, e a fiscalização feita com helicópteros identificam essas áreas. Os desmatamentos não são concentrados, são pequenos e disseminados em várias propriedades. Em áreas protegidas, encostas de morros, áreas consideradas de preservação permanente (APP). Para desmatá-las é necessário licenciamento ou autorização ambiental do IAP.

¹² Entrevista em trabalho de campo realizado em jan.2013.

O plantio de pupunha e palmeira real, espécies consideradas exóticas, tinha como objetivo substituir a economia do palmito e fornecer alternativas para a agricultura, mas em contrapartida incentivou o aumento progressivo das áreas desflorestadas. Por exemplo, a notícia divulgada de que o Instituto Ambiental do Paraná (2012) e a Polícia Ambiental encontraram 23 hectares de vegetação nativa desmatada em Antonina e Guaraqueçaba, no Litoral não é nenhuma novidade para quem vive no local e conhece a maneira sofrida que as pessoas sobrevivem na área rural. Percebe-se então que apesar da propaganda local em torno das palmeiras exóticas não ocorreu de imediato à superação dos problemas sociais. Os conflitos entre a necessidade de desenvolvimento local e a preservação da natureza ocorrem dentro da APA de modo contínuo. A maneira de proteger essas paisagens é proporcionar medidas sustentáveis para que as pessoas tenham uma vida digna sem precisar degradar o meio ambiente.

Em uma entrevista com o Secretário de Obras do município (Joceni Roecker) ele argumentou que são ministrados cursos aos agricultores sobre atividades sustentáveis. De início a população fica animada sobre as novas alternativas, entretanto na hora de conseguir créditos e retorno financeiro é muito difícil. Citou o exemplo das abelhas nativas. Já existe implementado há algum tempo um projeto para se trabalhar com abelhas nativas, muito interessante em termos ambientais, todavia na hora de se conseguir os financiamentos o Banco privilegia os empreendimentos que se utilizam de abelhas africanas, espécie exótica e introduzida que não tem os mesmos benefícios que as abelhas nativas para o Meio Ambiente. Mesmo assim, o poder público se mostra aberto ao diálogo, afirma ele.

4.3.5 Zoneamento Ecológico-Econômico da APA de Guaraqueçaba (IPARDES/IBAMA)

Em última análise sobre as ações da emersão ambiental local o ZEE da APA de Guaraqueçaba, feito em parceria pelo IPARDES/IBAMA (1990) compõe-se de um instrumento que forneceu subsídio ao Ordenamento Territorial e que nós analisemos desde o início, com a caracterização ambiental; a seguir a descrição a respeito dos animais; os sítios arqueológicos; a mineração e o uso do solo. O segundo capítulo é a caracterização socioeconômica. O terceiro capítulo descreve os aspectos jurídico-institucionais que são as áreas de proteção ambiental.

O Macrozoneamento contem as diretrizes e normas gerais sobre mineração, silvicultura e extração vegetal, agricultura e pecuária, aquicultura, indústria, infraestrutura, infraestrutura viária, infraestrutura geral, atividades científicas, culturais, esportivas, turísticas e de lazer e serviços diversos e públicos. Sobre a mineração é importante frisar a dificuldade em licenciamento para extração de material para construção civil e manutenção da PR-405. Há muita burocracia e a população tem de comprar esses materiais em outros municípios, pagando-se desse modo bem mais caro devido ao preço do transporte e ao tempo gasto. Nesse capítulo do documento destacam-se também as partes que tratam do desenvolvimento e usos da área urbana e das atividades turísticas.

Em termos ambientais e da paisagem, que é nosso enfoque, o ZEE considera necessário ressaltar o potencial turístico.

Daí a necessidade de: a) elaborar um plano diretor para a sede do município, regulando o uso dessa área; b) elaborar um plano turístico regional, que poderá, entre outros aspectos, orientar a distribuição e localização dos equipamentos e infraestrutura necessários, de forma a adequá-los as características ambientais, e minimizar ou evitar a degradação ambiental. Também deverá orientar a concepção arquitetônica e de engenharia das edificações e infraestruturas, adequando-as a plástica paisagística, a qual pode ser incorporada ao conjunto turístico, que, inclusive, pode valorizá-la; c) estudar as atribuições e competências das entidades que tratam de turismo e meio ambiente, prevendo-se um trabalho integrado; d) melhorar a fiscalização de determinadas atividades de lazer, como a pesca amadora; e) **atualizar o levantamento das paisagens notáveis e outros elementos de interesse turístico, como rios, cachoeiras, cavernas, florestas, sítios históricos, arqueológicos, etc., para utilização racional e acompanhamento técnico** (IPARDES, 1990, p. 236, grifo nosso).

O que fica evidente é a existência de muitos “avanços” no papel porem o macrozoneamento não resolveu nem o problema da extração controlada de materiais para construção civil. A população local tem de pagar mais caros por recursos como areia, terra e materiais para construção, o que poderia ser extraído em locais delimitados sem destruir as paisagens.

Por fim, diante de todos esses itens levantados, consideramos que o resultado do movimento ambiental internacional teve reflexos no Brasil e por consequência em Guaraqueçaba. Uma sucessiva onda de Leis ambientais, ações e procedimentos que resultaram na preservação das paisagens do município. Todo esse movimento tem importância, atualmente acreditamos que se deve pensar em oferecer a utilização desse

ambiente paisagístico para um maior fluxo de turistas como objetivo de se utilizar esse território e se obter retorno social para os habitantes nativos. Semelhante ao que ocorre em outras partes do Estado como por exemplo, a Ilha do Mel e o Parque do Iguaçu, a construção de uma Estrada Parque na PR-405 ou o investimento em balsas tipo *ferry bolt* melhora o acesso a essas paisagens, o tráfego de veículos impulsionado o fluxo de turistas e contribuiria para o desenvolvimento econômico local que está estagnado.

4.4 AS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO E A PRESERVAÇÃO DA PAISAGEM NATURAL DE GUARAQUEÇABA

4.4.1 Os territórios de uns e as paisagens de outros

A manutenção da paisagem natural, preservada, de Guaraqueçaba decorreu principalmente da criação das Unidades de Conservação (UC). Atividades impactantes para deterioração do meio ambiente foram embargadas pelos órgãos públicos no percurso da década de 1980 e 1990. Empreendimentos agropecuários visando fins fundiários; loteamentos totalmente irregulares (aprovados pela Prefeitura na ocasião); provas automobilísticas desprovidas de preocupação com o suporte da paisagem; e o traçado que seria realizado pela BR-101.

Já discorremos sobre a relação existente entre as unidades de conservação e a preservação do meio ambiente. Agora aprofundaremos um pouco mais em torno da questão da PR-405. Desacelerando as mudanças desordenadas na paisagem as Leis ambientais e a criação de parques, estações ecológicas, e áreas de proteção ambiental, desempenharam uma contribuição importante. A pressão imobiliária na década de 1980 foi muito forte e quase transformou Guaraqueçaba num retrato do que ocorreu em muitas outras áreas do litoral paranaense, o que reflete-se para esses outros municípios em falta de infraestrutura urbana, poluição e degradação ambiental, além da exclusão da população tradicional.

Para Tomas (2002), os objetivos dos latifundiários que se estabelecem na área a partir de 1960, e a inserção por parte deles de rebanhos bufalinos, não era obter lucro com o processo produtivo, todavia obter a posse da terra. E causar uma grande modificação na região natural. Noutra ocasião, como relata Von Behr (1997) à estrada de Guaraqueçaba havia sido selecionado para uma prova que ocorre em Madagascar, na África, porém que causaria com certeza muita degradação para a PR-405. De maneira ainda mais expressiva a abertura da BR-101 com certeza seria um marco de destruição

sem precedentes na paisagem de Guaraqueçaba. A construção de estradas sempre traz em seu bojo todo um efeito de borda, de expansão de núcleos urbanos e atividades econômicas ao logo da rodovia e de conseqüente degradação. Questiona-se, se por acaso todas essas ações causadoras de prejuízo ambiental se realizassem o que ocasionariam de mudanças nas últimas décadas? Com certeza a paisagem atualmente não seria nem de longe a mesma. É fato que a criação de unidades de conservação atuou de forma decisiva na manutenção das paisagens naturais.

Analisaremos as questões relacionadas à BR 101 mais adiante. O embate entre conservação e desenvolvimento aos poucos cedeu lugar para o isolamento e abandono. Guaraqueçaba deixou de ser uma área prioritária. Existe hoje o dilema: como gerar empregos com toda essa área de preservação. Esse é um desafio atual, os territórios de uns (da população local) e as paisagens de outros (dos grupos ambientalistas).

4.4.2 Geossistema, Território e Paisagem

Geossistema, Território e Paisagem ou simplesmente o GTP, de acordo com Bertrand (2009) apresenta uma entrada naturalista, outra socioeconômica e uma terceira sociocultural, quebrando com a ideia atual de uma Geografia setorizada.

1. Entrada naturalista: trabalhada a partir do conceito de Geossistema, no qual se analisa a estrutura e funcionalmente biofísico, é o que os autores chamam de *Source* (fonte); 2. Entrada socioeconômica: analisada a partir do conceito de Território que permite analisar as repercussões da organização e dos funcionamentos sociais e econômicos sobre o espaço considerado chamada pelos autores de *Ressource* (recurso); 3. Entrada sociocultural: que se dá a partir da noção de paisagem, estudada a partir do processo de artificialização da paisagem, chamada pelos autores de *Ressourcement* (identidade) (BERTRAND, 2009, p.41).

Recentemente Bertrand substituiu Geossistema por Sistema Territorial Natural, segundo ele, para que se analise a paisagem é necessário caminhar rumo a um estudo de sistema, a análise setorizada é útil para compreender a paisagem, contudo é incompleta. Devem-se analisar três aspectos da paisagem:

1. Os atores da paisagem, individuais ou coletivos, que intervêm diferentemente na paisagem, do simples passante ao construtor; 2. Os locais, que corresponde a análise socioeconômica e geossistêmica do território, com uma atenção particular concedida aos diferentes zoneamentos; 3. O tempo, por um lado situa a paisagem no tempo

mais ao longo da história, que, por outro lado, também se situa nos ritmos sazonais, bioecológicos (fenológicos) ou socioculturais (calendários) que periodizam as representações das paisagens (BERTRAND, 2009, P.41).

Toda paisagem é formada por sistemas (ciclo da água, circulação do ar, atividades micro e macro biológicas) ocultos aos olhos não treinados para vê-los. Sistemas que possuem em sua essência, como em toda natureza, uma hierarquia definida pela predominância, relevância de um elemento em relação aos demais, como por exemplo, o ciclo da água na natureza, ou o ciclo do oxigênio. Podemos então, definir na paisagem sistemas dominadores e sistemas dominados, ou então, sistemas e subsistemas.

A paisagem reflete a sociedade, o território está na paisagem. A paisagem território é o meio ambiente no olhar dos homens, artificializada pela sociedade. Por meio dessa paisagem-território, trazendo elementos e métodos da análise da paisagem e seus prognósticos para as discussões de gestão do território é que podemos alcançar o desenvolvimento do território.

As paisagens registram também marcas deixadas pela natureza e pela sociedade, casas abandonadas em uma zona rural, árvores frutíferas indicando um antigo pomar (mangas, goiabeiras, laranjeiras, abacateiro, etc.) por exemplo, podem indicar que aquela já foi uma área ocupada e que por motivos sociais, econômicos, culturais etc. a população se retirou. Através dessas marcas, podemos fazer prognósticos de como essa paisagem se comportará no decorrer do tempo.

Áreas naturais e paisagens bem preservadas muitas vezes despertam o interesse de grupos que não tem uma visão adequada da importância desses lugares. A lógica capitalista de apropriação de áreas bonitas com potencial de exploração turística atuou no passado e continua atuando hoje. O que tem retardado as mudanças desenfreadas na paisagem são as Leis ambientais, a fiscalização e a criação de parques, estações ecológicas, áreas de proteção ambiental.

O uso e ocupação do solo da região litorânea são regulamentados por um conjunto de leis, decretos e resoluções que influenciam as ações municipais nos seus territórios. Estas limitações e diretrizes impostas pelo poder Federal, Estadual e municipal estão principalmente relacionadas à proteção ambiental e ao turismo.

4.5 PR 405: CONTROVÉRSIAS E POSSIBILIDADES

Esse assunto é controverso porque é alvo de muitos debates e contestações mas também existem possibilidades. A Paisagem é dinâmica e a sociedade exerce pressão constante sobre as áreas naturais. Nesse contexto muito são os desafios encontrados na tentativa de proporcionar uma oportunidade para os moradores de Guaraqueçaba no que diz respeito a uma rodovia com melhor qualidade para o transporte terrestre. Uma Estrada-Parque configura-se como uma oportunidade real de se obter uma via com qualidade respeitando-se a demanda ambiental ao contrário das tentativas e propostas atuais de se construir asfalto visando apenas o desenvolvimento econômico de alguns setores.

Muito se tem falado sobre o asfalto. Essa preocupação já dura décadas na mente das pessoas que moram tanto na área rural como na cidade, preocupa os moradores das ilhas e as pessoas que apenas visitam o município. Desde que foi construída a PR-405 existe o embate entre interesses políticos da população local e forças ambientalistas. A tão falada e contraditória discussão sobre o asfalto da PR-405.

Traçamos aqui um recorte buscando-se a discussão para um tipo específico de rodovia: a construção de uma rodovia com o perfil preservacionista, valorizando a paisagem e cultura local, bem como o meio ambiente. Analisando-se também as alternativas que permeiam sua instalação. Ou seja a necessidade ou não de uma via diferenciada levando-se em consideração processos históricos e atuais, a organização do espaço e a importância do ordenamento territorial, uma estrada especial para uma área especial. De acordo com a aptidão natural e histórica da área.

A questão fundamental é controversa: a construção de uma rodovia asfaltada possibilitaria avanços econômicos numa área com um relativo “isolamento” geográfico. Por outro lado há os interesses ambientais, de conservação, que transcendem a escala simplesmente local: Patrimônio da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO); e também Parque Nacional, Área de Relevante Interesse Ecológico, Estação Ecológica, APA entre outras Unidades de Conservação. Importantíssimas conquistas do ponto de vista ambiental são entraves do ponto de vista econômico, pelo menos da maneira como está sendo feito até o presente momento.

A dificuldade de acesso até Guaraqueçaba e principalmente até as praias contribuíram para a preservação natural, histórico e cultural. Recentemente a Secretaria do Planejamento e Coordenação Geral do governo Estadual¹³ apresentou a proposta de asfaltar a estrada PR- 405, são 76 km (sendo 20 Km no município de Antonina/PR) até a cidade de Guaraqueçaba. Consideramos a ideia de que o asfalto da PR-405 pode ser positivo desde que se criem políticas de ordenamento territorial levando-se em consideração a conservação da Paisagem.

Esse tema é relevante porque, uma rodovia comum, sem ser uma Estrada-Parque, proporcionaria mudanças que nem sempre são boas para as pessoas e para o ambiente natural. Uma obra com essa envergadura traria impactos positivos econômicos e negativos do ponto de vista socioambiental. A BR-101 é uma rodovia federal longitudinal do Brasil. Seu ponto inicial está localizado na cidade de Touros (Rio Grande do Norte), e o final na cidade de São José do Norte (Rio Grande do Sul). Atravessa doze estados brasileiros. Em toda sua extensão é denominada oficialmente Rodovia Governador Mário Covas. Segue no sentido norte-sul por praticamente todo o litoral leste brasileiro, do Rio Grande do Norte ao Rio Grande do Sul. Tem dois trechos não construídos entre os municípios paulistas de Peruíbe e Iguape, e entre Cananeia (São Paulo) e Garuva (Santa Catarina).

Esse último trecho Cananéia-Garuva passaria a doze quilômetros da cidade de Guaraqueçaba e cortaria o município no sentido Norte-Sul (unindo-se a estrada do Batuva com a PR-405). A estrada para Guaraqueçaba PR-405 foi projetada como um trecho da BR-101. Segundo Von Behr (1997) a tentativa de abertura da BR – 101 tornou-se objeto de combate por órgãos oficiais de proteção ao meio ambiente dos Estados do Paraná e de São Paulo. A construção foi barrada visando à proteção do complexo estuarino-lagunar Iguape-Cananéia-Guaraqueçaba-Paranaguá, mesmo contrariando os interesses da população local, que se manifestou vagamente e esporadicamente e sem solidez. Em outra situação quando se refere a “alertar a

¹³ SECRETARIA DO PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO GERAL. Metas de Governo, 2011-2014 (Beto Richa), 2010. Disponível em: <http://www.sepl.pr.gov.br/arquivos/File/Arquivos%20PDF%20/planodegoverno_web.pdf>. Acesso em 15 jul. 2011.

população” sobre a construção da rodovia, é a população de Curitiba, porque esse tipo de campanha não circulou no município de Guaraqueçaba.

No início de 1987, houve uma campanha alertando a população sobre os riscos da abertura da BR – 101, liderada por entidades ambientalistas do Paraná. A tentativa de abertura da BR – 101 foi duramente combatida por órgãos oficiais de proteção ao meio ambiente dos Estados do Paraná e de São Paulo. A abertura da BR - 101 não tinha qualquer amparo legal por atingir as poucas reservas de Floresta Atlântica existentes no Brasil. Em meados de 1992, o trecho foi aberto de forma clandestina e sob condições precárias. Imediatamente, a infraestrutura montada: pequenas pontes, bueiros e manilhas foram destruídas pela equipe de fiscalização, impedindo o tráfego constante de automóveis (VON BEHR, 1997, p. 63).

É fácil perceber o tom de heroísmo presente no relato acima. No entanto, para a população local foi frustrante esse episódio. Como já relatamos existe um embate entre os interesses de se pavimentar a estrada e grupos que defendem a preservação pela preservação. Entendemos e defendemos que a paisagem é um patrimônio de todos e felizmente está preservada. O que gostaríamos de ressaltar é que existem possibilidades de melhorar a infraestrutura e o planejamento dessas áreas utilizando-se a paisagem preservada com o valor que ela tem, explorando o potencial ecológico e a cultura territorial. Por esse motivo é importante se avaliar a paisagem cultural e incluí-la nas ações políticas e de ordenamento territorial visando estimular o turismo.

Nesse encadeamento de ideias até aqui analisamos que, faz parte do imaginário de muitas pessoas entrevistadas, o atraso, o isolamento de Guaraqueçaba, origina-se como consequência direta da falta de asfalto na PR-405. Fato esse que nos levou a construir o texto a seguir, considerando essas suposições: o que ocorreria caso tivesse sido construído o trecho da BR-101 incluindo-se o município de Guaraqueçaba e o reflexo na paisagem em questão? É quase que impossível responder essa pergunta mas gostaríamos de refletir em torno de alguns pontos.

4.5.1 Caso tivesse sido construído o trecho da BR-101 passando pelo município de Guaraqueçaba

Pode-se deduzir, baseado na observação de outras áreas de Floresta Atlântica por onde a BR-101 passa. Logicamente, não é possível precisar o grau de alterações. Podemos partir da premissa de que seria impulsionadora do crescimento econômico e da degradação ambiental.

Analisando-se o crescimento econômico, sem levar em consideração o patrimônio ambiental, o trecho da rodovia BR-101 localizado na região se configuraria como parte da ligação rápida e eficiente entre a capital do Estado e o litoral norte, além da integração com outras Regiões do país. Integraria toda a área. Pavimentada a BR-101 atenderia a um tráfego sempre crescente e possuiria importância estratégica para a região, tanto em termos de circulação de produtos como de pessoas englobando as atividades de turismo.

No entanto, levando-se em conta a preservação da paisagem, atualmente na categoria de patrimônio natural, importantíssimo, seria um processo sem volta para a decadência e destruição. Alterações nas atividades socioeconômicas das regiões por onde a rodovia passaria especulação imobiliária, projetos agropecuários, indústrias. Problemas de tráfego: ruídos, emissões de poluição no ar. No meio físico, mudanças no uso do solo, instabilidade de taludes, terraplenagem, degradação e áreas de canteiro de obras, rebaixamento de lençóis freático e assoreamento de terrenos naturais, etc. Somando-se a isso e ainda de modo negativo variadas construções (sem nenhuma preocupação estética e paisagística). No meio biótico, haveria maior risco de atropelamento de animais, impedimento de intercâmbio ecológico por corte das áreas, redução da cobertura vegetal, incêndios nas faixas de domínio e poluição em ambiente aquático entre outros.

4.5.2 Estrada-parque

O Plano Diretor prevê como alternativa para melhorar o transporte rodoviário a construção de uma Estrada-Parque para Guaraqueçaba, além de investimento nas vias fluviais e marítimas. De acordo com a Lei do Sistema Viário Municipal, Art. 6º (Plano Diretor, 2006) o Sistema Viário do Município de Guaraqueçaba abrange a área urbana e rural. Numa hierarquia de categorias funcionais: PR-405, vias e trilhas. A Rodovia PR-405 possui a qualidade de única via de acesso terrestre à cidade, cuja função é conduzir o tráfego com origem e/ou destino fora do território do Município. As vias Municipais são as principais vias rurais do município, que conectam as comunidades rurais entre si e à rodovia PR-405, como a estrada para o Batuva, a estrada de Itaqui, a estrada para Tagaçaba D’Cima, e a estrada para Pedra Chata. Por fim as trilhas, que tem a função de caminhos destinados exclusivamente à circulação de pedestres.

Como instrumento o município prevê o desenvolvimento e implementação do **Projeto da Estrada Parque da APA de Guaraqueçaba**, o desenvolvimento e implementação do Plano Municipal de Transporte. A implantação de uma Marina Pública e infraestrutura de embarque e desembarque nas comunidades. Para manutenção da PR – 405 se faz necessário o licenciamento das áreas de extração de saibro (Plano Diretor, 2006, pag. 06, grifo nosso).

Quem se beneficiaria com uma Estrada-Parque? Mudaria a vida das pessoas? Essa mudança seria positiva ou negativa? E o Meio Ambiente como fica? Então para se tratar desse tema iniciamos explorando o conceito de Estrada-Parque. Isso porque a paisagem e a cultura no entorno da PR-405 devem ser valorizada como se ressaltou até aqui, além disso, o sentimento da população e as alternativas de desenvolvimento econômico e social local.

O conceito de Estrada-parque ainda é um assunto alvo de muitos debates e interpretações ambíguas no Brasil, tanto nos documentos como nos casos já implantados. Para o geógrafo Soriano (2006), as Estradas-Parque no Brasil não possuem definição e normatização adequada. Esta indefinição coloca em risco não somente a conservação da biodiversidade como possibilita a manipulação das políticas ambientais pelos mais diferentes grupos de interesse, por justificar a construção irresponsável de estradas em áreas que dificilmente, em razão da questão ambiental, seriam autorizadas. Inclusive no Brasil, muitas vezes uma via é considerada Estrada-Parque, apenas por ser um corredor em uma área de proteção ambiental. Em muitos casos o título da estrada está relacionado com as características da área pela qual ela passa. Deste modo existem: “rodovia do papel”, relacionado às plantações de eucalipto e fábrica de celulose; se passar por vinícolas, “rodovia do vinho”; se passar por fazendas de gado “estrada do leite”, etc. O que caracteriza uma Estrada Parque não é o fato de ser um corredor em uma Unidade de Conservação. O que a qualificará como Estrada-Parque é o Plano de Manejo da própria estrada. Tem-se a premissa de que estrada é sinônimo de destruição ambiental, alargamento da ocupação. Isso pode ocorrer se não for realizado da forma correta o controle ambiental da via. Precisa-se do plano de manejo efetivo. Nesse caso a estrada deve ter características de parque. Possuir bases e condições de um parque para visitação e educação ambiental, com “mirantes” e “painéis” explicativos. Deve haver mão-de-obra especializada responsável pelo manejo nas várias dimensões de uso: em meio ambiente, para se trabalhar com o turismo, técnicos para manejar os animais de

acordo com o conceito de “estrada-viva” (na qual existem projetos para proteger os animais). Gerando com isso muitos postos de trabalhos locais.

A lacuna existente na adoção de uma definição clara de Estrada-Parque causa discussões. O conceito utilizado pelo Estado do Rio de Janeiro é interessante como parâmetros para o estabelecimento de Estradas-Parque. Segundo o Decreto nº 40.979, de 15 de outubro de 2007¹⁴,

Art. 2º – Considera-se estrada-parque a via automotiva que, inserida no todo ou em parte em unidade de conservação da natureza, possua características que compatibilizem sua utilização com a preservação dos ecossistemas locais, a valorização da paisagem e dos valores culturais e, ainda, que fomentem a educação ambiental, o turismo consciente, o lazer e o desenvolvimento socioeconômico da região no qual está inserida.

Oportunamente a Estrada-Parque é uma categoria especial de unidade de conservação. Seus objetivos principais são relacionados ao turismo a proteção da paisagem e da biodiversidade. Comedido de não se repetir os erros já praticados em outras áreas, por exemplo, na Estrada-Parque Pantanal (acessada pela BR-262 sentido Porto da Manga, Corumbá, Mato Grosso do Sul) na qual no período das chuvas torna-se difícil de se transitar por ser um via de terra e alguns trechos ficam bastante enlameados e com risco de atolamento para veículos de passeio.

Evidentemente, a PR-405 não é o objetivo central de nossa pesquisa, mas consideramos importante analisar as controvérsias sobre ela conjecturando como possibilidade a valorização da paisagem e a dinamização do turismo.

Abandonando-se a ideia da BR 101 e o asfaltamento da PR-405, como alternativa, pode-se pensar ainda em melhorar o transporte marítimo. Por exemplo, o transporte de veículos com *Ferry Boat*. A distância entre Guaraqueçaba e Paranaguá é de 27 quilômetros pela baía. O barco que faz a linha apenas para passageiro realiza esse trajeto em 2 horas e 30 minutos (quando não passa na Ilha das Peças alterando o trajeto e fazendo uma parada de 10 minutos). Para o transporte de veículos seria necessário *Ferry Boat*. É uma possibilidade que merece maior atenção e estudos. Uma das

¹⁴Rio de Janeiro (Estado). **DECRETO nº 40.979, 15 out. 2007**. Define os parâmetros para o estabelecimento de estradas-parque no estado do rio de janeiro e dá outras providências. Disponível em:< <http://www.inea.rj.gov.br/legislacao/docs/40979.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2013.

vantagens deste modal reside no fato de que ele é muito menos poluente do que o modal rodoviário, apresentando um baixo índice de agressão ao meio ambiente. Segundo estudos realizados na Alemanha, os custos de manutenção da qualidade do meio ambiente são quatro vezes menores que a ferrovia e, vinte vezes menores do que a rodovia. Existe no nordeste do Brasil, na Bahia um sistema de *Fery Boat* entre Salvador e a Ilha de Itaparica. À distância em linha reta entre Salvador-Ilha de Itaparica é 16.84 km, mas a distância de condução é 27,5 km distancia que o *Ferry Boat* faz em 2 horas. Para o turismo e qualidade de vida da população guaraqueçabana seria positivo.

4.5.3 PR 405: a Estrada-Parque de Guaraqueçaba

Na verdade esse exemplo da Estrada-Parque Pantanal está muito próximo do que já é hoje a PR-405. O que não a melhora em nada. É uma rodovia pertencente ao governo do Paraná e faz a ligação da cidade de Guaraqueçaba com o restante do Estado por terra. Denominada de deputado Miguel Buffara, pela Lei de construção 7198/79, em seu Art. 1º. “Fica denominada DEPUTADO MIGUEL BUFFARA, a rodovia a partir da BR-277, atravessa o Município de Morretes, passando por Antonina e vai até a cidade de Guaraqueçaba, Município de igual nome”, conforme publicação no Diário Oficial¹⁵. Essa estrada foi inaugurada em dezembro de 1970. A rodovia possui uma extensão total de aproximadamente 79,4 km, podendo ser dividida em três trechos: o trecho inicial da cidade de Guaraqueçaba até o entroncamento próximo ao Morato, na ponte do rio Guaraqueçaba, com 14,8 Km. O segundo trecho vai do rio Guaraqueçaba, na entrada para a localidade de Batuva, até Serra Negra, com 17,8 Km. O último trecho vai do entroncamento de Serra Negra até o entroncamento com a PR-340, em Cacatu, esse com 46,8 Km. Todos os três percursos estão desprovidos de pavimentação. Sendo a única via de ligação da cidade com o restante do Estado. Não há trechos pavimentados, que podem ficar com trânsito difícil em épocas de muitas chuvas.

¹⁵ PARANÁ (Estado). **Lei de construção 7198/79**. Diário Oficial n. 635 de 18 set. 1979, sendo Ney Braga Governador do Estado e Nivaldo Almeida Neto Secretário de Estado dos Transportes.

O Governo do Estado no exercício (2011/2014) durante a campanha assinalou a seguinte proposta,

readequação do acesso a Guaraqueçaba, de modo a permitir que a população possa melhorar a sua qualidade de vida com mobilidade mais segura, com vistas ao atendimento à saúde, à educação e outros, segundo a Secretaria do Planejamento estudar a viabilização da pavimentação do trecho Cacatu-Guaraqueçaba, com base no conceito “Eco estrada” (SECRETARIA DO PLANEJAMENTO, 2010).

O governo trabalha com o conceito de Eco estrada, mas, sem definir exatamente o que isso significa. Já o Plano Diretor (2006) do município sinaliza para a construção de uma Estrada-Parque. Em outro trecho do documento o governo frisa o interesse de melhorar a integração com a Mesorregião Metropolitana de Curitiba,

A Mesorregião Metropolitana de Curitiba realiza articulações que procedem de vários níveis, desde internacional e interestadual, até as comutações intramesorregionais, porém observa-se que o sistema viário Mesorregional mantém um caráter segregador, penalizando sedes e distritos de municípios mais afastados do pólo, principalmente aqueles localizados na porção ao norte, a exemplo de Doutor Ulysses, Cerro Azul, Adrianópolis e Guaraqueçaba, cujo acesso não é sequer pavimentado (SECRETARIA DO PLANEJAMENTO, 2010).

As promessas casam com os anseios da população resultando em votos (figura 11). No entanto nada é feito além do papel. O mandato do governador Beto Richa já está chegando ao final (2011-2014) e não houve construção de asfalto.

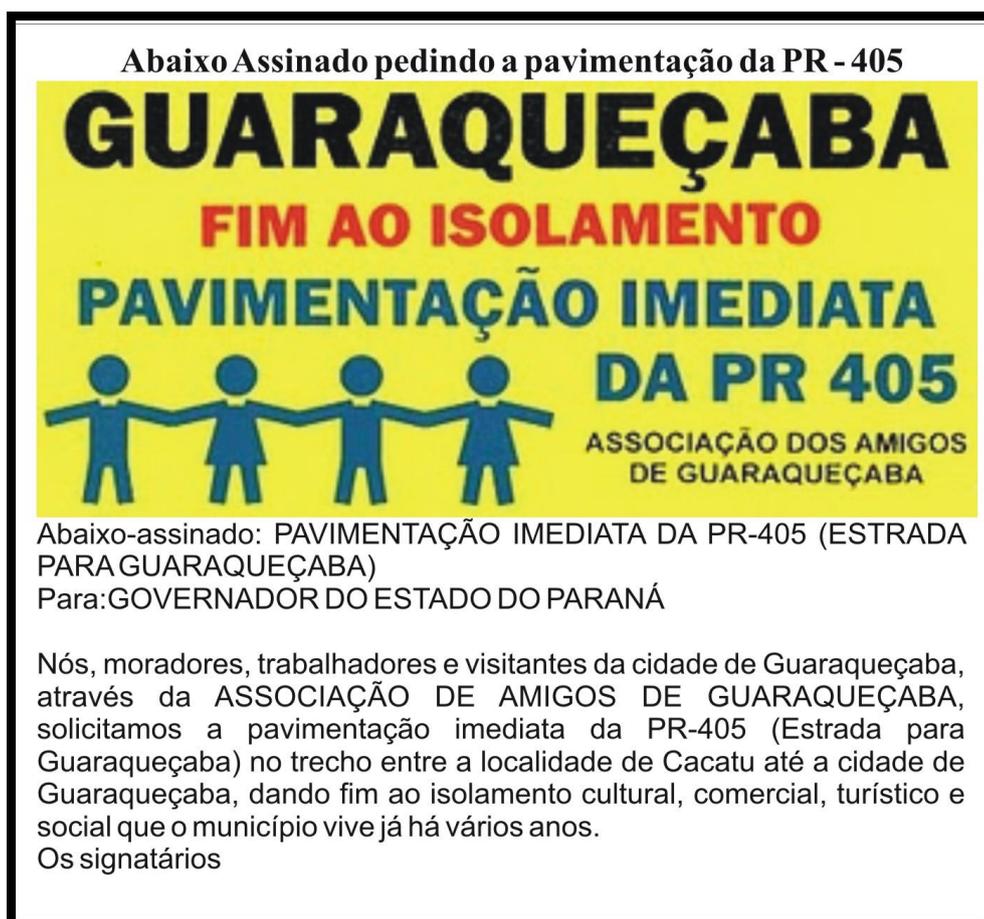


Figura 11. A promessa do governo casa com a construção do asfalto da PR – 405 tem sido uma aspiração da população sofre com a falta de asfalto. A Associação dos Amigos de Guaraqueçaba iniciou um manifesto, recolhendo assinaturas para cobrar do governo ações de melhorias na estrada. Fonte: Associação dos Amigos de Guaraqueçaba (2012).

Essa promessa do governo sobre a construção do asfalto da PR – 405 tem sido uma aspiração da população guaraqueçabana que sofre com as condições precárias da estrada. Irá ser asfaltada? Não existe certeza. O que não faltam são promessas de políticos que sinalizaram com o início imediato da construção, o que ocorreu nos governos anteriores, conforme aponta o professor de história local José Manoel Muniz,

No dia primeiro de maio de 1987, o governador Álvaro Dias, estando em Guaraqueçaba, reuniu o povo no Salão Paroquial e doou 10.000 Cruzados, para melhorias da cidade, prometendo o asfaltamento da estrada, com as obras iniciando em junho daquele ano. Em setembro de 1988, a Revista Paraná em Páginas (ano 24 / nº 283 – setembro 1988), trouxe como manchete na capa “Começa neste setembro asfaltamento da Estrada Cacatu–Guaraqueçaba”, justificando que a obra acabara de passar por um estudo ambiental e deveria ser asfaltada 05 km e esperar um ciclo hidrológico (chuvas durante um ano), para que a recuperação dos leitos seja analisada. Em fevereiro de 1998, o governador Jaime Lerner, esteve em Guaraqueçaba com o objetivo de inaugurar a Pedra Fundamental (num lugar lodoso, foi construída no mesmo dia uma praça) - para o calçamento da estrada, com imediato

início das obras. Como não aconteceu, o povo apelidou a pedra fundamental de “Pedra da Mentira”, inclusive com a retirada da placa. (MUNIZ, 2011¹⁶).

Com as mudanças decorrente do asfaltamento da PR-405, as áreas naturais correm o risco de serem grandemente alteradas? Qual é o argumento do governo em relação à preservação. O governo é contra o argumento de que a construção do asfalto vai destruir grande área da floresta. Até onde isso é verdade? O DER levantou o raciocínio de que uma circunstância favorável, que deve ser analisado com atenção é que não haverá construção de uma nova estrada. Essa ideia deve ser analisada com muito cuidado. Observa-se que o processo de ocupação anterior à criação da APA trouxe em seu bojo mudanças na paisagem: ao longo da PR-405 existem núcleos rurais onde se cultivam pequenas lavouras, criações de gado, suínos, galinhas caipiras, búfalos africanos, cavalos, etc. Essa ocupação causa alterações na floresta mas o que se percebe é uma estagnação. Conforme as cartas feitas a partir de visita de campo e imagens do Google Earth (2013) utilizando-se de geoprocessamento para confeccionar os mapas. Podem-se observar trechos da estrada nas localidades do rio Guaraqueçaba (figura 12) e Potinga (figura 13). Queremos mostrar com esses mapas que mesmo sem asfalto modificações já foram feitas antes da instituição da APA e que atualmente a realidade legal é outra. Atualmente para se derrubar uma única árvore há necessidade de licenciamento ambiental fornecido pelo IBAMA o que restringe as alterações desordenadas.

¹⁶ Muniz, J. Licenciado em história pela FAFIPAR (Paranaguá), especializando em História, Arte e Cultura pela UEPG; leciona em Guaraqueçaba. Foi membro-fundador da Associação dos Fandangueiros de Guaraqueçaba, integrou a Comissão Permanente de Patrimônio Cultural; é membro fundador do Grupo Fâmulos de Bonifrates.

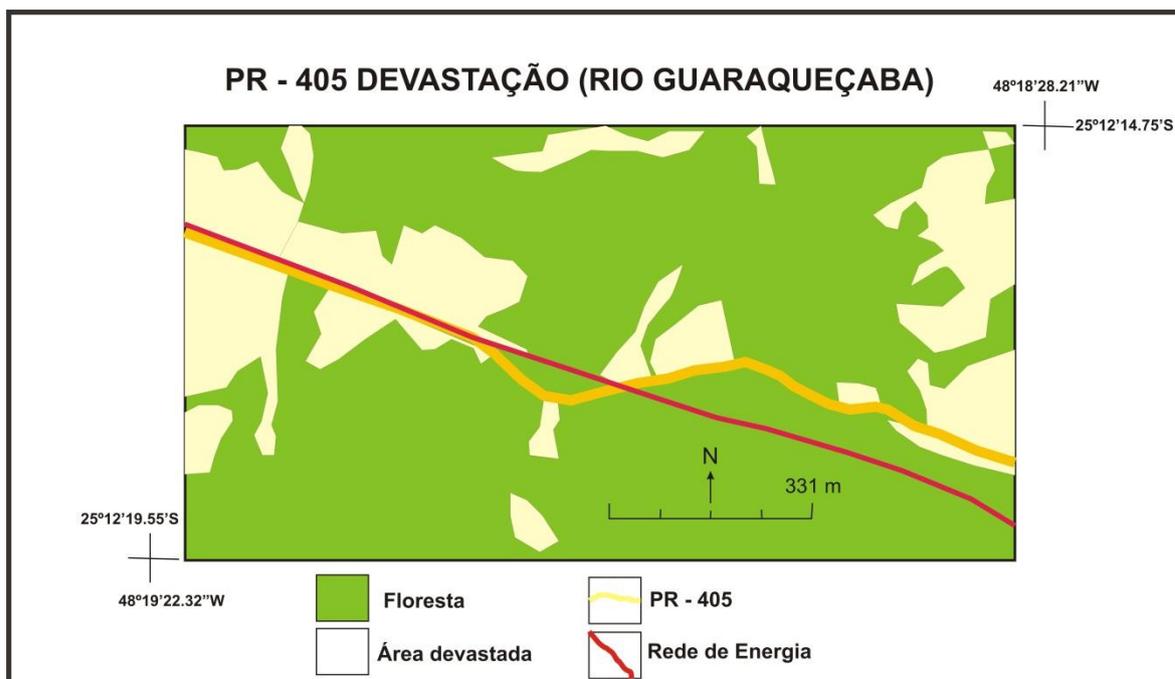


Figura 12. Devastação da Floresta atual no entorno da PR-405 para formação de pastagem próximo a ponte do rio Guaraqueçaba. Autor: SOUZA, R. M. (mar/2012).

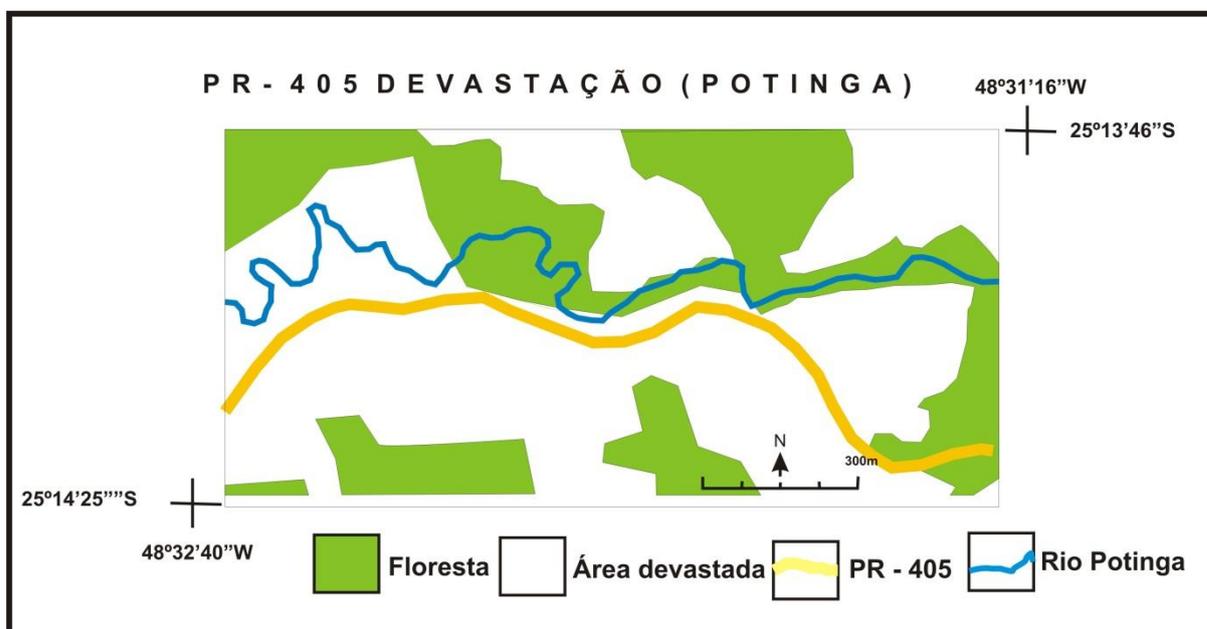


Figura 13. Alterações marginais na PR-405 na localidade de Potinga para formação de lavouras de subsistência e pequenos rebanhos de gado. Autor: SOUZA, R.M. (mar/2012).

Na nossa análise consideramos que, utilizar a área de entorno da PR-405, sem a preocupação com a paisagem, poderá causar a perda da qualidade cênica. Não deve ser permitido alteração e construção desordenada. Que qualidade cênica é essa? Para exemplificar, analisaremos alguns pontos que se destacam no potencial paisagístico da

PR-405. Sendo esses ilustrativos e, estando longe de cobrir todos os pontos interessantes dessa estrada do ponto de vista cênico. A paisagem cultural da PR-405 será avaliada de acordo com os critérios de Lampton (2006).

4.5.4 Desafios da PR-405 e a valorização Paisagem Cultural

De acordo com o Plano Diretor (2006), quando discorre sobre as condições da estrada construída e mantida apenas com revestimento primário (saibro basicamente), representam elevado potencial de degradação ambiental na forma em que se encontram. A elevada precipitação pluviométrica na região, os declives invariavelmente elevados do relevo e a existência de centenas de cortes de encostas, aterros, e finalmente a inexistência de estruturas hidráulicas capazes de minimizar o fenômeno de erosão e determina a aceleração dos processos de assoreamento dos cursos de água e consequentemente de todo o complexo lagunar de Guaraqueçaba. As consequências destes fenômenos não podem ser medidas em curto espaço de tempo, porém, apenas como mensuração, pode-se chegar a algumas conclusões básicas. O documento faz uma estimativa da erosão,

[...] calcula-se que a malha viária básica do município é de cerca de 160 km (incluindo-se a PR-405, e as estradas de Tagaçaba e Tagaçaba de Cima, Serra Negra, Itaqui e Batuva). Considerando uma faixa de rolamento de cerca de 6 metros em média tem-se praticamente 1 milhão de metros quadrados de leito de estradas no município de solo exposto ao fenômeno da erosão. Se considerar-se que num período de maior intensidade de chuvas (meses de verão), o deslocamento de partículas na ordem de 1 centímetro (de profundidade) tem-se um valor aproximado de 10.000 metros cúbicos (cerca de 1.000 caminhões), de solo ou revestimento de pavimento que serão depositados nos leitos dos rios e eventualmente no ambiente lagunar principalmente os sedimentos finos (Plano Diretor, 2006, p. 10).

De acordo com esse documento, a PR-405 está em péssimas condições de tráfego, com problemas de erosão, nivelamento e aterramento. Em função disso, encontra-se constantemente fechada provocando o isolamento das comunidades e dificultando o atendimento dos serviços e equipamentos públicos, especialmente saneamento básico, educação e saúde. Há carência e muitas vezes inexistência de transporte regular para as comunidades rurais no continente e nas ilhas, prejudicada pela precariedade da infraestrutura de circulação.

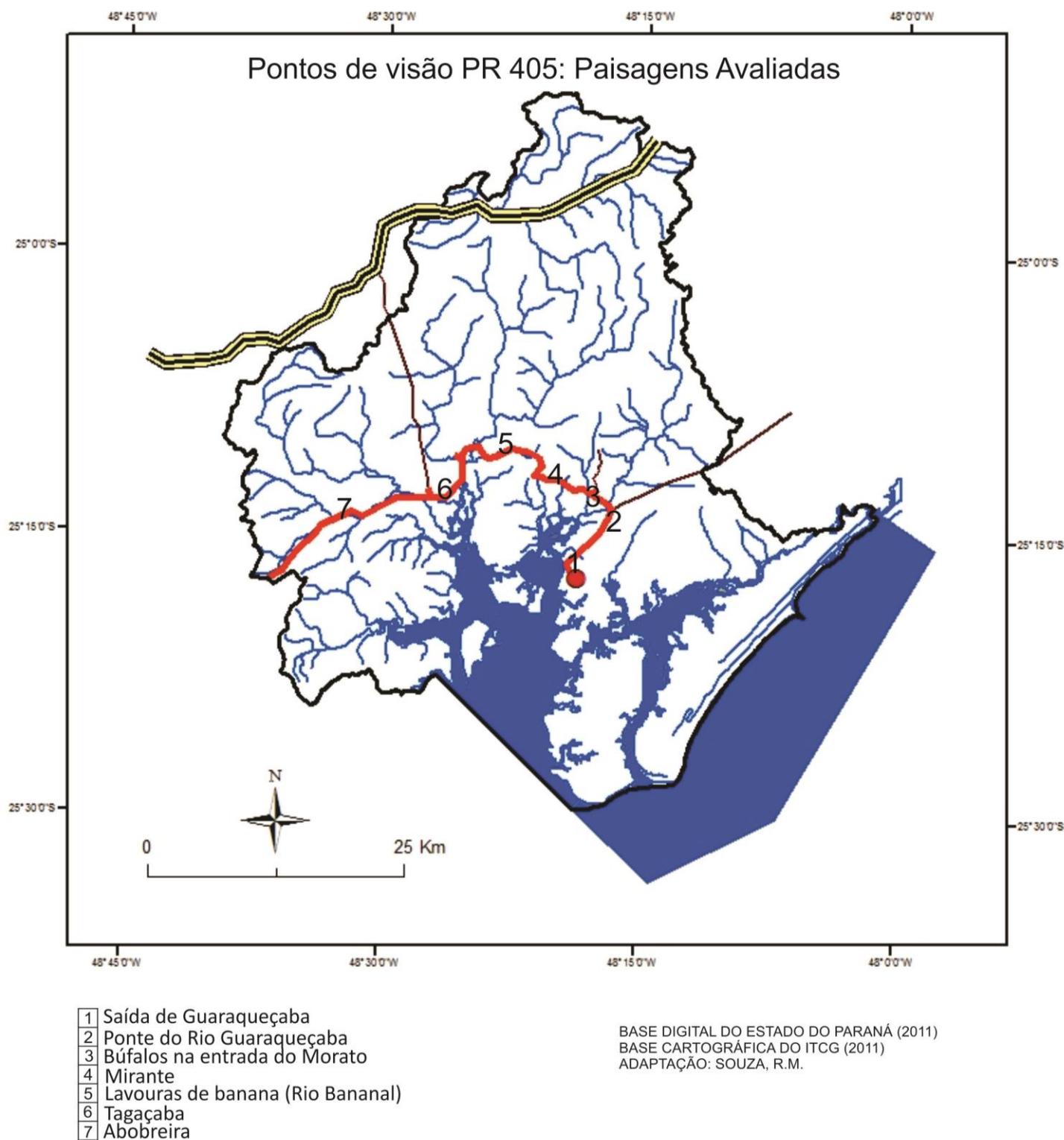


Figura 14. Paisagens vistas a partir da PR 405

Como já vimos até aqui, melhorar a PR-405 é um tema cuja solução é difícil. Não é nosso objetivo exauri-lo. Apenas contribuir com sugestões de melhora no que se refere aos aspectos da valorização e reconhecimento da paisagem cultural. Queremos constatar que, a Paisagem Cultural ao longo da PR-405 é relevante para os guaraqueçabanos e para todos (figura 14). Quando se percorre a PR-405, no sentido Guaraqueçaba-Antonina, no trecho sem asfaltamento, logo se percebe a conservação dinâmica da paisagem natural (figura 15) agregado a elementos de caracterização referentes a cultura local.

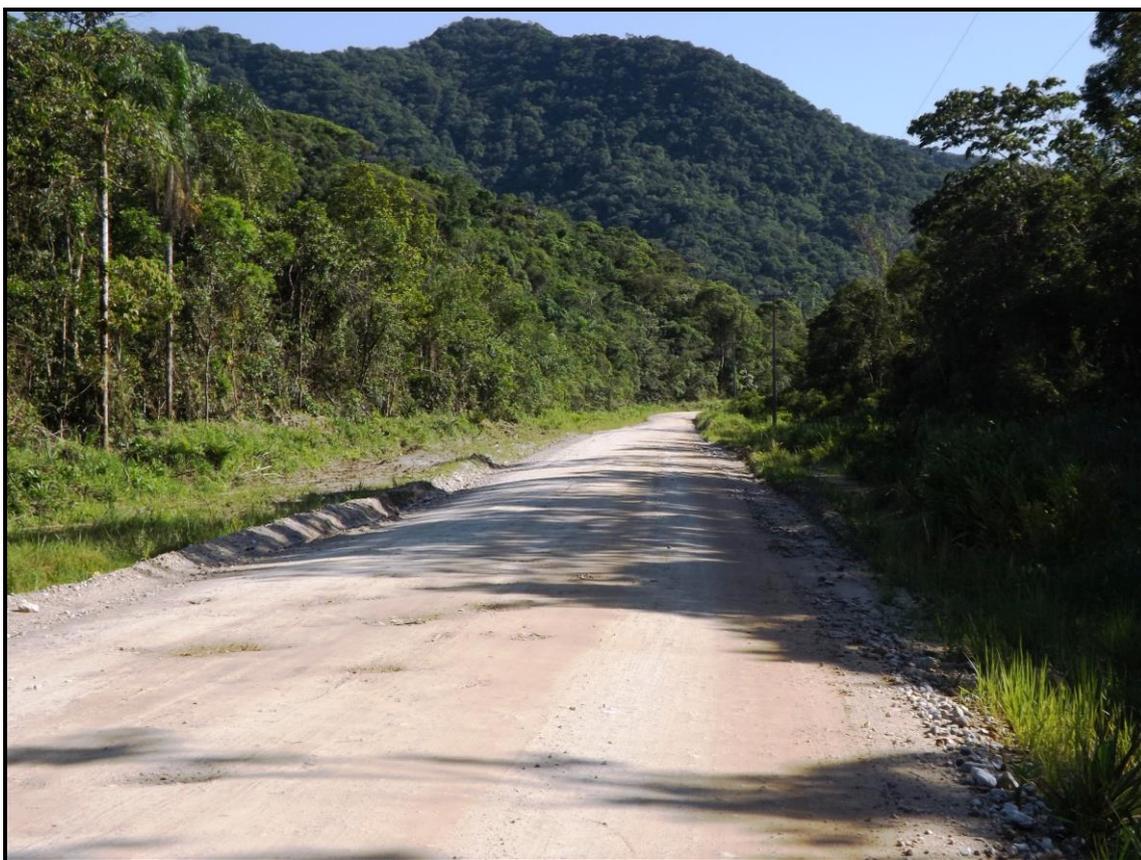


Figura 15. Estrada tendo como ponto focal a serra. Autor: SOUZA, R.M. (jan.2013).

Saída de Guaraqueçaba: dentro do trajeto de 76 km de estrada de chão entre Antonina e Guaraqueçaba se podem perceber áreas de caracterização. Em cada área de caracterização um caráter-tipo sempre é dominante. Além do caráter-tipo, as áreas de caracterização são compostas pelas características e elementos da paisagem.

A paisagem organizada em caráter-tipo e áreas de caracterização compõe-se de distintas e repetidas combinações de componentes que definem o caráter-tipo na paisagem, sendo unidades idealizadas “são mais particulares e possuem aspectos identitários” (SWANWICH, 2002, p.51). Identificam-se paisagens tipo, se predomina vilarejos é

uma paisagem tipo de vilarejos. Ou se não há vilarejo, se é uma escarpa, paisagem tipo de escarpa. Destacamos e avaliamos (quadro 07) seis paisagens tipo ao longo da PR 405: (01) a saída de Guaraqueçaba formada pela estrada e floresta com morros; (02) as pontes como a do rio Guaraqueçaba, Serra Negra, Açungui e Tagaçaba; (03) pastos com bubalinos, mas ocorre também com gado comum; (04) a partir do monumento histórico do Mirante aparecem, beirando a PR 405, mais constantemente lavouras de banana, (não significa que não haja em outros locais) entre Morato e Serra Negra; (05) o trecho entre Serra Negra, Tagaçaba e Potinga com casas de madeiras com sinais de trabalho e cuidados; (06) e Abobreira com casas longe um das outras e com sinais de isolamento e abandono.

Quadro 07. Avaliação da Qualidade Cênica da Paisagem no percurso da PR 405. Pontuação estabelecida conforme cada fator pode ser identificado na paisagem.

| | Saída de Guaraqueçaba | Ponte do Rio Guaraqueçaba | Pastagem com bubalinos (Morato) | Monumento do Mirante | Lavoura de Banana (Serra Negra) | Residências de Madeira (Tagaçaba) |
|---------------------------------|-----------------------|---------------------------|---------------------------------|----------------------|---------------------------------|-----------------------------------|
| 1. Contraste | 01 | 01 | 01 | 01 | 01 | 01 |
| 2. Ordem | 02 | 01 | 01 | 01 | 01 | 01 |
| 3. Camadas | 03 | 02 | 01 | 01 | 01 | 01 |
| 4. Ponto Focal | 01 | 02 | 01 | 03 | 01 | 02 |
| 5. Originalidade | 01 | 01 | 03 | 01 | 02 | 02 |
| 6. Integridade | 03 | 01 | 01 | 02 | 01 | 01 |
| 7. Profundidade de Tempo | 01 | 01 | 01 | 02 | 01 | 02 |
| 8. Reconhecibilidade | 02 | 02 | 01 | 03 | 02 | 03 |
| TOTAL | 14 | 11 | 10 | 14 | 10 | 13 |

Organização: SOUZA, R.M.

A profundidade de tempo e reconhecibilidade nessa área se faz no entorno da estrada. Esse trecho logo na saída de Guaraqueçaba, após a Reta próximo a Saibreira. Existem muitos outros percursos da PR-405 onde predomina estrada-floresta na

paisagem. O relevo constitui-se em elemento de ordem definidor do traçado em toda a extensão da PR-405.

Como um passeio descompromissado pela PR 405, pode-se apenas observar a natureza, a floresta, os pássaros, a vida o morador local, as bacias hidrográficas com rios limpos, as pequenas lavouras de subsistência, as pequenas criações de animais, as pequenas lavouras de inhame, aipim (mandioca) e os modestos rebanhos bovinos e bubalinos.



Figura 16. Ponte e rio. SOUZA, R. M. (jan.2013).

Ponte do Rio Guaraqueçaba (figura 16): representa as pontes com caráter funcional. É cultural porque caracterizam a PR-405. Possui reconhecibilidade, os principais rios do município são cortados pela PR-405 e possuem o mesmo padrão de ponte: estreita, comprida e com uma bela visão panorâmica da bacia hidrográfica. Deste modo constitui-se em um elemento de caracterização da estrada.

Ao longo da PR-405 destacam-se algumas pontes com paisagens significativas. As pontes dos rios Tagaçaba, Açungui, Serra Negra e Guaraqueçaba. Construídas pelo DER - Departamento de Estrada e Rodagens, são “marcas” culturais da PR-405, pontos

que momentaneamente “quebram” a monotonia em forma de corredor, apresentando rios lindos, limpos e com mata ciliar.



Figura 17. A beleza da paisagem do rio Guaraqueçaba. Autor: SOUZA, R. M. (jan.2013).

Os rios que cortam a PR-405, todos eles permitem amplitude visual, são paisagens cênicas. Apresentam preservação dinâmica modelada durante milhões de anos e reconhecibilidade. Paisagens belíssimas. O rio Guaraqueçaba (figura 17) com leito arenoso, durante muitos anos foram retiradas toneladas de areia para a construção civil em Guaraqueçaba. Atualmente devido à fiscalização e zoneamento ambiental, a areia vem de outros municípios. Para o rio isso é positivo.



Figura 18. Bupalino e alagado. Autor: SOUZA, R. M. (jan.2013).

Búfalos na entrada do Morato (figura 18): os búfalos africanos estão entre os elementos excepcionais que se distinguem na área de caracterização. Atrativos para o turismo. Adaptaram-se bem as condições ecológicas do município de Guaraqueçaba. Esse rebanho, localizado em uma propriedade na entrada para o Morato, local que devido aos atrativos naturais recebe fluxo de turistas.

As estradinhas que desaparecem no meio das árvores e dos morros. Por exemplo, o caminho para o Itaquí, para o Morato e para Pedra Chata. Ao longo da estrada pode-se observar o uso e ocupação e nos passa uma impressão de abandono por parte do Poder Público. Lugares esquecidos na floresta, potencialidades deixadas de lado pelas ações governamentais para melhorar a qualidade de vida socioeconômica da população local.

A estrada, sem pavimentação, serpenteia por entre o relevo serrano, os morros isolados, recortando a Floresta Atlântica, atravessando bacias hidrográficas em equilíbrio ecológico, com pontes no qual é possível passar apenas um carro por vez.

Por outro lado, os moradores locais conhecem bem a dificuldade de se transitar pela PR-405. Quando precisam viajar até Curitiba ou Paranaguá. Quando é urgente o

transporte é difícil. Nos longos períodos de chuva alguns trechos ficam intransitáveis. Muita lama, muitos buracos, cascalho solto e muito escorregadio com área de declividade e curvas fechadas. Além disso, envolta por uma floresta e pouco povoada, o que dificulta bastante em caso de haver algum problema com o veículo. As chuvas são constantes, piorando as condições e as enchentes em alguns trechos são frequentes. Por esse motivo, os preços são mais altos no município: alimento, roupas, móveis, dos materiais de construção, etc. Existe o ditado “em Guaraqueçaba tudo é mais caro”.

E para o turismo a PR-405 é interessante? Não. É normal encontrar-se ao longo da PR-405, carros com problemas mecânicos (quebrados), devido à precariedade da estrada. Quando uma pessoa enfrenta o trecho de forma desavisada dificilmente retorna. Está na hora de melhorar a vida dos habitantes locais e dos turistas. Fundamentado nesse argumento, defendemos a construção de uma Estrada-Parque. Diante destas modificações no território chamamos a atenção para a necessidade de ordenamento territorial e valorização da paisagem caráter, assunto que de forma direta é pouco debatido. Valorizando potencialidades turísticas, em razão à beleza de suas paisagens. Atravessa a Floresta Atlântica em um trecho bem preservado e se alonga por morros, corta bacias hidrográficas, margeia propriedades rurais, pastos, lavouras de banana, pupunha, mandioca, etc.



Figura 19. Monumento Mirante, construído pela inauguração da PR-405. Autor: SOUZA, R.M. (fev. 2012).

Mirante significa “ponto superior de no qual se pode ver longe”. É uma construção elevada a partir do qual se tem uma visão panorâmica (figura 19). Também chamado na linguagem popular de “Belisco” que se origina de “obelisco” monumento que tem o formato de pilar. O Mirante é um monumento construído pelo DER (Departamento de Estradas e Rodagens) para a inauguração da PR-405, portanto um marco histórico. Durante longos períodos abandonado pelo poder público, é um local no qual se tem uma visão panorâmica da baía de Guaraqueçaba, em conjunto com a Floresta Atlântica e as Serras.

É um elemento pontual que atrai o olhar do observador. Um ponto focal que proporciona (a partir dele) uma visão panorâmica da baía de Guaraqueçaba, lavouras, floresta e a baía. Já é possível avistar também a cidade. Foi edificado na época da construção da PR-405 é um elemento histórico e atrativo turístico. Seu estado de integridade está ruim, apresenta rachaduras. Devido a sua importância carece de uma restauração.



Figura 20. Bananal e sopé da serra. Autor: SOUZA, R. M. (jan. 2012).

Lavouras de banana (figura 20): os bananais constituem-se em atividade econômica que tem identidade regional. Está presente no território ao longo da estrada nas muitas lavouras de subsistência.



Figura 21. Típica propriedade rural que margeia a PR-405, casa de madeira, gramado na frente e a criação de alguns animais. SOUZ, R.M. (fev.2012).

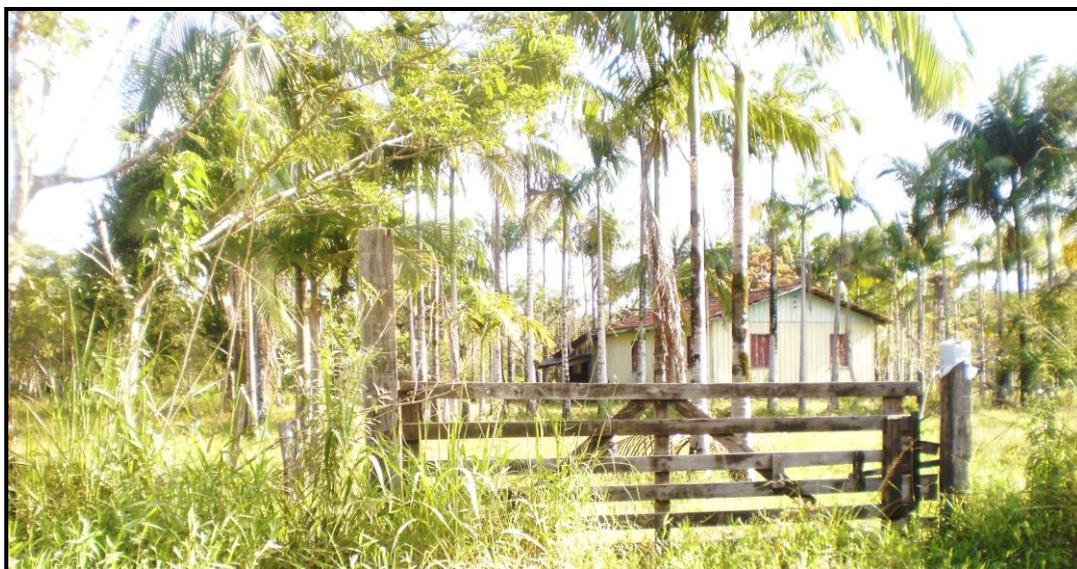


Figura 22. Porteira e casa de madeira no entorno da PR-405 rodeada por palmito (Jussara). SOUZA, R. M. (jan. 2012).

Tagaçaba: a forte presença de casas de madeira (figura 21) que resistem e lentamente são substituídas por casas de alvenaria com estilo popular local.

Abobreira: a presença de casas de madeiras no entorno da PR-405, motivo pelo qual essas fotografias são representativas. A madeira ainda é um elemento muito utilizado na construção. O IBAMA fornece licença para a população local cortar árvores. Não com objetivo comercial apenas para utilização na construção de moradias. Não é algo garantido. Às vezes é liberada a licença, outras vezes não. São pontos focais na margem da PR-405. Predominantes das construções visíveis, fator de originalidade cultural do entorno da estrada (figura 22).

O isolamento e a falta de atividades econômicas que atraíssem os grandes exploradores e a atenção do governo, gerou a estagnação econômica. Preservaram-se assim as paisagens naturais. Como já foi salientado, caso não houvesse esse isolamento e estagnação, acreditamos que seria grandemente alterado o espaço como ocorreu em outras partes do território nacional. A faixa Atlântica foi grandemente devastada e urbanizada. Apresentamos em nossa análise que se construiu um mosaico cultural que caracteriza a área.

Não se pode negar que, com a criação das UCs, com pequenas exceções, manteve-se a estagnação econômica e se normatizou a preservação ambiental. Desde esse período ocorreu uma maior conservação do meio ambiente e um maior esquecimento por parte do poder público de toda essa área. Asfaltar a estrada de acesso ao município é uma oportunidade de melhorar a qualidade de vida da população, facilitando o transporte por terra e a inserção de Guaraqueçaba na integração econômica com o restante do Estado. No entanto, não se pode deixar de preservar as características da Paisagem.

5. ASPECTOS HISTÓRICOS E A FORMAÇÃO DA PAISAGEM DE GUARAQUEÇABA

5.1 VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO

Os aspectos históricos que favoreceram o isolamento também concorreram para a preservação da paisagem de Guaraqueçaba. Porque ressaltar esse tema? Que importância tem o patrimônio histórico? O patrimônio histórico está ameaçado em Guaraqueçaba?

Um aspecto marcante na cidade de Guaraqueçaba são as construções com estilo colonial. Um traço marcante na paisagem, esses elementos de caracterização são residências, prédios públicos e estabelecimentos comerciais. Avaliando o caráter da cidade, o patrimônio histórico faz-se expressivo na paisagem cênica e cultural. Por esse motivo é abordado.

O patrimônio material protegido com base em legislações específicas é composto por um conjunto de bens culturais: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas. Eles estão divididos em bens imóveis como os núcleos urbanos, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; e móveis como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos (IPHAN, 2012, pág. 03).

Para entendimento da paisagem cultural nos aspectos referentes ao patrimônio histórico de Guaraqueçaba faz-se necessário realizar um retrospecto desde o período colonial, sobre a produção do espaço urbano. Pensar sobre a época de apogeu econômico e a fase de decadência e isolamento.

Os elementos naturais e humanos presentes na paisagem cultural, numa análise visual funcionam como *layers* (ou camadas) da Geografia colocados pela história. Assim, inicialmente é feita uma abordagem sobre a paisagem cultural para se analisar a colonização e ocupação histórica de Guaraqueçaba enfocando o período colonial e sua relação com o desenvolvimento da região, a importância das vias de acesso e de circulação nesse contexto. No que diz respeito à legibilidade da integridade da paisagem das construções históricas, que é um dos critérios de nossa avaliação, ao contrário do que houve com a paisagem natural, podemos afirmar que não ocorreu a preocupação com a conservação dos casarios, manutenção de tipologias (como o volume das edificações), na implantação de recuos e mudança nos materiais. Esse conjunto de edificações foi muito modificado nas últimas décadas do século passado. Restam

poucos remanescentes preservados (a antiga prefeitura, o mercado e o casarão do IBAMA), alguns elementos abandonados (por exemplo, a caixa d'água do Costão) e alguns que foram destruídos (o comércio de frente a praça William Michaud, o antigo casarão de beneficiamento de arroz).

O patrimônio histórico foi analisado adotando-se a metodologia de legibilidade da paisagem urbana. Intentou-se identificar onde ocorreram às modificações significativas, e a avaliação da conseqüente perda de patrimônio decorrente dessas intervenções danosas à paisagem cultural, os prejuízos ao patrimônio histórico. Resulta no conseqüente empobrecimento dos traços que testificam o núcleo urbano como “cidade histórica”.

Constatou-se que as modificações ocorreram, em primeiro lugar, em razão da simplicidade da população. As edificações antigas foram consideradas como “velharias”, um empecilho e retrato do abandono e declínio econômico da cidade. Outro fato que ocasionou a destruição do casario era o desconhecimento do valor patrimonial e o desejo de modernização decorrentes dos apelos do comércio. Deste modo não se pensou, em alternativa, a não ser modificá-los. Por fim, a falta de visão dos gestores públicos do município das possibilidades para o turismo. Até pouco tempo havia a inexistência de legislação municipal de proteção ao patrimônio histórico que passou a existir com a construção do Plano Diretor (2006) no qual aparece a sugestão de tombamento de algumas áreas do Patrimônio Público. Entretanto, as construções particulares continuam sem nenhum incentivo para conservação e muito menos leis de ordenamento.

5.2 A ORIGEM DOS CASARIOS COLONIAIS

A primeira forma de gestão do território brasileiro pelos portugueses no período colonial foram às capitânicas hereditárias. O litoral do Paraná pertencia a duas delas: ao norte de Paranaguá, o território pertencia à capitania de São Vicente, cujo donatário era Martin Afonso de Souza; ao sul, o território pertencia à capitania de Santana, que tinha como donatário Pero Lopes de Souza. A instalação oficial do colonizador (segundo Wachowicz, 1995) ocorreu com a concessão, em 1614, de uma sesmaria na região do Superagüi a Diogo Unhate. No século XVIII o grande atrativo dos imigrantes foi à descoberta de ouro nos rios da Bacia Litorânea (rios Serra Negra e Assungui no município de Guaraqueçaba). Porém, constatou-se que as jazidas estavam

aquém das expectativas, iniciando-se a derrocada deste ciclo. No final do século XIX e início do século XX foram construídos os primeiros casarões no estilo colonial português. Inicia-se então um período de decadência econômica, persistindo as atividades de subsistência, a produção de farinha de mandioca, e a incipiente atividade portuária.

A cidade de Guaraqueçaba foi uma das primeiras áreas com a presença dos portugueses em nosso território. Em torno da agricultura, da pesca, do comércio e de serviços públicos surge o núcleo urbano, de frente para a baía de Guaraqueçaba. Local próximo da água potável provinda do morro do Quitumbê e com acesso ao mar, que formando uma pequena enseada possuía as características de um porto seguro para guardar as embarcações, o principal e mais viável meio de transporte. A partir desse local se irradia a exploração da agricultura, o garimpo do ouro e o comércio, que são as atividades em torno das quais gira o cotidiano guaraqueçabano. De acordo com o Plano Diretor (2006, p. 05) “O município de Guaraqueçaba foi o primeiro a ser colonizado pelos portugueses em todo território paranaense, em meados do ano de 1545, apresentando obras arquitetônicas do século XIX com as características do estilo colonial”. Esses elementos têm um grande valor simbólico e histórico para a paisagem porque retrata o caráter local.

5.3 AGRICULTURA DE SUBSISTÊNCIA, ISOLAMENTO E DECADÊNCIA ECONÔMICA

A partir do Oceano Atlântico, na planície costeira, nos morros isolados, nas restingas, nos estuários, nas pequenas baías, (a dos Pinheiros e das Laranjeiras), e nas ilhas, a agricultura era tradicional, baseada na mão-de-obra familiar e de subsistência. Nas áreas de boa drenagem e nas encostas de morro cultivam-se banana, mandioca, milho, feijão e café.

A partir da década de 1930, o sistema agrário regional enfrenta uma série de crises, caracterizadas por fortes processos de diferenciação social. As crises impostas por dois fatores principais: a diminuição da produtividade dos cultivos (falta de terras férteis e conseqüentemente diminuição do ciclo de descanso entre ciclos culturais do método de pousio) e a baixa competitividade regional para atuar nos mercados externos de banana (Argentina e Uruguai).

Mudanças na infraestrutura de transportes ligando o Litoral ao Primeiro Planalto não favoreceram o desenvolvimento da área. Geraram marginalização

econômica e consequentes transformações culturais. Até 1873 (inauguração da Estrada da Graciosa), todo deslocamento entre o litoral e o Primeiro Planalto era feito por precárias trilhas (denominadas de caminhos) abertas a partir de antigas picadas indígenas. Os caminhos mais utilizados no período colonial foram o do Arraial, o Itupava e o da Graciosa (Wachowicz, 1995; Habitzreuter, 2000, Esteves, 2005). A efetiva mudança no desenvolvimento das vias de circulação e transporte entre o litoral do Paraná e a capital ocorreu com a inauguração de duas grandes obras viárias: a Estrada de Ferro Paranaguá-Curitiba, inaugura em 1885, e a abertura do trecho da rodovia BR-277 entre Curitiba e Paranaguá (Esteves, 2005). Estas vias privilegiam e favorecem o transporte por terra. Transportar aquilo que se produzia por via marítima e fluvial ficou muito caro. “Esses fatos geram o deslocamento das famílias agricultoras, que migram para ao interior da baía, transformando-se em pescadores” (SPVS, 1994, p.07).

No esquema do histórico da ocupação agrícola em Guaraqueçaba (figura 23) mostra o extrativismo do palmito e a agricultura de arroz, milho, banana branca, citros e mandioca como produção tradicional até a década de 1990, permanecendo a partir daí a extração do palmito e o cultivo da banana e da mandioca, esses já praticados desde o século XVIII.

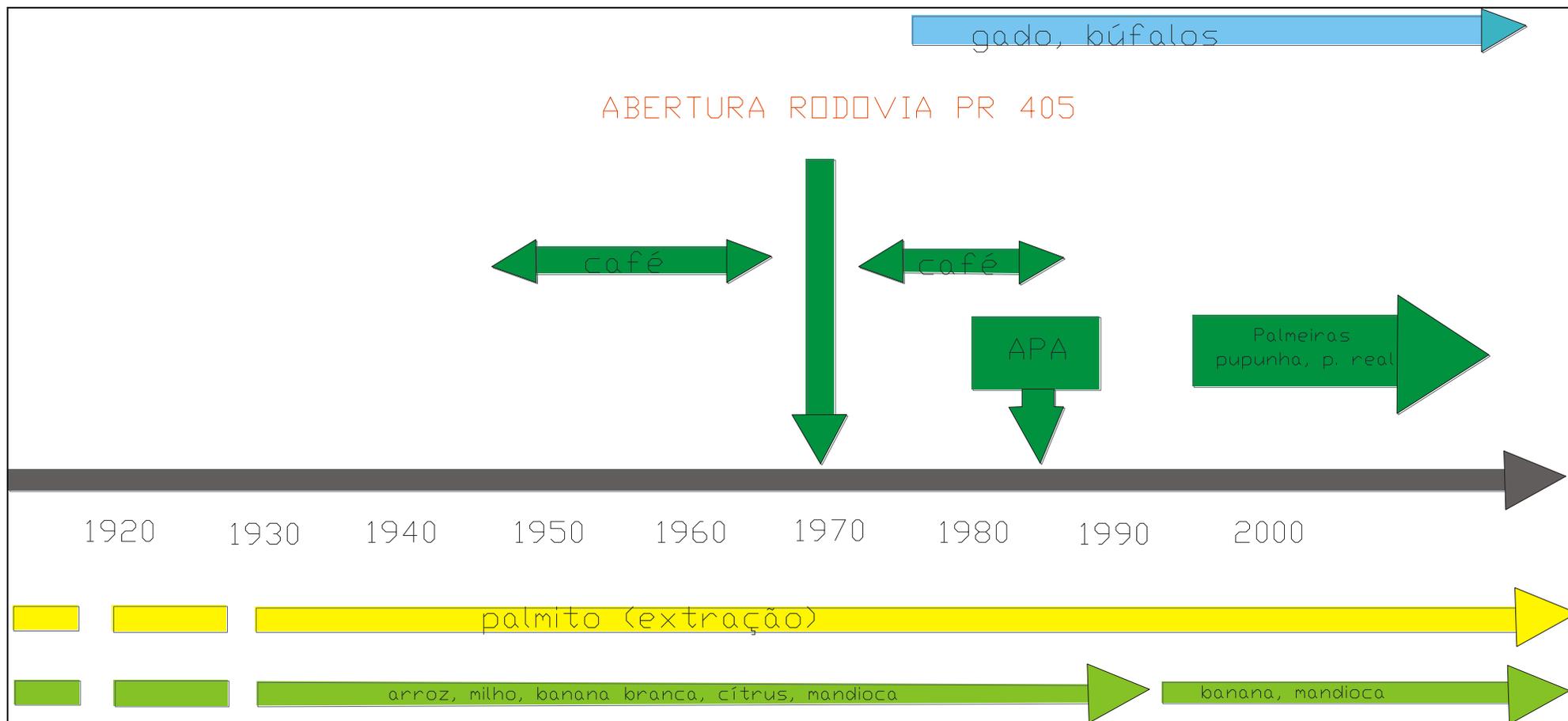


Figura 23. Histórico da ocupação agrícola em Guarareçaba, século XX. Autor: RODRIGUES (2005).

A partir de meados de 1940 até o final da década de 1980 houve a tentativa do cultivo de café. Um ponto de referencia importante nesse processo foi a abertura da rodovia PR-405 em 1970 que trouxe a esperança de um novo tempo na economia local, de se acabar com o isolamento. A partir da construção da estrada houve o aumento dos rebanhos de gado (anteriormente pouco significativos) e a introdução de búfalos africanos, bem adaptados a região. Em 1985 houve a criação da APA – Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba que influenciou significativamente o declínio e estagnação do desenvolvimento da agricultura em toda essa área. Projetos de introdução de Palmeira Real (figura 24) e Pupunha ainda são duvidosos e não utilizados pela maioria dos agricultores.

Apesar de se adaptarem bem a região, os búfalos africanos devido a sua agressividade e ao medo que impõe não são fáceis de serem manejados. Por esse motivo muitos produtores evitam trabalhar com esses animais. Quando estão soltos impõe medo às pessoas.

Para o turismo é um atrativo, próximo à entrada do Morato, onde fica a RPPN do Salto Morato existe a criação desses animais. São muito fotografados e festejados pelos turistas.



Figura 24. Cultivo de Palmeira Real no Morato. SOUZA. R.M. (jan. 2013).

Para o município ocorreu um enfraquecimento e redução do setor agrícola nas últimas décadas. A agricultura tem regredido, até mesmo a de subsistência. Estratégias de valorização da identidade territorial e de produtos locais que levem o selo de qualidade ambiental são alternativas para o desenvolvimento e aquecimento de produtos sustentáveis e melhoria econômica. Porém o que se verifica na realidade são tentativas isoladas e a pobreza, que se reproduz.

5.4 O PATRIMÔNIO HISTÓRICO DA CIDADE DE GUARAQUEÇABA

O traçado original de uma cidade pode indicar qual era o objetivo de seus idealizadores. Apesar de os objetivos e função das cidades serem diversos, elas normalmente seguem uma lógica de acesso e proximidade com as atividades econômicas, ao transporte, disponibilidade de água potável, segurança das embarcações. No entanto, se deve levar em consideração que, na verdade resistem alguns casarões como resquícios do período de auge econômico concentradas no núcleo inicial, a área comercial é uma das mais valorizada da cidade. Esse conjunto de edificações já experimentou prejuízos. A maior parte das construções passou por muitas modificações, tendo com isso ocorrido perda de importante histórico e um certo grau de descaracterização da área. Mesmo assim, no conjunto, o que restou ainda torna a cidade reconhecível, sendo importante valorizar esse aspecto singular da cidade.

5.4.1 Significados do espaço e perda do significado

Um caráter local pode ser identificado por elementos simbólicos carregados de significado. Ou que pelo menos deveriam ter significado e valorização das pessoas e do poder público no sentido de resgatá-los.

O espaço reutilizado, carregado de importância cênica é uma paisagem espelho, que reflete a sociedade. A história e a nossa cultura são materializadas no espaço geográfico. Se não podemos congelar a paisagem, podemos respeitar o padrão da paisagem e os espaços simbólicos devem ser preservados. Na paisagem de Guaraqueçaba, figuram fontes d'águas, igreja. Um conjunto de casas dão a cidade um caráter colonial, indicadora de que estamos numa área antiga, de colonização portuguesa.

O que ocorreu em Guaraqueçaba foi uma relativa perda de significado por causa do descaso com o patrimônio histórico. Seria importante refletir nesse momento sobre a questão da atratividade urbana. Poder-se-ia aproveitar melhor a história gravada no imaginário. Saber valorizar os caminhos histórico-culturais e paisagísticos. A regeneração através da preservação sensível da paisagem. “Uma cidade atrativa, harmoniosa e com vitalidade, onde as pessoas tenham histórias para contar e orgulho de mostrar os lugares em que vivem” (YAMAKI, 2008b, p. 13).

5.4.2 O que era antes o local onde se beneficiava arroz hoje é o resquício da história materializada no espaço

A importância histórico-cultural da paisagem, mesmo que restem apenas as fundações da antiga casa de beneficiar arroz, não se pode deixar de observar. Essa construção foi retratada em telas (figura 25). Trata-se de um relevante período da economia local e com forte tradição cultural: o cultivo do arroz. Desde o século XVII ao longo dos vales dos rios, localidades já se desenvolveram e os moradores produziam sua alimentação a base de arroz, feijão, milho, mandioca e banana. A fertilidade inicial da terra, decorrente da riqueza em matéria orgânica, torna possível um excedente na produção que passa a ser comercializado com as áreas vizinhas como Paranaguá, Antonina e Morretes.

A antiga casa de beneficiar arroz se transformou em ruínas. Isso ocorre porque a paisagem é dinâmica e muitas construções se deterioram se não forem realizadas as manutenções adequadas de restauração. Atualmente apenas as “sapatas” (fundações) da antiga construção identificam o local da edificação histórica (figura 26). A manutenção das ruínas, mesmo que sejam somente as fundações da antiga construção é algo positivo, que remete a antiga ocupação. Local de passeios, de resgate histórico-geográfico, de lazer.

Nas últimas administrações públicas, da década de 1990 até 2014 o local se transformou num jardim, com árvores frondosas, bancos e muitas flores. No entanto, recentemente algo chamou a atenção da população: as árvores foram todas cortadas. Houve manifestações nas redes sociais, o que demonstrou uma relação da população com aquela paisagem. A especulação de que se pretendia construir algo naquele terreno por se tratar de uma parte muito valorizada da cidade. A prefeitura por outro lado, sentindo a agitação e pressão da população respondeu que o responsável pela

retirada das árvores foi “o vento forte” que as quebrou. Um novo projeto paisagístico está sendo preparado para o local. Até o momento está da mesma maneira. Observando-se o retrospecto da cidade com relação ao patrimônio histórico não é de se admirar se fosse modificado o local. O que se percebeu de diferente é a reação da população. Esse fato reforça nossa tese de que, os trabalhos de resgate, valorização da paisagem e análise visual faz-se necessário. É dessa maneira que se constrói para aqueles que ainda não despertaram para esses aspectos o reconhecimento dessas paisagens, ou mesmo que seja para reforçar e fazer coro na mesma direção.

Se a história permitiu que as fundações do antigo casarão ficassem não é agora que serão, de uma maneira sorrateira e rápida extraídas da paisagem. Essas fundações são remanescentes do que ainda existe na memória da população mais antiga, desenhadas nas telas como essa de 1887 (Figura 25).

5.4.3 Monumentos: o que se pode retirar hoje das antigas fontes d'água

Pode-se “retirar” muito conhecimento geográfico, cultural e histórico (figura 27). No espaço urbano as marcas da história ficam evidentes. Na Guaraqueçaba do século XIX, água encanada era uma exceção. O normal eram as pessoas apanharem água direto na fonte ou na “bica”. Ainda existem, ainda que mal conservadas, três fontes. Duas delas construídas no estilo português. Uma localiza-se na Praça do Colégio Marcílio Dias (figura 28); a outra na Vila, próxima ao antigo Mercado (figura 29); e a terceira fica no bairro do Costão (figura 30). Essas fontes podem trazer para a memória, todo um cotidiano de pessoas que se relacionavam de modo diferente com a natureza. Essa paisagem simbólica, de um tempo em que as pessoas se reuniam na fonte para lavar roupas, para pegar água nas bacias, nos potes e baldes. Depois carregavam a água até suas residências, num ritual diário, comum, e muito distante da realidade atual. Tempos difíceis, tempos que não voltam, no qual havia um maior contato das pessoas com as próprias pessoas e com a natureza. Situação que é relatada pelo etnólogo espanhol na década de 1970,

Qualquer lata grande é válida para o transporte e para o armazenamento que se faz fora da casa, prendendo o recipiente por um gancho, quando é de metal, ou colocando sobre uma tábua, no alto se é cerâmica. Procura-se, logicamente um lugar à sombra. O transporte de água faz parte do trabalho da mulher e das crianças, ainda que possam ser auxiliadas por algum homem idoso que não pode mais trabalhar na roça ou na pesca (ALVAR e ALVAR, 1979, p. 17).

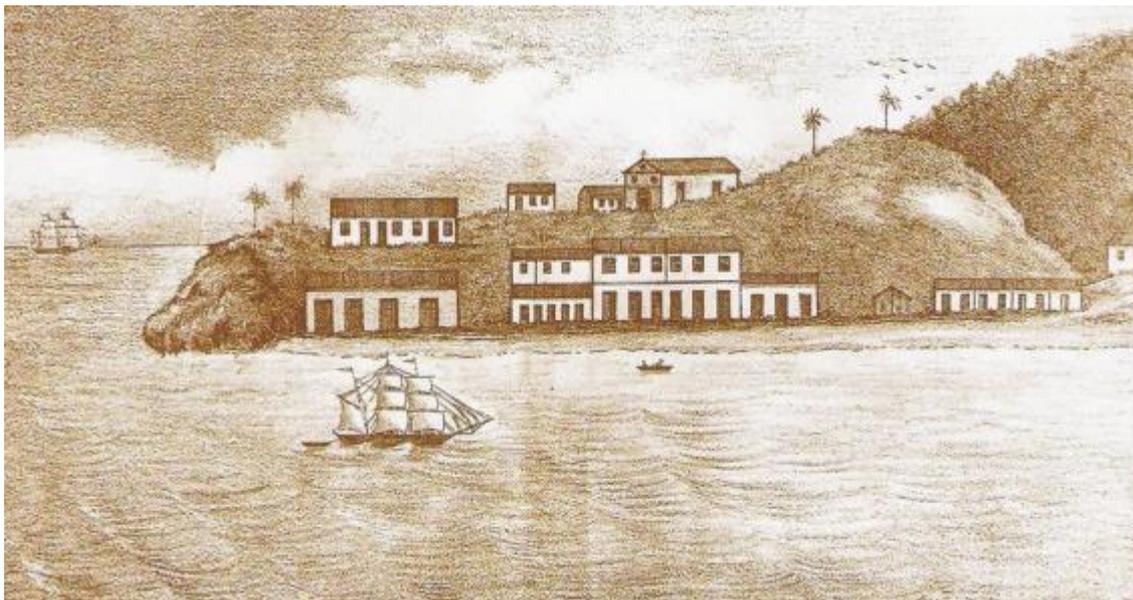


Figura 25. Nesta tela que retrata a baía em 1887 aparecemos casarões na Ponta do Morretes onde se fazia beneficiamento de arroz. Fonte: Von Behr (1997).



Figura 26. As fundações ainda existentes dos casarões do século XIX. Autor: SOUZA, R. M. (jan. 2012).

Trechos descritivos como esse, que retratam a Guaraqueçaba do passado fazem mais sentido quando preserva-se os símbolos desse período na paisagem. As fontes d'água são, portanto, símbolos de um período que não existe mais, e que no entanto fazem parte do espaço geográfico atual.

Essa cultura da fonte d'água é valor tradicional relacionado com a paisagem. Em outro ponto, Alvar (1979) descreve o Costão, que é um bairro de Guaraqueçaba de frente para a baía, e no qual viviam muitas famílias de pescadores tradicionais o autor menciona a fonte d'água;

As mulheres lavam a roupa sobre as pedras ou dentro dos restos de uma velha embarcação. De uma fonte construída como um grande mausoléu sai à água por uma bica de latão, no qual Miranda lava suas roupas (ALVAR e ALVAR, 1979).



Figura 27. As fontes pertencem aos núcleos mais antigos da cidade: Vila e Rocio e Costão. Fonte construída em 1922. Fonte: Autor: ALVES, J.A.



Figura 28. Monumento atual, antiga caixa d'água. Autor: SOUZA, R. M. (jan. 2013).



Figura 29. Antiga fonte D'água da Vila em dois momentos. SOUZA, R. M. (jan. 2013).



Figura 30. Fonte mencionada na obra de Alvar hoje um depósito particular e lixeira. SOUZA. R.M. (jan. 2013).

Essa fonte, do bairro do Costão, permanece como um elemento de identidade. Quando vemos essa imagem sabemos que estamos no Costão, em Guaraqueçaba. Para as pessoas mais antigas, muito mais do que para os jovens, é capaz de trazer muitas histórias e recordações que tem sua importância cultural. No entanto, não está reconhecida como tal, e não passa de um pequeno depósito particular de uma residência.

5.4.4 Edificações Históricas

A Prefeitura foi transferida para outro prédio. Todavia, o antigo casarão ainda continua sendo utilizado (lojas e outros departamentos públicos). Retrata o antigo centro político da cidade (figura 31). A partir de sua construção na década de 1920 ao lado da antiga fábrica de palmito era o local das decisões políticas e econômicas do município, no detalhes a águia decorativa (figura 32). “[...] a Delegacia e a Prefeitura, que fazem esquina, tendo ao alto as águias reluzentes pintadas de purpurina prateadas” (ALVAR E ALVAR, 1979).



Figura 31. Prédio da antiga prefeitura. SOUZA, R, M. (jan. 2013).



Figura 32. Detalhe "Águia". SOUZA, R, M. (jan. 2013).



Figura 33. Conjunto de casas, dentre elas o prédio da antiga prefeitura construído em 1925. Fonte: ALVES, J. A.

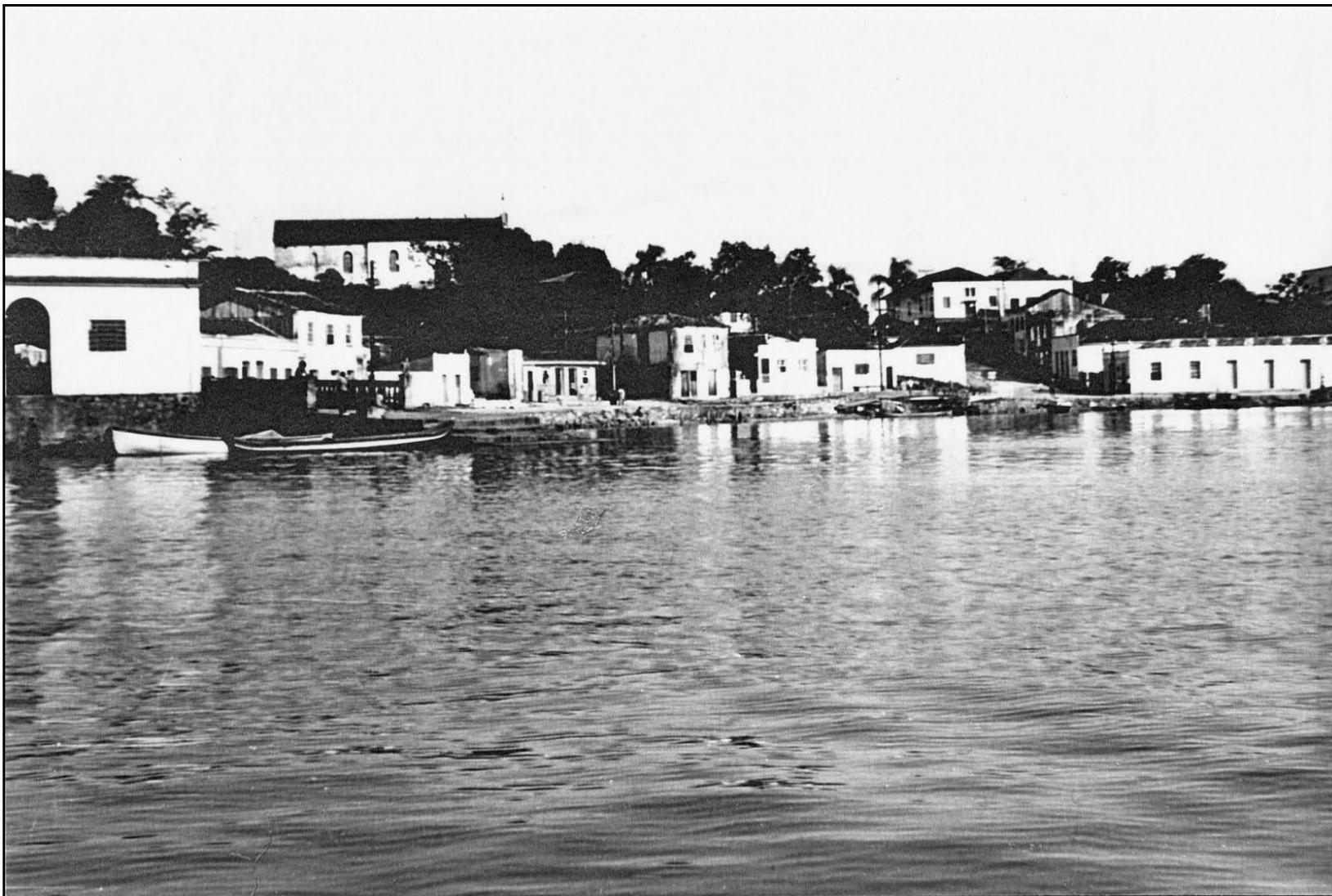


Figura 34. Guaraqueçaba em 1975. Fonte: ALVES, J.A.



Figura 35. Centro Histórico visto da baía, onde se localiza o conjunto de construções históricas do "Mercado" e do "Casarão do IBAMA". Autor: SOUZA, R.M. (jan.2013).

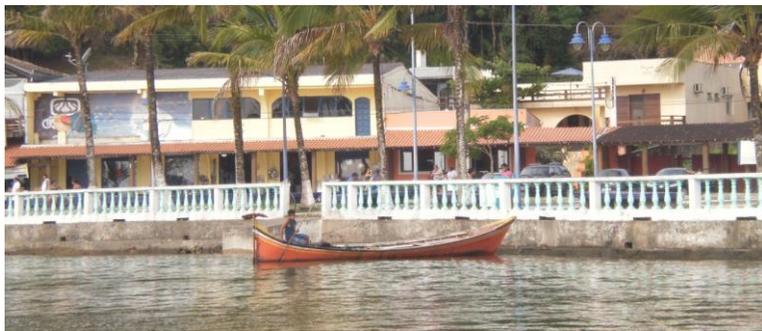


Figura 36. Barco/ balaústres, Casarão histórico e o antigo Mercado. SOUZA, R.M. (jan. 2013).



Figura 37. Casarão e antiga fábrica de beneficiar palmito. Fonte: MUNIZ, J.

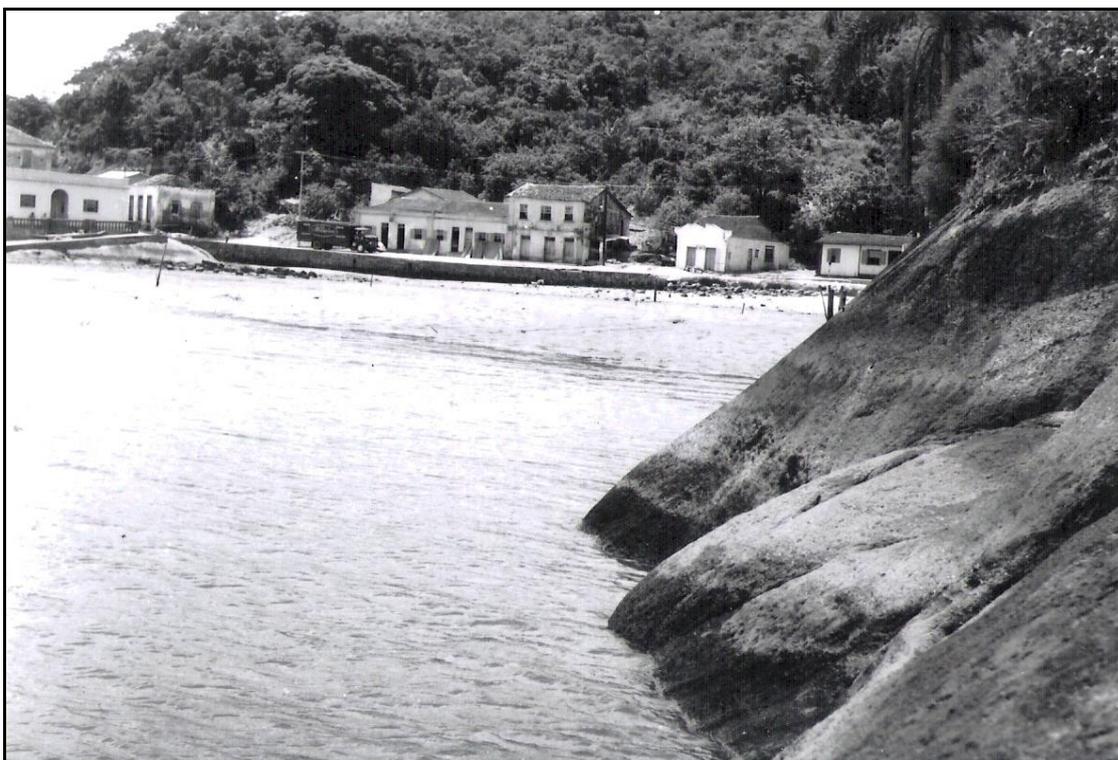


Figura 38. A Vila vista da Ponta do Morretes em 1975. Fonte: ALVES, J. A.

No bairro inicial, a Vila, foram se construindo muitas edificações sem obedecerem a nenhum padrão arquitetônico. A tipologia das edificações se constitui nos

atributos de integridade e reconhecibilidade que definem o caráter da paisagem. Modificando-se o padrão das construções, se muda o elemento definidor: patrimônio histórico, comércio popular, residências, cortiço ou museu. Para minimizar esse problema, sugere-se que pelo lado de dentro podem ser bastante modificadas más, no exterior, devem ser mantidos a integridade e conseqüente reconhecibilidade. Isso seria interessante. As paisagens representativas devem ser preservadas.

Comparando-se as fotografias de períodos diferentes (figuras 33-38), pode-se constatar perda de patrimônio histórico com base nas modificações desordenadas. Enquanto a primeira paisagem apresenta um conjunto de casas de forma bastante homogênea, a segunda fotografia revela o aumento de contraste no padrão das construções. A substituição dos casarões de estilo colonial por construções segundo modelos novos totalmente diferentes do inicial. Isso pode ser considerado como prejuízo para a integridade e reconhecibilidade da paisagem.

Observando-se a maneira como a sociedade, pelo elemento referente à cultura, modifica a paisagem, é possível se realizar algumas análises como: que cultura é essa? A partir daí surgem preposições relevantes: como dar continuidade a essa paisagem? O que permanece? Porque a paisagem tem esses elementos? Sendo a paisagem dinâmica e em constante modificação de ordem natural e humana, segue a questão: o que pode ser mudado que não vai causar diferença alguma? O que deve permanecer? O que é importante focar? No Brasil, o vandalismo referente ao patrimônio histórico é algo constante. Poucas são as cidades que mantiveram a integridade, muitas foram recuperadas posteriormente.

Atualmente, devido à demanda do turismo, muitas cidades procuram criar atrativos: festa da tainha, cidade ecológica, reserva da biosfera, santuário ecológico, etc. Faz-se recorrente cair na banalidade de encher a cidade de material reciclável: árvores de natal de garrafas *pet*, anjos feitos de material reciclado, pintam-se as calçadas e os troncos das árvores de branco. Muitas vezes se esquece de valorizar-se o que já se possui. Resgatar o valor da antiga caixa d'água, da casa comercial singular, de como era essa paisagem no passado e o que permanece? Qual a relevância desses elementos para o presente? Deste modo o problema da falta de valorização do patrimônio histórico é um problema cultural que se evidencia em Guaraqueçaba.

Pesquisando-se em registros fotográfico anteriores à década de 1980, antes da construção da passarela na Ponta do Morretes, observa-se que o prédio da fábrica de

palmito não existe mais. Deu lugar a um hotel. Até a década de 1980 a baía se estendia até próximo do prédio, no qual existia um pequeno cais. Na década de 1980 a pequena enseada foi aterrada dando lugar a praça William Michaud. Essa praça já passou por inúmeras reformas. É importante salientar que, em outras áreas da cidade, como no Costão, no Cerquinho, na área do Mercadão e Ponte de Ferro, na Reta, não existe nenhuma praça. No entanto, nessa (William Michaud) já se investiu bastante dinheiro público. Isso mostra a valorização apenas pelo local onde está o comércio, a fachada principal da cidade e o principal porto. Deixando-se de lado a construção de praças em outros locais, o que seria interessante para a população destas outras áreas urbanas.

Paisagens, lugares, antigos caminhos e edificações são importantes marcas do lugar, e devem ser preservados (YAMAKI, 2008b, p. 42). O mercado municipal, construído em 1911, passou por vários tipos de reutilização: cadeia, restaurante, barbearia. Tudo ligado aos mandos do poder municipal que administra o prédio. Está bem conservado, apesar de sua fachada passar por várias modificações e não ser fiel ao modelo inicial, sempre havendo pequenas alterações. Ao lado do mercado, o velho casarão de 1880, fielmente restaurado, não pode ser utilizado por motivos de segurança estrutural. É um belo ponto focal da paisagem histórica. Os prédios ainda preservados, em conjunto com a baía e o Morro do Quitumbê permitem que Guaraqueçaba seja reconhecível, uma paisagem identitária.

Nota-se também, como de costume no planejamento das cidades históricas, num local de destaque a paisagem simbólica da fé católica. No Morro do Quitumbê, próximo a Caixa d'água da Companhia de Saneamento do Paraná – SANEPAR: a capela Bom Jesus dos Perdões, construída em 1839. Imagem essa que é vendida como “cartão postal de Guaraqueçaba”. Um dos intuitos desse trabalho é mostrar que, existem outras paisagens muito interessantes e pouco evidenciadas na cidade.

O destaque simbólico da Capela Bom Jesus dos Perdões na cidade ocorreu por causa da fé e da força da denominação dos colonizadores. Embora lugares sagrados possam resultar de processos de sacralização, “as paisagens são criadas por determinados grupos religiosos, no desejo de reproduzir sua própria visão de mundo” (ROSENDAHL, 2003, p. 215). A marca da religião no espaço geográfico, as formas arquitetônicas e a visão de mundo empregada por eles.

Os templos de variadas denominações fazem-se presentes na paisagem de Guaraqueçaba. Marcas do passado e do presente. Atualmente existem muitas igrejas

evangélicas: Assembleia de Deus, Batistas, Adventistas, Congregação Cristã no Brasil, Deus é Amor, etc.

A paisagem, nesse sentido, funciona como uma trama geossimbólica, a estrutura visível e o que ela reflete. “A paisagem é uma estrutura visível, na qual a mensagem que nela se escreve em termos geossimbólicos reflete o peso do sonho, das crenças dos homens e de sua busca de significação” (ROSENDAHL, 2003, p. 215). Lugares, itinerários, extensão simbólica-religiosa e de identidade. Os templos religiosos, dos mais simples aos mais sofisticados, dos mais antigos aos mais recentes, constituem-se em elementos culturais. Elementos esses presentes na paisagem guaraqueçabana, “igrejas e templos são elementos que possuem a função de culto religioso. Os símbolos do culto religioso são impregnados da cultura local e fornecem a ela uma identidade forte” (ROSENDAHL, 2003, p. 216).

Um bom exemplo de identidade cultural são as catedrais europeias. “Não se pode imaginar uma herança cultural europeia desprovida das magníficas catedrais, crucifixos e imagens religiosas” (PARK, 1994, p. 197). Tem alto valor cultural mesmo as construções pequenas e singelas, sem ocupar local de destaque na paisagem: “capelas e santuários de beira de estradas são exemplos de elementos religiosos da paisagem de alto valor cultural” (ROSENDAHL, 2003, p. 216). As cidades são marcadas por vários monumentos, os quais relembram suas hierarquias e designam aqueles que nela ocupam posições de influência ou autoridade. Para interpretar as paisagens religiosas se devem reconhecer as crenças e a identidade cultural presente (Claval, 2007). Não é nosso objetivo se aprofundar no estudo das denominações religiosas de Guaraqueçaba. Queremos apenas ressaltar a importância cultural dessas instituições, que não devem passar despercebidas na análise visual da paisagem. Porque elas existem e são visíveis. Patrimônio é o que se vê, e não apenas o que simplesmente existe (YAMAKI, 2008b, p. 42).

“Se pensar pelo lado de que parte significativa da população irá sofrer naturalmente uma perda progressiva da memória com a idade, paisagens, lugares e edificações significativas serão importantes para o contato nas terapias de rememoração e retardamento do processo degenerativo” (YAMAKI, 2008b, p. 14).

Por fim, sobre as visões a respeito de Patrimônio, ressalto o pensamento de Yamaki (2008b) em que patrimônio não é só o que existe e sim algo que pode ser construído lenta e sistematicamente. Não apenas o que foi edificado no século XIX mas

construções atuais que futuramente serão patrimônio histórico. Deve-se salientar que, preservar e “construir” o patrimônio histórico cultural, é importante, não só para as futuras gerações, mas também para a presente geração.

6. TOPÔNIOS, PAISAGENS E AVALIAÇÃO VISUAL

Pelo fato de serem pontos turísticos, lugares de preferência nos passeios, recorrentes nas fotografias de turistas, nas telas dos pintores, e também baseados em entrevistas, considerou-se interessante destacar essas paisagens. Identificamos a localização dos principais topônimos (figura 39), em seguida avaliamos as características visuais (quadro 08). Procurou-se compreender um pouco mais sobre o relacionamento das pessoas com essas paisagens, devido à sugestão do significado dos nomes.

6.1 TOPONÍMIAS: SABER ESPACIAL LOCAL

A toponímia como herança cultural que significa referenciar a tomada de posse. Todos os lugares habitados e um grande número de sítios característicos na superfície da Terra têm nomes frequentemente há muito tempo. A toponímia é uma herança preciosa das culturas passadas. Batizar as costas e as baías das regiões litorâneas foi a primeira tarefa dos descobridores. Um verdadeiro tapete de nomes recobre a terra que se torna assim objeto de discurso. O batismo do espaço e de todos os pontos importantes não é feito somente para ajudar uns e outros a se referenciar. Trata-se de uma verdadeira tomada de posse (simbólica ou real) do espaço. (CLAVAL, 2007, p. 189).

Apesar de nem sempre ser possível resgatar o significado real e etimológico dos nomes dos lugares, consideramos importante ressaltar esse aspecto. A abordagem cultural sobre a toponímia torna-se pertinente, uma vez que existem nomes que podem ajudar no entendimento do significado dessas paisagens. Toponímia é o estudo linguístico ou histórico da origem dos topônimos ou nomes de lugares. O termo designa, igualmente, a relação dos topônimos de um país, estado, município, etc. Segundo o dicionário Michaelis de língua portuguesa (2013), toponímia é a designação dos lugares pelos seus nomes. É parte da onomatologia que estuda a origem dos nomes dos lugares. Para o cartógrafo Cêurio de Oliveira (1993) é importante para o resgate histórico da ocupação,

[...] é preciso que se ressalte que a importância do seu estudo é oportuna, uma vez que algumas denominações antigas de lugar já orientaram muita pesquisa histórica e arqueológica. E do ponto de vista mais geográfico, a toponímia 'é utilizada a fim de se fazer uma ideia da data da **localização do povoamento**, fator de explicação essencial para o habitat (OLIVEIRA, 1993, 76, grifo nosso).

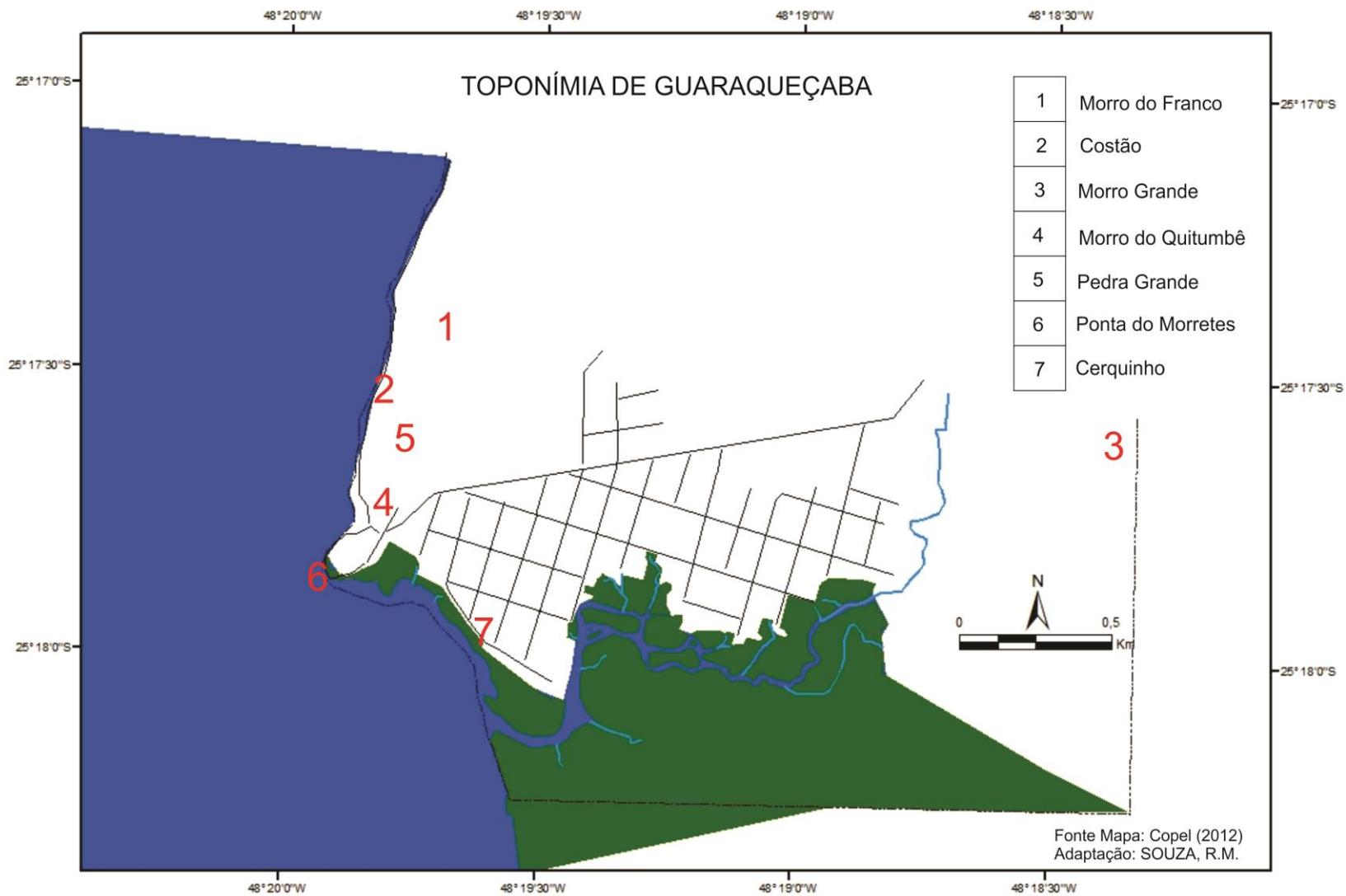


Figura 39. Toponímia da cidade de Guaraqueçaba

Pensar e tentar responder a identificação cultural com a localização do povoamento que Cêurio de Oliveira (1993) comenta é nosso desafio, a partir de agora. Verificaremos algumas paisagens de destaque e sua respectiva toponímia. Por qual motivo as paisagens receberam esses nomes? Esses nomes revelam algo que tenha haver com a paisagem de Guaraqueçaba? Esses espaços são reconhecidos como atrativos turísticos, pelos artistas da paisagem e no Plano Diretor do Município?

Os vestígios mais antigos da presença humana no litoral paranaense e no entorno de Guaraqueçaba são os sambaquis. Com cerca de 6.500 anos, ocorrem no Puruquara, no Rio das Varas, no Costão, no Guapecum, entre outros locais. Os Sambaquis, palavra de origem indígena que deriva de *tambá* (concha) e *ki* (depósito). Possuem formações de pequena elevação formadas por restos de alimentos de origem animal, esqueletos humanos, artefatos de pedra, conchas e cerâmica, vestígios de fogueira e outras evidências primitivas, e indicam os primeiros habitantes, anteriores aos índios, que viviam em pequenos grupos e eram nômades. Os “grupos de tupis-guaranis que viviam no litoral no período da colonização eram denominados de carijós e somavam entre 6.000 e 8.000 pessoas” (ESTEVES, 2005). O contato dos europeus com os índios causou seu extermínio, escravidão, perda do território e identidade. Apesar do massacre físico e repressão, a cultura indígena persiste, o próprio nome da cidade tem origem indígena. Atualmente em Guaraqueçaba existem duas áreas a espera de demarcação, no qual vivem cerca de sessenta e dois guaranis.

O nome da cidade Guaraqueçaba é uma palavra de origem tupi guarani, “*guara*” significa ave e “*kessaba*” pouso, deste modo “pouso do guará” (garça de plumagem vermelha). As garças vermelhas são raras por estarem ameaçadas de extinção, mas existem outras, de outras espécies, as brancas e cinzas são abundantes. É algo evidente uma referencia cultural das pessoas com essas aves, presentes na bandeira, em artes representando a cidade, o ninho do Guará aparece no símbolo da câmara dos vereadores, entre outros. Com certeza uma relação referente à cultura, um símbolo da cidade (figura 40). Observando-se a baía, nota-se que os manguezais são marcas da paisagem de Guaraqueçaba, e presentes nesses manguezais estão muitas aves.



Figura 40. Monumento ao Guará, inaugurado em março de 2004, em uma das múltiplas reformas da Praça William Michaud houve a sua demolição. Autor: SOUZA, R.M. (nov. 2005).

Esse nome também é utilizado para o morro e praia no município de São Sebastião, no estado de São Paulo e para o principal rio que dá o nome a bacia hidrográfica com nascente na serra do Cadeado e que deságua na baía de Guaraqueçaba.

Morro do Franco significa “morro aberto”. Aparece essa nova denominação no Plano Diretor (2006) é na verdade o já popularmente conhecido “Morro do Costão”. Costão origina-se de costa, que tem a ver com a área da borda da baía, próxima do mar.

O costão, por ser uma área de fácil acesso a baía, foi um local de ocupação antiga da cidade. Pescadores artesanais que complementavam sua economia com pequenas lavouras, faziam do Morro do Costão uma vertente repleta de lavouras e solo nu exposto, além do capim que cobria as áreas de pousio (rotação da terra). O precário caminho, muitas vezes barrento, com muita lama e cursos d’água temporários que cavavam sulcos dificultando a passagem formavam áreas inclinadas com ladeiras íngremes, as chamadas “barrocadas”. O trajeto para o centro era muito mais tranquilo pela baía, ou “por fora”. A construção de uma via segura, com muro de arrimo, no qual pode transitar pessoas e veículos melhorou bastante a qualidade de vida da população.

O “Morro Grande”, localiza-se a nordeste da cidade. O nome obviamente está relacionado com o tamanho desse morro e devido a sua proximidade. Destacam-se na paisagem da cidade, sendo um ponto focal bastante evidente. Também conhecido como “Bico Torto”, por causa de sua formação na parte superior, no cume.

Outro local interessante é a “Pedra Grande” que é atraente como local para se observar a baía. Quem sobe o morro do Quitumbê e chega até lá pode se decepcionar se procura por ver um grande afloramento rochoso. Reduz-se há alguns poucos metros (meio metro de altura e três de extensão). Deveria se chamar “Pedra Alta”. É o local com uma das principais vistas panorâmicas da baía. Também é possível se ver parte da cidade, dos manguezais da Estação Ecológica, dos variados canais e braços de rios. Um lugar fascinante num dia de Sol, com boa visibilidade é possível se enxergar até o Porto de Paranaguá. Nesse local se planeja construir um Parque pelo poder público. Fato que está mencionado no Plano Diretor (2006) mas sem maiores detalhes. Ao nosso ver, do ponto de vista da infraestrutura precisa-se melhorar a trilha, que continuamente está sem manutenção causando perigo para as pessoas. A construção da escada de madeira no trecho mais íngreme foi uma péssima ideia. Como sugestão indicáramos uma trilha semelhante a que une a Fortaleza da Ilha do Mel com os canhões superiores no cume do Morro da Baleia. Construir um mirante no alto do Quitumbê seria bom para o turismo, ensino, cidadãos, etc., mas algo rústico que não interfira demasiadamente na paisagem. O mirante que existe no *Canion* Guartelá, em Tibagi-PR é um bom exemplo. Feito de Eucalípto. A construção de placas explicativas sobre a formação da paisagem, semelhante as que existem na Ilha do Mel (Encantadas) ajudaria bastante o visitante e valorizaria a paisagem. Como foi dito existe o projeto de se construir um Parque Urbano no morro do Quitumbê, proposta que atende o potencial da área, entretanto que depende da maneira como irá ocorrer a implantação do projeto, ainda desconhecido pela população.

O Morro do Quitumbê recebeu esse nome em 1997, antes era chamado de Morro da Caixa D’ água, da Sanepar ou simplesmente da Igreja, porque a Capela Nosso Senhor Bom Jesus do Perdões fica no sopé. Esse nome Quitumbe¹⁹ tem Origem na mitologia do povo *Kitu Kara* do Peru.

19 Mito de Quitumbe. EFECTO ALQUIMIA. Libro Primero del manuscrito original del R.P. Anello Oliva, Llira, Mito de Quitumbe, Mitología Kitu Kara, Mitos Ecuatoriales, Otoya, Tumbé, Ximena Flores

A “Ponta do Morretes” é outro cartão postal da cidade, um afloramento que adentra a baía e faz o limite leste da cidade com o mar. Tendo uma declividade forte, seu nome significa “o pequeno morro que é uma ponta na baía”. Na década de 1980 foi construída uma passarela que contorna a Ponta do Morretes. É um local agradável para passear, com uma constante brisa. Lugar no qual os pescadores amadores se aventuram pegar alguns bagres e normalmente acabam com a linha “enroscada” nas rochas. Muitas e variadas histórias existem sobre a Ponta do Morretes: sobre pescarias, tragédias de afogamentos; o lugar mais profundo da orla (17 metros), entre outros. Recentemente a retirada de algumas árvores causou indignação por parte da população. A prefeitura atribuiu o fato aos vendavais e assegurou que as árvores serão repostas.

Cerquinho, o nome significa “aquilo que cerca” ou “um cerco pequeno”. O motivo deste nome, supostamente tem a ver com o local no qual os pescadores faziam o cerco? Pouco provável, porque esse local não é utilizado para essa modalidade de pesca. O mais aceitável é estar relacionado com as armadilhas para peixe em forma de cercado de bambu.

Quadro 08. Avaliação da Qualidade Cênica da Paisagem de Guaraqueçaba. Pontuação estabelecida conforme cada fator pode ser identificado na paisagem.

| | Cerquinho | Centro | Ponta do Morretes | Caminho do Costão | Reta | Pedra Grande |
|---------------------------------|------------------|---------------|--------------------------|--------------------------|-------------|---------------------|
| 1. Contraste | 01 | 01 | 01 | 01 | 01 | 01 |
| 2. Ordem | 03 | 03 | 03 | 03 | 03 | 03 |
| 3. Camadas | 01 | 02 | 01 | 03 | 01 | 02 |
| 4. Ponto Focal | 01 | 01 | 01 | 03 | 03 | 01 |
| 5. Originalidade | 03 | 02 | 01 | 01 | 01 | 02 |
| 6. Integridade | 01 | 02 | 01 | 01 | 01 | 02 |
| 7. Profundidade de Tempo | 02 | 03 | 02 | 02 | 01 | 03 |
| 8. Reconhecibilidade | 03 | 03 | 03 | 03 | 01 | 03 |
| TOTAL | 15 | 17 | 13 | 17 | 12 | 17 |

Organização: SOUZA, R. M.

6.2 PATRIMÔNIOS HISTÓRICO-CULTURAL E SEUS CAMINHOS DE ACESSO: DETALHES, ATRIBUTOS, LUGARES E PAISAGENS

6.2.1. Guaraqueçaba a partir da baía: trajeto de barco

A baía, as serras, os morros e a floresta. Chegar a Guaraqueçaba a partir da baía é uma oportunidade de se observar a configuração do relevo florestado que em conjunto com a água forma um mosaico onde os elementos naturais predominam (figura 41). Conhecer essa paisagem é experimentar o *inset*²⁰ na natureza. Elementos de ordem, definidores, delimitadores e pontos focais que à medida que a embarcação se aproxima irão ganhando contornos mais fortes, mais nítidos.

²⁰ Percepção.



Figura 41. Baía e Morros vista do barco de carreira a cinco quilômetros. SOUZA, R.M. (jan. 2013).

À distância de um quilômetro da ponta do Morretes ao leste da cidade é possível enxergar numa panorâmica desde o Cerquinho até a face norte do moro do Costão. Guaraqueçaba, vista a partir da baía, revela-se como uma paisagem cênica. Consideramos também a toponímia dessas paisagens (figura 42).

Avaliamos trechos de barco e por terra, caminhos que proporcionam visão para as belas paisagens de Guaraqueçaba (figura 43). Num primeiro momento, Guaraqueçaba vista da baía, num passeio a partir do estuário do rio da Ponte de Ferro até ao bairro do Costão (figura 44). Depois a baía vista a partir de Guaraqueçaba, mas não somente a baía, os morros, as vistas cênicas juntamente nesses caminhos a legibilidade da paisagem urbana, suas peculiaridades, e a valorização da memória e do patrimônio histórico. O trajeto foi realizado por meio de embarcação a motor. Passeio recomendado em Guaraqueçaba, num dia de boa visibilidade, com a maré cheia, para se observar uma paisagem deslumbrante, realmente cênica.

No rio da ponte de Ferro existem, em suas margens, ranchos para guardar embarcações. A paisagem de estuário mescla a vegetação de mangue, restinga e floresta. O início da Avenida Dr. Agrícola Fonseca, nesse trabalho será chamada pelo nome usual de Rua do Cerquinho. Próximo à marina (do Quito) ficam os abrigos; boias e varas, onde muitos pescadores guardam os barcos, e as canoas (a remo e a motor). Lugar tranquilo, protegido dos vendavais. São portos rústicos, com escadas improvisadas e em alguns pontos, rampas de concreto. Essa é uma das áreas de onde eles saem para trabalhar. Várias são as atividades, pesca, transporte de turistas, transporte de mercadoria em geral, etc., desde muito cedo, normalmente por volta das cinco horas da manhã.

Para realizar o passeio que contorna a cidade e apreciar as paisagens, os barcos de alumínio são rápidos demais, para aproveitar melhor o contorno da cidade o

aconselhável são as canoas a motor, os botes, e para os mais aptos e aventureiros, as canoas a remo.

O manguezal e suas raízes aéreas exalam o odor característico. Frequentemente se vê garças, caranguejos; os jacarés são cada vez mais raros de serem observados. Em algumas partes, os bairros chegam até a beira do estuário. Cortando o manguezal aparecem telhados, bananeiras e cercas. Os manguezais são recortados por canais naturais e alguns construídos pela sociedade. Ao fundo do manguezal se consegue enxergar os morros que circulam Guaraqueçaba. Essa é uma marca visual da cidade, de qualquer ponto de dentro da cidade é sempre possível avistar algum morro. Do estuário do rio da Ponte de Ferro se vê a face norte do morro do Franco, que é bastante florestado. Ao final desse rio, saindo da barreira visual de mangue, se abre a visibilidade da baía onde é possível se avistar a cidade.

Logo no início do bairro do Cerquinho, há muitas casas pequenas de madeira onde os pescadores moram, e de onde eles saem para pescar (figura 45). Ranchos rústicos, com quatro vigas de apoio, dois cavaletes para acomodar a embarcação e cobertura feita de fibro cimento (Eternit). Outros ranchos que aparecem na paisagem são mais bem construídos, guardados com cerca de tábuas. Por fim as marinas, que são barracões de concreto usados para abrigar as lanchas mais sofisticadas, normalmente de turistas e veraneios (figura 46). É uma área de baixio²¹, por isso é importante a maré alta, onde é possível ver as varas que demarcam o canal, mesmo importante para a navegação de barcos com a quilha alta. Destaca-se como ponto focal o hotel do Sindicato dos Eletricistas anexo à Marina do “Polaco”, de onde se inicia um trapiche longo que atravessa o baixio e vai até o canal, onde os barcos podem atracar a qualquer momento (figuras 47-48). O telhado da PUC – Pontifícia Universidade Católica, com sede em Curitiba e que desenvolve trabalhos de extensão em Guaraqueçaba, se destaca no final caminho do Cerquinho (figura 49).

²¹ Baixio designa a parte do fundo marítimo onde a profundidade da água é muito baixa, em comparação com pontos vizinhos. Em oceanografia e náutica, um baixio é perigoso para a navegação.

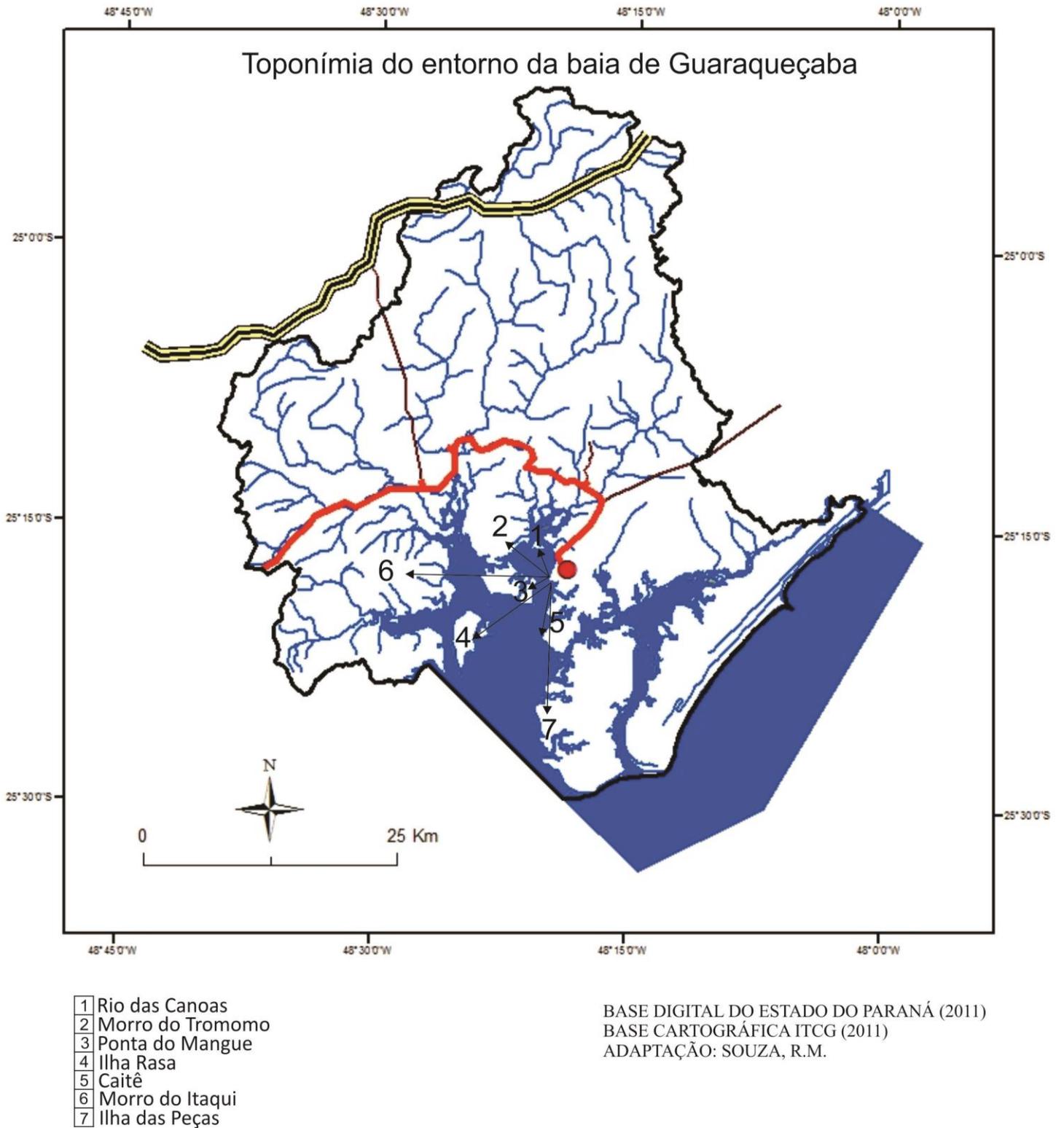


Figura 42. Toponímia do entorno da baía de Guaraqueçaba.

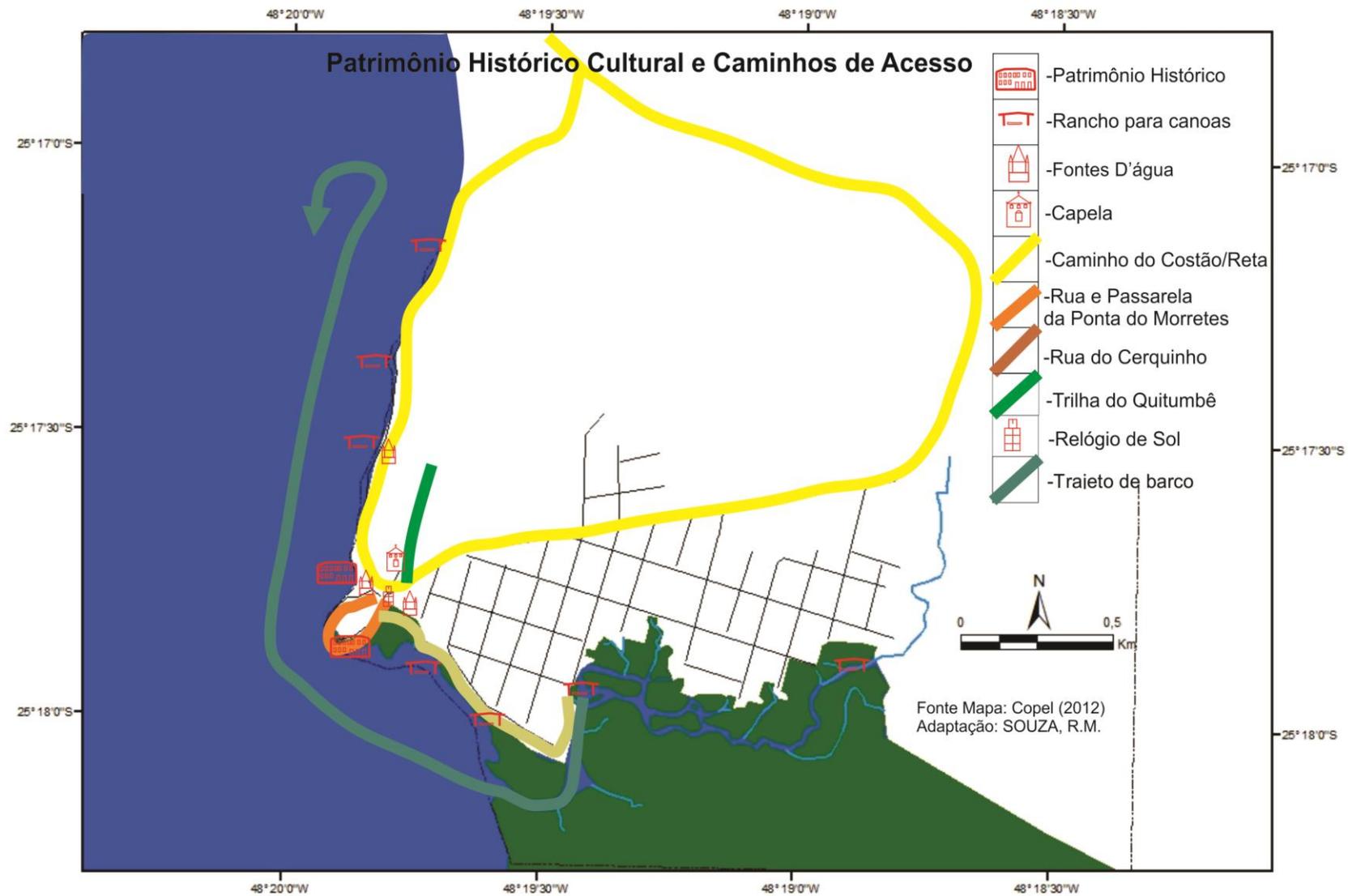


Figura 43. Patrimônio histórico-cultural e caminhos de acesso. São propostas de passeios para se apreciar as paisagens guaraqueçabanas. Optou-se pelo nome usual desses caminhos.

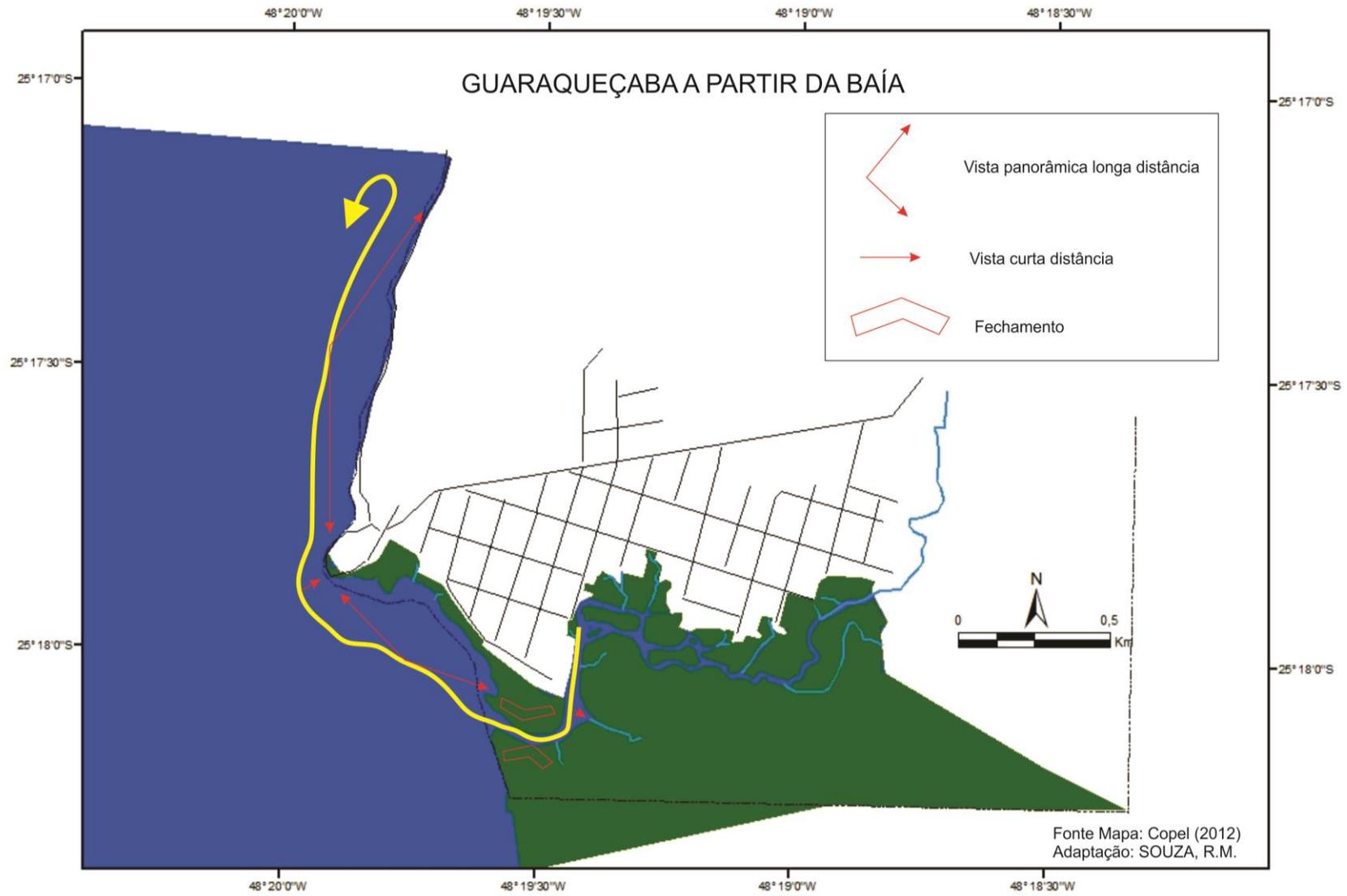


Figura 44. Vistas Panorâmicas de Guaraqueçaba a partir da baía.



Figura 45. Cerquinho, visão a partir da baía. Autor: SOUZA, R.M. (jan. 2013).



Figura 46. O Cerquinho com os seus típicos ranchos para guardar as canoas. Autor: SOUZA, R. M. (jan. 2013).



Figura 47. Vista do final do Trapiche, Cerquinho e Ponta do Morretes em conjunto. SOUZA, R.M. (jan. 2013)



Figura 48. Marina/Hotel e Torre de comunicação como ponto focal. SOUZA, R.M. (jan. 2013).



Figura 49. Morro do Quitumbê e do Franco na face norte. SOUZA, R.M. (jan. 2013).

O Porto dos Padres, assim chamado porque é o local onde a Igreja Católica possui um barracão para guardar suas embarcações, neste ponto um belo rochedo adentra a baía. Ao fundo se vê a necessária torre de comunicação.

Logo a seguir avista-se a Ponta do Morretes, com seus jardins e casas antigas. A Ponta do Morretes se destaca na paisagem de Guaraqueçaba com valor cênico: por ser elemento de ordem, é a fachada da cidade, o ponto mais afastado para a baía, delimitador. Tanto para chegada como para a saída nas linhas de barco com passageiros para Paranaguá. Caso fosse possível retirá-la, se modificaria totalmente a paisagem.

É possível ver em conjunto o mar encontrando as rochas, acima o jardim e as árvores e ao fundo as casas. Mais ao fundo o Morro do Quitumbê que no mês de dezembro fica repleto de folhas azuis de jacatirão e em fevereiro de flores amarelas de guaricica. A passarela da Ponta do Morretes (figura 50), lugar de passeios, namoros, cantorias, bebidas e pescaria. Não há restaurante e nem mesmo lanchonetes nela, os ambulantes são raros, apenas nos finais de semanas e feriados quando fica um pouco mais movimentado. Desse ponto se avista a sequencia mar, rochas, muro de arrimo da passarela, as balaústras que formam o corrimão (com falhas em alguns pontos) e uma pequena vegetação compostas por plantas rasteiras, alguns arbustos nativos, sombreiros, goiabeiras, e bem no contorno da baía destaca-se uma grande Seringueira²² com suas raízes aéreas. Na passarela existem escadas para se descer até o rochedo e entrar em contato com o mar. É um lugar que apresenta certo risco para os banhistas e os menos aptos acabam por se machucar caindo sobre as rochas. Para encontrar lugares propícios para banhos de mar em Guaraqueçaba deve-se perguntar para quem conhece bem a cidade, são raros os locais seguros e adequados para essa prática.

²² Nome Popular: Falsa-seringueira, nome científico: *Ficus elastica* Roxb. Detalhes: Família Moraceae Origem: Ásia tropical. Fonte: Universidade Federal de Santa Maria/Departamento de Ciências Florestais (Herbário Florestal). Disponível em: http://w3.ufsm.br/herbarioflorestal/especie_detalhes.php?nome_filtrado=falsa-seringueira. Acesso em 19 mai 2014.



Figura 50. Ponta do Morretes vista da baía. SOUZA, R.M. (jan. 2013).



Figura 51. Barcos e capela. SOUZA, R.M. (jan. 2013).



Figura 52. Casarão histórico. Autor: SOUZA, R.M. (jan. 2013).

Fazendo-se o trajeto no sentido Cerquinho-Costão, ao contornar-se a Ponta do Morretes já é possível avistar a praça William Michaud, os balaústres que delimitam a praça no final do cais. Os coqueiros, exóticos, bonitos e encontrados apenas ali. Paisagismo encomendado. O casarão histórico, o Mercado, o bar do Nilo (Mercearia Rodriguez), e a Capela Bom Jesus dos Perdões ao alto (figuras 51, 52 e 53). Todos esses elementos em conjunto, são responsáveis pelo tom de historicidade, herança e cultura da paisagem. Ao fundo, como ponto focal o Morro do Quitumbê Florestado.

Na paisagem guaraqueçabana a relação centro-periferia se materializa com a diferença no padrão das construções próximas ao centro, de maior opulência. Na paisagem vista da baía fica nítida essa relação, nas extremidades do bairro do Cerquinho e nas extremidades do bairro do costão as casas são bem mais simples do que as próximas ao centro.

No Costão destaca-se a vista do Morro do Costão, se destacam os atributos de ordem, camadas e ponto focal (figura 54). O Morro é um ponto focal que se destaca e também tem função de delimitador assim como a baía. É possível se verificar as camadas, água, casas, vegetação arbórea, vegetação campestre. Com o desaparecimento das lavouras a cobertura arbórea apareceu novamente nas últimas décadas. A substituição das casas dos pescadores artesanais por casas de veraneios para turistas tem reflexo no padrão e estilo das residências, cada vez mais sofisticadas.



Figura 53. Praça e torre de comunicação como ponto focal. Autor: SOUZA, R.M. (jan. 2013).



Figura 54. Bairro do Costão no sopé do morro do Franco, vista do barco, próximo da Ponta da Rampa. Autor: SOUZA, R.M. (jan.2012).



Figura 55. Casas sobre a rocha no Costão. (jan.2012).



Figura 56. Pousada no Costão. (jan.2012).



Figura 57. Conjunto de casas no Costão. (jan.2012).



Figura 58. Casas associadas aos ranchos de guardar canoas. Autor: SOUZA, R.M. (jan.2012).



Figura 59. Ranchos e casas de pescadores. (jan.2012).



Figura 60. Porto no Barcelos. (jan.2012).

A paisagem do Costão, da parte inicial do bairro até a sua metade estabelece o seguinte padrão: mar, casas, muro do caminho, casas com varandas e morro florestado (figuras 55 e 56). A cerca de um quilômetro do centro histórico começam a aparecer à paisagem do Costão tradicional (figura 57), casas mais modestas, casas de madeira, ranchos para as canoas, boias na baía para amarrar as embarcações. Para olhares mais aguçados que consideram a cultura local, o Costão ainda é um dos redutos de pescadores tradicionais, onde é possível observar eles saindo e chegando com suas embarcações.

Mais para o final do bairro as casas adentram mais ao mar, com estruturas elevadas e com objetivo funcional, o rancho das canoas é um cômodo da casa, ou o porão e “garagem” (figuras 58 e 59).

Depois do bairro do Barcelos (figura 60) não há outro bairro a beira mar. Inicia-se a sequencia, mangue, restinga e floresta. Esta é a paisagem de Guaraqueçaba a partir da baía. Após o Barcelos há apenas o caminho que vai para o Retiro e encontra a PR 405, de onde é possível retornar para Guaraqueçaba num percurso de cinco quilômetros.

6.2.2 A baía a partir de Guaraqueçaba: Rua do Cerquinho, Rua e Passarela da Ponta do Morretes, Trilha do Quitembê, Caminho do Costão e Reta.



Figura 61. Estuário, barcos e pescadores. Varas e boias no canal são utilizadas nesse ponto para amarrar as embarcações. Autor: SOUZA, R, M. (jan. 2013).



Figura 62. Marina do Quito. Autor: SOUZA, R, M. (jan. 2013).



Figura 63. Canoa. Autor: SOUZA, R, M. (jan. 2013).

Fazemos a proposta desses caminhos e utilizaremos os nomes oficiais das ruas apenas como apoio. No final da rua do Cerquinho, no porto próximo à marina do Quito,

esse é um bom local para se iniciar um passeio para observar-se a paisagem de Guaraqueçaba a partir dos caminhos (figuras 61, 62 e 63). Passeios pelos caminhos cuidadosamente selecionados da cidade para conhecer-se e obter-se acesso ao patrimônio histórico-cultural e paisagístico (figura 64).

Do caminho do Cerquinho se tem uma visão ampla da baía de Guaraqueçaba. Na avenida Dr. Agrícola Fonseca, que optamos chama-la pelo nome mais conhecido “Rua do Cerquinho” uma rua sem asfalto, ideal para caminhadas em dias de sol. Pode-se ver o limite da baía com o mangue que se estende como uma “cerca viva” e avança até a Ilha das Peças. Na paisagem da baía a partir de Guaraqueçaba apresentam-se como elementos, o longo trapiche, os barcos amarrados, os ranchos, o capim do baixio, associado ao fluxo das embarcações de pescadores nas suas atividades, este é o cenário (figuras 65-70). De um lado o manguezal do Caitê e no outro extremo a Ponta do Mangue, no centro a baía e ao fundo os morros e as serras. Num dia de boa visibilidade é possível se avistar a Ilha das Cobras, já próxima a Paranaguá, e em outros trechos céu e mar. O que tem de relevante na paisagem do Cerquinho? O que se destaca são os resquícios da história, da tradição, da pesca artesanal, reconhecibilidade. Em poucas cidades do Paraná é possível verificar as canoas (embarcações construídas de um tronco só de árvore) guardadas nos ranchos. A reflexão se faz necessário nesse sentido porque os elementos da paisagem com valor cultural devem ser priorizados no ordenamento territorial. A cidade de hoje deve ajustar esses elementos, rendendo com isso, uma maior expressão para a paisagem da cidade. Esse laço com o passado é extremamente importante para a memória da população, para a beleza do lugar e para o turismo.

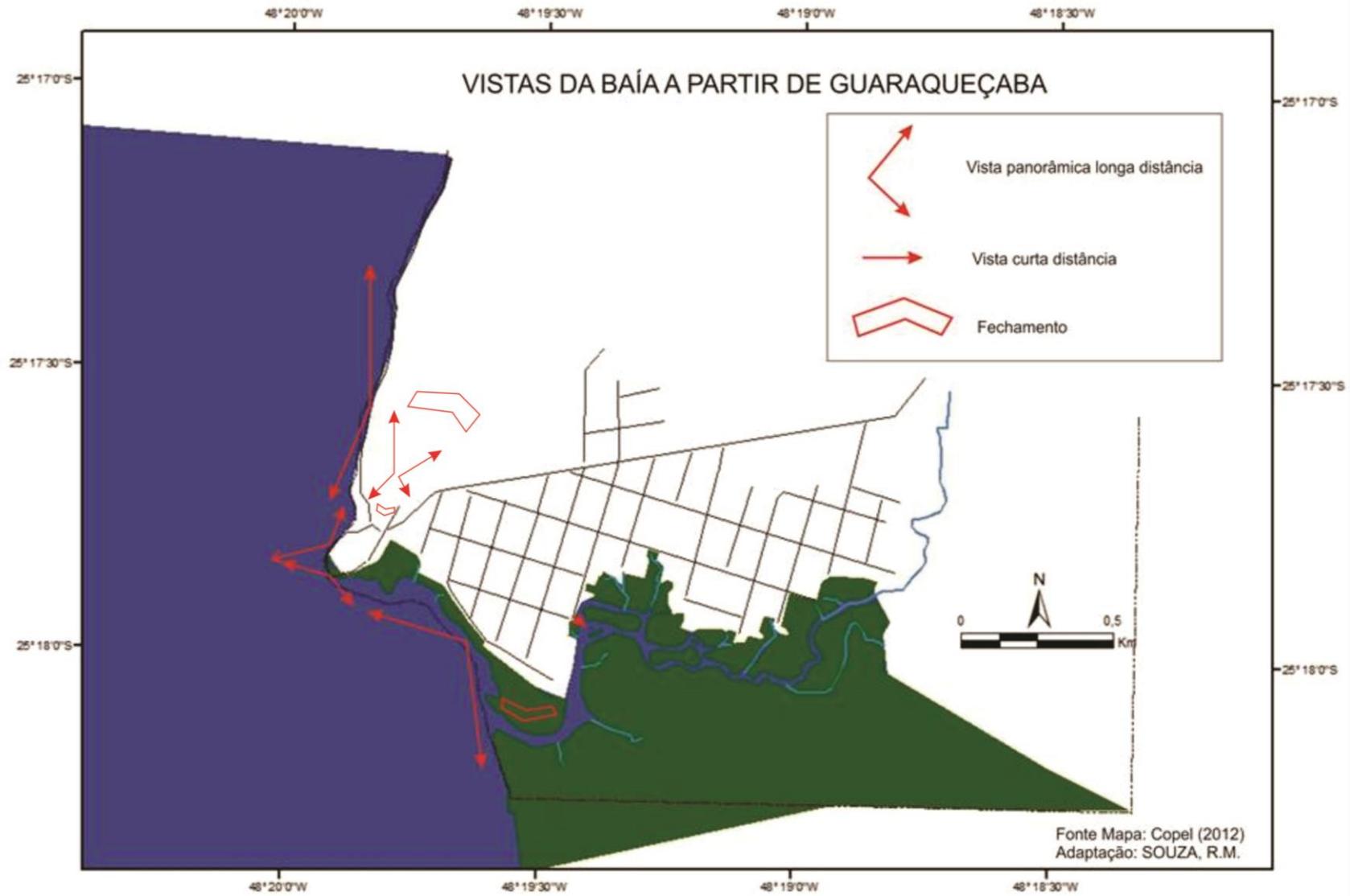


Figura 64. Vista de Guaraqueçaba para a baía.



Figura 65. Trapiche. Autor: SOUZA, R, M. (jan. 2013).



Figura 66. Torre de comunicação vista do trapiche. Autor: SOUZA, R, M. (jan. 2013).



Figura 67. Trapiche do Cerquinho. Autor: SOUZA, R. M. (jan. 2013).



Figura 68. Barcos e canoas. Autor: SOUZA, R. M. (jan. 2013).



Figura 69. Rancho. Autor: SOUZA, R, M. (jan. 2013).



Figura 70. Transporte escolar. Autor: SOUZA, R, M. (jan. 2013).

Ao lado da fábrica de palmito industrializado, atravessa-se o pátio da Extensão da PUC, e pode-se ver o reuso que foi dado ao antigo barracão da peixaria (figura 71). A seguir, do outro lado do terreno, inicia-se a rua Inácio Barbosa Pinto, segue-se até a praça em frente ao Colégio Marcílio Dias (figuras 72-80). Nessa praça está localizada uma das três fontes d'águas históricas da cidade, construída no estilo português.



Figura 71. Antiga peixaria, hoje sala de aula da PUC. Autor: SOUZA, R, M. (jan. 2013).



Figura 72. Barco guardado. Autor: SOUZA, R, M. (jan. 2013).



Figura 73. Rancho para barcos. Autor: SOUZA, R, M. (jan. 2013).

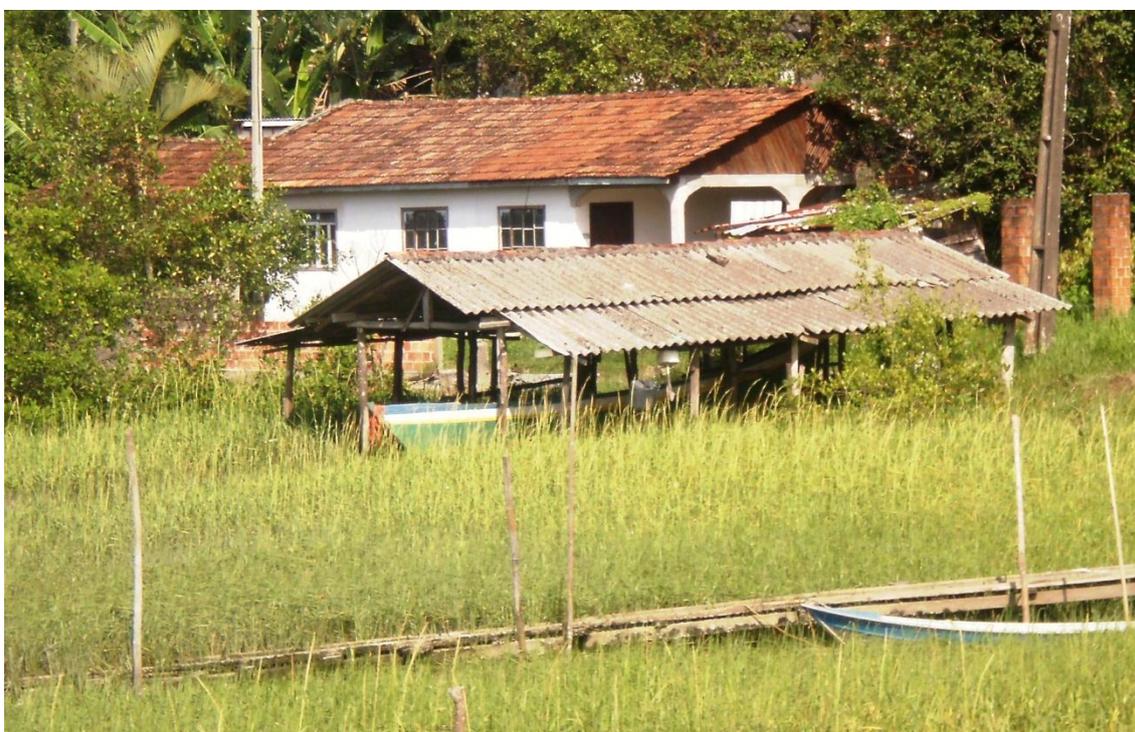


Figura 74. Residência e rancho. Nessa paisagem o rancho de guardar as canoas apresenta telhas de fibro cimento (Eternit), em substituição há cobertura de palha que se utilizava no passado contrastando com o telhado de barro da casa. As residências de alvenaria substituem aos poucos as casas de madeira. Autor: SOUZA, R, M. (jan. 2012).



Figura 75. Canoa guardada em casa. Autor: SOUZA, R, M. (jan. 2012).



Figura 76. Colégio Marçílio Dias e praça. Autor: SOUZA, R, M. (jan. 2013).



Figura 77. A paisagem ao Norte da cidade vista do centro, o Morro Grande. Autor: SOUZA, R.M. (jan. 2013).

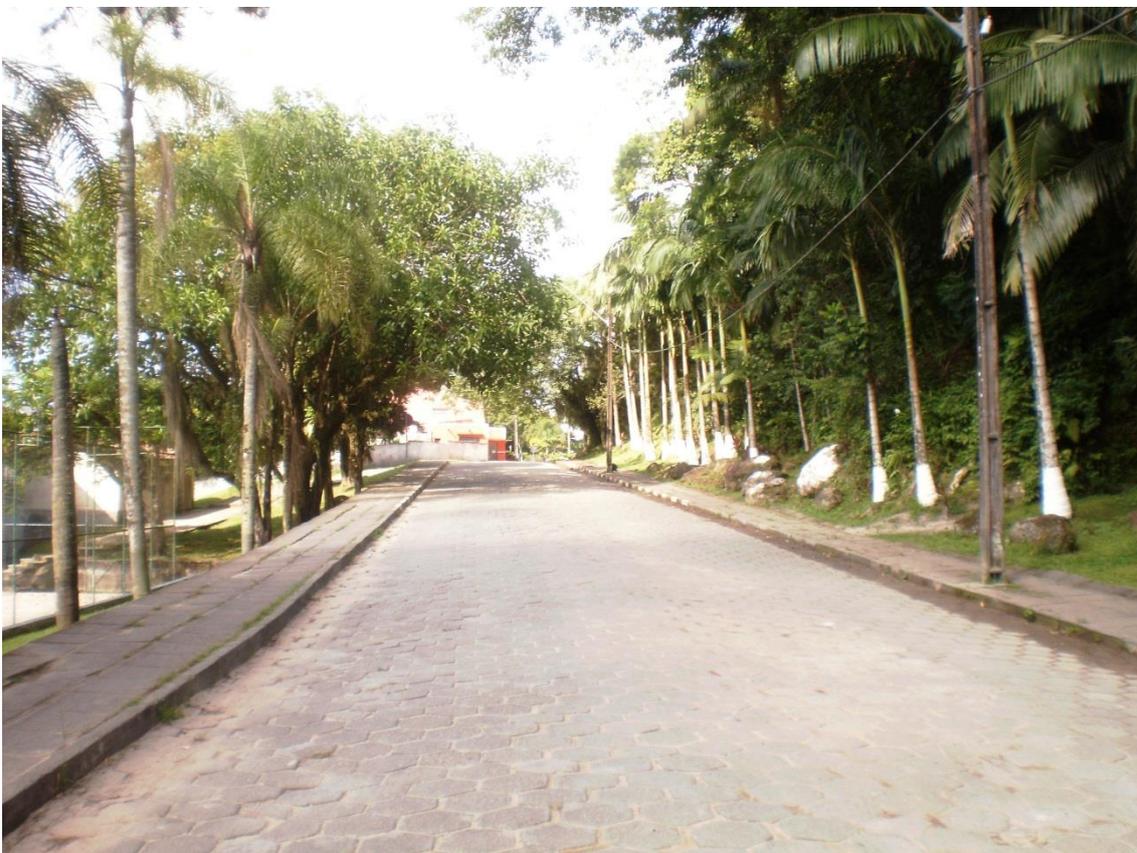


Figura 78. Rua e Palmeiras Reais. SOUZA, R, M. (jan. 2013).



Figura 79. Hospital Brigadeiro Eppinghaus. SOUZA, R, M. (jan. 2013).



Figura 80. Posto odontológico. SOUZA, R, M. (jan. 2013).

Ao subir a escada ao fundo do ginásio de esportes encontra-se a praça da rua XV de Novembro, dando-se continuidade com a rua Major Domingos Nascimento, em frente ao salão paroquial. Nessa praça há um busto do Padre Mário. Outro monumento curioso é o Relógio de Sol (figura 81). Monumento construído nos anos setenta por militares da FAB. Apesar de não possuir nenhuma beleza extravagante, posto sobre um modesto afloramento rochoso, é um elemento simbólico que remete ao conhecimento científico e cultural.



Figura 81. Relógio de Sol ao lado do salão paroquial. SOUZA, R. M. (jan. 2013).

Descendo a rua XV de Novembro que passa em frente ao Banco Itaú se observa um conjunto antigo de casas com reuso, onde funcionam farmácias, lanchonetes, e lojas (figuras 82 e 83), Capela e templo religioso (figuras 84 e 85).



Figura 82. Casa antiga. SOUZA, R. M. (jan. 2013).



Figura 83. Prefeitura. Autor: SOUZA, R. M. (jan. 2013).



Figura 84. Capela Bom Jesus dos Perdões. A capela católica estrategicamente situada no morro do Quitumbê para passar ideia de uma cidade no qual o catolicismo é presente e importante. SOUZA, R. M. (jan. 2013).



Figura 85. Templo Religioso. SOUZA, R. M. (jan. 2013).



Figura 86. Fundações antigas. SOUZA, R, M. (jan. 2013).



Figura 87. Passarela com vista para baía. SOUZA, R, M. (jan. 2013).



Figura 88. Falsa-Seringueira da Ponta do Morretes, “*Old Tree*”. SOUZA, R. M. (jan. 2013).



Figura 89. Vista da Ponta da Rampa a partir da Ponta do Morretes. SOUZA, R, M. (jan. 2013).



Figura 90. Quitumbê²³ visto da passarela da Ponta do Morretes. SOUZA, R, M. (jan. 2013).

²³ Quitumbê: o morro florestado em foco.

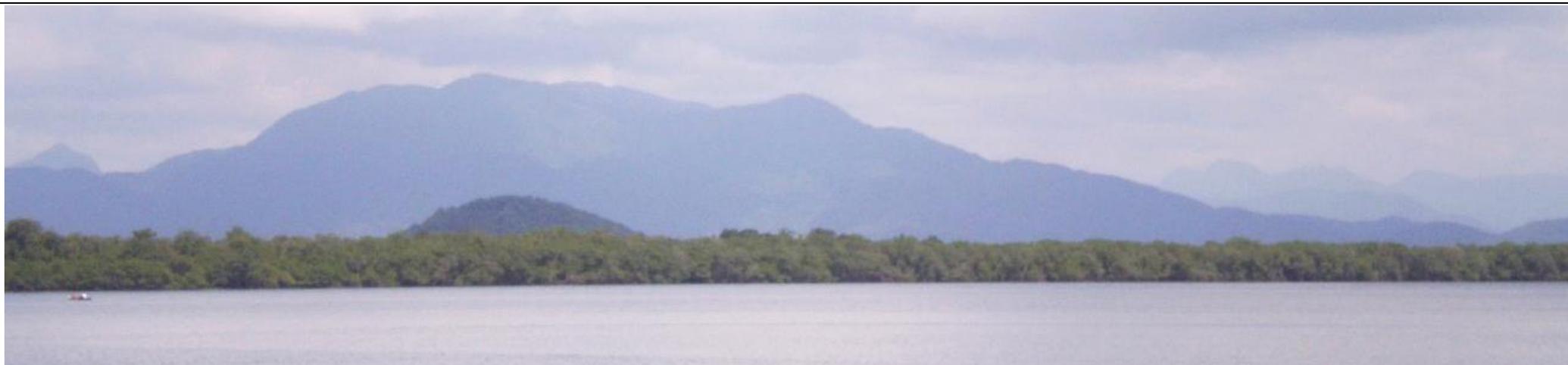


Figura 91. Morro do Itaqui. Autor: SOUZA, R.M. (jan. 2012)

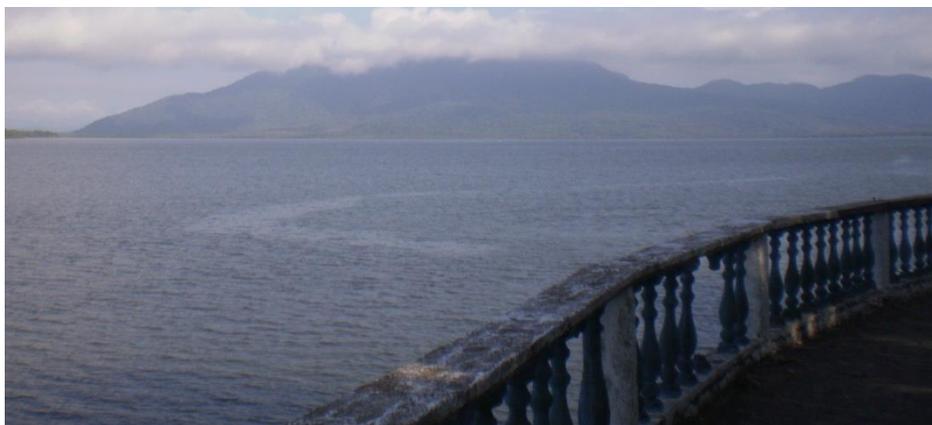


Figura 92. Passarela da Ponta do Morretes elemento de ordem da qual é possível se obter uma excelente vista da baía, dos manguezais e dos morros. Autor: SOUZA, R. M. (jan.2013).



Figura 93. O morro do Tromomo, imponente ponto focal. Devido ao seu tamanho e localização esse morro é visto desde a ponta do Morretes até ao final do Costão. Autor: SOUZA, R.M. (jan. 2013).



Figura 94. Barco “de carreira”. Autor: SOUZA, R, M. (jan. 2013).



Figura 95. Flutuante do posto. Autor: SOUZA, R. M. (jan. 2013).



Figura 96. Barco de carreira no flutuante da rampa. A ponta da Rampa é o atracadouro principal. Autor: SOUZA, R. M. (jan. 2013).

Na paisagem vista da Ponta do Morretes se destacam os detalhes árvores e resquícios históricos, nas panorâmicas o mar em conjunto com o mangue e as serras. Nessa visão os elementos humanos aparecem também como fluxos: pescadores artesanais em várias modalidades (tarrafeando camarão, conferindo o espinhel, dando lances de redes). Além disso, ocorre movimento de embarcações devido à pesca esportiva, grupos em passeios de barcos, moradores das ilhas, o barco que faz a linha, canoas, barcos de alumínio, lanchas de turismo. Depois da Ponta do Morretes, na Praça Michaud, por causa do recuo, a visão é mais limitada que na Ponta do Morretes (figuras 86-96).

A paisagem vista do caminho do Costão (Rua Ramos Figueira), revestida com blocos (*bloket*) de concreto sextavado, apresentando rotineiramente irregularidades no nivelamento em alguns pontos devido à infiltração d'água. Rua estreita, para ultrapassagem deve haver perícia do motorista e escolher bem o local. Para a observação da paisagem, há muitos trechos com visão aberta e, em alguns poucos, fechados pela vegetação, pelas construções ou pelo relevo. Grotões onde se vê os ranchos para as canoas encaixados, de difícil acesso e prainhas lamacentas, com rochas residuais, onde se pode observar em conjunto cultura e natureza (figuras 97 e 98). A declividade se acentua em alguns espaços (entre dez graus a quarenta e cinco graus). A ocupação se adensa no entorno do caminho (figuras 106-110). Na beira do caminho, pescadores consertam suas redes (figura 111).



Figura 97. Barcos na prainha com maré baixa. Autor: SOUZA, R. M. (jan. 2013).



Figura 98. Porto no Bairro do costão com a maré baixa. Ao fundo os Morros de Serra Negra e o manguezal na entrada para o Rio das Canoas. Autor: SOUZA, R, M. (jan. 2012).

A Pedra Grande se destaca na avaliação como ponto estratégico para se obter uma boa visão do entorno. Desse ponto, os elementos de ordem são: a baía, o manguezal e o relevo são os elementos mais significativos na composição do “visual”. A noção de camadas, originalidade e reconhecibilidade se destacam também num nível intermediário em nossa avaliação.

A baía vista do alto do morro do Quitumbê na Pedra Grande (figura 99) também reserva um belo cenário. Para se chegar a Pedra Grande pela trilha do Quitumbê, seu início, é na rua XV de novembro nos fundos da Capela Bom Jesus dos Perdões. Sobre a velha caixa d’água atrás da igreja é possível obter uma panorâmica da parte norte da cidade, tendo ao fundo como ponto focal o Morro Grande e a transição contrastante entre as construções urbanas e o manguezal. Deste local a visão, a partir da trilha do Quitumbê, torna-se recoberta pela floresta. Uma antiga infraestrutura de degraus de madeira com apoio de concreto tornou-se um perigo para os desatentos se machucarem. A caminhada é rústica, porém leve, até aproximar-se da Pedra Grande, onde a trilha ganha maior declividade por cem metros. O visual lá de cima compensa o esforço. O bairro do Cerquinho não é possível ser visualizado da Pedra Grande de modo integral, apenas alguns telhados, mas se tem uma boa visão da baía, dos manguezais, das ilhas, etc. A aparente “cerca” da baía formada pelo manguezal ganha profundidade com recortes e canais. Em dias de boa visibilidade ao fundo se consegue enxergar o morro do Superagui.

Observando-se a porção sul visível da Pedra Grande, pode-se avistar o morro do Tromomo em conjunto com outros morros, a baía e o manguezal. No sopé do morro está localizada uma comunidade de pescadores artesanais e pequenos agricultores, o Tromomo, por isso, morro do Tromomo ou em outras palavras, morro de identificação dessa comunidade. O lugarejo não é possível de ser enxergado da Pedra Grande.

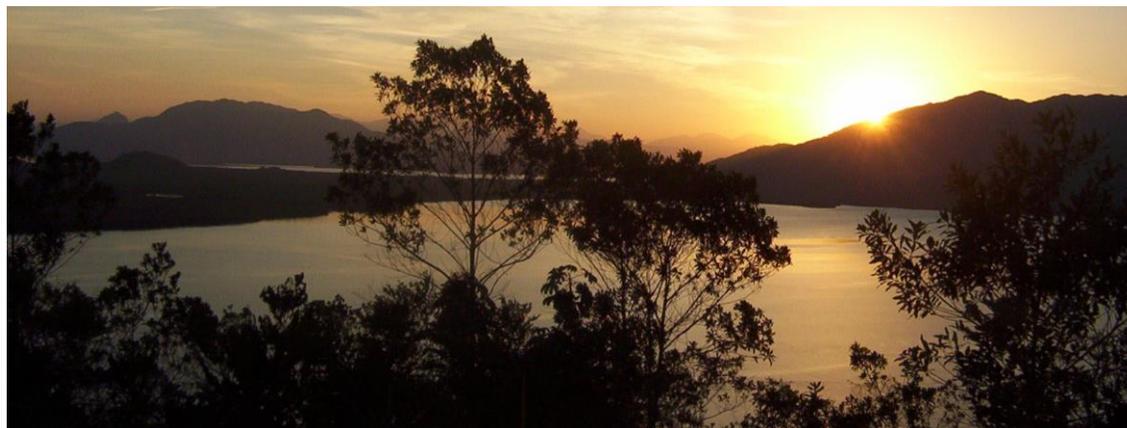


Figura 99. Vista da “Ponta do Mangue” e Ilha Rasa ao sul e Caeté ao norte, a partir da Pedra Grande. Autor: SOUZA, R. M. (jan. 2013).



Figura 100. Prédio da antiga prefeitura com as águias prateadas. SOUZA, R, M. (jan. 2013).

A parte mais antiga da cidade está no sopé do Quitumbê. Qualquer planejamento urbano deve levar em consideração esse morro, definidor do traçado da cidade. As camadas representadas na fotografia em conjunto: baía, patrimônio histórico e Morro do Quitumbê florestados representam variadas cores e texturas associadas a distancia são elementos de profundidade na visão panorâmica. Guarapuças é o tipo de cidade que foi construída no momento histórico da colonização para ser vista da baía. O prédio da antiga prefeitura figura entre os elementos de originalidade, que dão identidade a cidade (figura 100).

A Praça William Michaud (figuras 101, 102) é linda e sempre sujeita a inúmeras reformas, com modificações radicais. Em algum momento irão se preocupar com a identidade da praça? Difícil de responder. Até mesmo o monumento aos Guarás não fora poupado nas reformas, assim como o coreto e os banheiros públicos.

A Rua Paula Miranda, que percorre a praça é singular. Construções históricas mescladas com construções funcionais, hotéis, mercados, repartições públicas, lojas, bares e restaurantes (103). Local de vista privilegiada da praça em conjunto com a baía. Alguns detalhes esquecidos que poderiam ser mais bem valorizados. Refiro-me as fachadas e o desprezo pela fonte d'água antiga. Um mural explicativo, um cartaz mostrando a profundidade de tempo. O centro histórico carece de maior valorização afinal de contas é um atrativo turístico que poderia ser mais bem explorado (104 e 105).



Figura 101. Descida para a Praça William Michaud. SOUZA, R. M. (jan. 2013).



Figura 102. Praça William Michaud. SOUZA, R. M. (jan. 2013).



Figura 103. Cobertura das calçadas, funcionalidade. SOUZA, R. M. (jan. 2013).



Figura 104. Entrada para o Bairro do Costão. SOUZA, R, M. (jan. 2013).



Figura 105. Na Vila, destaca-se o deque em frente ao Mercado ao lado da varanda da pousada Guaraqueçaba com balaústres. SOUZA, R, M. (jan. 2013).



Figura 106. Casa de madeira em terreno alto. Autor: SOUZA, R. M. (jan. 2013).



Figura 107. Casa palafita à beira mar. Autor: SOUZA, R. M. (jan. 2012)



Figura 108. O barco que faz a linha Guaraqueçaba-Paranaguá encostado na praia, no Costão, durante a maré baixa. Autor: SOUZA, R. M. (jan. 2013)



Figura 109. "Garagem" para embarcações, num puxado da moradia. Autor: SOUZA, R. M. (jan. 2012).



Figura 110. Caminho do Costão antes do Barcelos. Autor: SOUZA, R. M. (jan. 2012).



Figura 111. Pescadores fazendo redes de pesca no Costão. Autor: SOUZA, R. M. (jan. 2012).



Figura 112. Antigo depósito de lixo do Retiro. Autor. SOUZA, R.M. (jan. 2013).



Figura 113. Conjunto de moradias próximas ao sopé do morro. Autor; SOUZA, R. M. (jan. 2013).

A Reta, área que na verdade é “o fundo” da cidade de Guaraqueçaba, uma vez que a frente é sempre a rua voltada para o mar (figura 112 e 113). O Morro Grande é um ponto focal, uma das marcas da topografia local, uma vez que a cidade é rodeada de morros. Na interpretação da paisagem cultural considera-se que alguns elementos da paisagem têm significado para os habitantes. Tratam-se de ícones com acepção referente à cultura. Na Reta localiza-se o Ribeirão da Reta, que na verdade é o mesmo rio da Ponte de Ferro. Esse ribeirão poderia ser utilizado como ponto de recreação, para banho de rio e contato com a natureza.

7. A PAISAGEM CULTURAL E CÊNICA DE GUARAQUEÇABA REPRESENTADA

7.1 VALORIZAÇÃO E CONSTRUÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL

A paisagem de Guaraqueçaba representada em livros, telas e desenhos apresenta elementos do caráter. Esses elementos, devido a sua beleza cênica se repetem nas representações de artistas, escritores, fotógrafos. É o caso do Morro do Tromomo, da vista a partir da Pedra Grande a partir da Ponta do Morretes, dos casarios. A PR-405 em sua dimensão ambiental e cultural possui variadas paisagens cênicas. São elementos que fazem Guaraqueçaba ser reconhecível. Constituem-se em ícones de seu caráter paisagístico.

Em toda a tese consideramos importante realizar o inventário dos elementos de caracterização dessas paisagens. São atrativos e pode ser melhor explorado pelo turismo, para educação, lazer da população local e de visitantes. Por exemplo, como sugere o professor Yamaki (2008b) a relevância de se propor itinerários esta no fato de se estabelecerem alternativas de passeios turísticos e valorização do patrimônio histórico-cultural e ambiental. Dentro de um ordenamento territorial, levando-se em consideração a manutenção e exploração das paisagens. Esses passeios são interessantes à medida que se criam opções, valoriza-se e integra-se o patrimônio cultural. Muitas vezes, alguns elementos que passam despercebidos aos “olhos” não treinados. Para isso é importante se criar a consciência de respeito pelos residentes e pelo patrimônio. Segundo ressalta “a interferência mínima no cotidiano dos moradores, a não depredação de estruturas históricas e sítios naturais é essencial à continuidade, preservação e construção do patrimônio cultural” (YAMAKI, 2008b, p. 90).

7.2 OS LIVROS

7.2.1 Duas obras ressaltando-se sociedade, natureza e a paisagem

Dois livros que retratam a sociedade e a natureza no município de Guaraqueçaba: “Guaraqueçaba Mar e Mato” de Alvar e Avar (1979) e “Guaraqueçaba Passado, Presente e Futuro: de Von Behr (1997). Retratam o aspecto cultural e ambiental presentes na paisagem.

Desde o início da colonização portuguesa, o que se desenvolveu como atividade econômica foram à pesca e as lavouras de subsistência. Houveram outras atividades como o garimpo de ouro, a industrialização do palmito, a indústria madeireira e as fazendas agropecuárias. Porém, o que caracteriza mesmo a cultura local é a pesca artesanal e a agricultura de subsistência e, mais recentemente, a atividade turística e um artesanato característico. Alvar e Alvar (1979) colocam em síntese no título de sua obra etnográfica: “Guaraqueçaba Mar e Mato”. Porque seus estudos se dividem em dois espaços com paisagens distintas que, unidas, dão formato ao lugar. As comunidades localizadas nos estuários e ilhas (Ilha Rasa, Ilha das Peças, Superagüi, etc.) e as comunidades que vivem na Floresta Atlântica, ao longo da PR-405 ou mais isolada (Pedra Chata, Batuva, Morato, etc.). Essa obra escrita há quarenta anos caracteriza naquele momento histórico, o arcabouço cultural decorrido do isolamento. O livro conta com poucas fotografias e um volume somente de desenhos. O que se desta são as descrições da paisagem cultural. A reprodução de alguns trechos dessa obra deixa explícita esta fase da história paisagística. Por exemplo, na caracterização da área, destacando os elementos naturais mais significativos na paisagem, serras, vegetação e rios, bem como a inserção do homem numa sociedade que naquelas circunstâncias mantinham uma relação estreita e harmônica com a natureza. Indicam também sinais de mudanças eminentes com a construção da PR-405, as modificações no modo de trabalho tradicional, como por exemplo, a crescente utilização de canoas a motor e o fim do isolamento.

O município de Guaraqueçaba, banhada pelas águas do Oceano Atlântico e de inúmeros canais e rios, encontra-se a sombra de uma densa vegetação tropical, por no qual perambulam, a pé ou em canoas, estes homens que vivem em plena natureza... Um dos maiores rios do litoral é o rio Guaraqueçaba, que nasce na Serra do Cadeado, dando nome ao pequeno estuário no qual verte sua água, e está rodeado pela ponta dos Moleques, Morro Grande, Tromomo e pelas ilhas de Paviça e Pontal, com a ponta de Guaraqueçaba (ALVAR e ALVAR, 1979, p. 05).

Identifica o início de grandes problemas, como por exemplo, o aumento no financiamento de motores para embarcações, o aumento na intensidade da pesca e a previsível escassez do pescado, as mudanças nos instrumentos de pesca artesanal em razão da introdução de material plástico.

Talvez tivéssemos chegado ao principio do fim, pois os últimos acontecimentos de Guaraqueçaba o evidenciam. O gerente do Banco do Brasil, em Antonina, está tentando vender motores a crédito aos

moradores da baía. As pessoas quase fazem fila diante do Hotel Parati. Ele se propôs vender, em um ano, cerca de dois mil. São motores de 10 cavalos. Isto sem dúvida mudará a vida e a fisionomia do litoral. Guaraqueçaba é isto e muito mais. Todo um mundo que vive e morre, com sua felicidade e suas tristezas. Todo um mundo ignorado que não conta. Doze mil pessoas que não são nada no contexto econômico do Brasil, pois o que interessa são os dois mil metros quadrados de solo e as riquezas que contem; o que interessa é seu mar e o seu mato (ALVAR e ALVAR, 1979, p.43).

Identificam as mazelas na indústria do palmito, a exploração do trabalhador e a característica insustentável dessa atividade. Apresentam alguns traços gerais que caracterizam as transformações culturais pela qual essa paisagem passava. A paisagem referente à cultura, evidência da relação entre os moradores e o meio natural, deste modo às mudanças culturais alteram essa relação de forma nociva.

Atualmente as mudanças continuam, o pescador artesanal está desaparecendo. Isso se reflete na paisagem. As canoas artesanais estão desaparecendo e juntamente os ranchos a beira da baía no qual se guardavam esse transporte, assim como os instrumentos de pesca (redes, espinhel, tarrafas, etc.). As embarcações a motor, os barcos maiores necessitam de cais e trapiches, como o flutuante na Rampa e o trapiche do Cerquinho, instrumentos casa vez mais presentes.

A Paisagem de Guaraqueçaba também está retratada de forma sintética e com uso de fotografias no trabalho de Miguel Von Behr (1997) intitulado “Guaraqueçaba: passado, presente e futuro”. Baseado em Alvar e Alvar (1979), para explicar o passado, Von Behr ressalta a criação das áreas de preservação e a importância da paisagem, da natureza e do homem por meio de fotografias, como por exemplo, as farinheiras.

Em nossa pesquisa identificou-se a diminuição da pequena lavoura associada à fábrica de farinha artesanal, o que se torna uma mudança cultural da paisagem. A farinha branca, feita de mandioca, tradicional ingrediente no “pirão” de peixe é difícil de ser encontrada. Existem alguns resquícios de produção embora, de forma muito discreta. Isso porque, em razão às mudanças nas exigências sanitárias, não é mais permitido a produção nas “casas de farinhas”. Essas instalações consistiam de um rancho, semelhante ao de guardar embarcações, coberto de palha de palmeira, com apenas quatro pés diretos. Uma roda para ralar a mandioca, um tipiti (cesto) e prensa para se retirar a goma da mandioca. Em baixo da roda de ralar ficava uma canoa (geralmente velha), no qual era despejada a mandioca ralada. O forno construído de

argila, que também foi proibido à extração (substituída por cimento), com uma tampa de cobre, no qual a farinha era assada.

Atualmente a casa de farinha deve ser de alvenaria com paredes de azulejos e instalações padronizadas, o que torna caro para a realidade local e inviabiliza o negócio. Deste modo, a maneira tradicional de se fazer farinha tem sido marginalizada e conseqüentemente cada vez mais difícil de encontrar, resultando na escassez do produto. O que se encontra é a farinha industrializada provinda de outras regiões. Produtos e serviços com identidade cultural ou territorial são objetos de estudo para quem pensa o desenvolvimento territorial, sob uma perspectiva endógena, na qual se busca valorizar as potencialidades locais.

Existem outros trabalhos que retratam a paisagem e a cultura do litoral paranaense e de Guaraqueçaba podendo citar: Diagnóstico da APA de Guaraqueçaba, IPARDES (1995), A Serra do Mar e a Porção Oriental do Estado do Paraná Bigarella (1978), Diagnóstico Socioeconômico e Cultural da APA de Guaraqueçaba, IBAMA (2005), entre outro. No entanto, essas duas obras de Alvar e Alvar (1979) e Von Behr (1997) se destacam na descrição da paisagem cultural específica do município e da cidade de Guaraqueçaba.

7.3 A “ALMA” DO LUGAR: PRODUTOS, TELAS E DESENHOS

7.3.1 Produtos com identidade cultural

Lugares com forte identidade cultural são prazerosos de conhecer. No Brasil, dos locais em que ocorre a valorização de produtos locais, podem ser citados como exemplo, o Vale dos Vinhedos no Rio Grande do Sul. Com forte organização turística em torno da produção de vinhos, da paisagem cultural, da gastronomia e da cultural dos imigrantes. Outra é a região dos Cerrados de Machado, em Poço Fundo de Minas Gerais, onde o café orgânico se destaca como elemento de identidade territorial. De um lado *commodities* e de outro o saber tradicional cultural.

Em Guaraqueçaba são exemplos de produtos com identidade territorial a Cataia²⁴, o mel de abelhas nativas, a farinha de mandioca. Como serviços com

²⁴ A Cataia é uma planta rica em eugenol, uma substância antiséptica e anestésica muito usada na fabricação de pastas de dente. O nome cataia em tupi-guarani significa “folha que queima” e também pode ser chamada de: acataia, pimenta-d’água (Pernambuco), capiçoba (Alagoas), capetiçoba, erva-de-

identidade cultural existem grupos folclóricos de Fandango, por exemplo Bonifrates, Igrejas, Casarios, símbolos e paisagens que identificam o território.

Seguindo a proposta levantada por Denardin e Sulzbach (2010) para os produtos com identidade territorial do Litoral do Paraná, entende-se que, a valorização dos recursos específicos pode possibilitar ao território uma renda de qualidade territorial. A técnica artesanal de farinha de mandioca (figura 114), recurso único e não transferível é um elemento de identidade territorial local.

As farinheiras do Litoral do Paraná produzem produtos sem agrotóxicos, com amido, o que a diferencia das farinhas industrializadas sem amido. As estratégias para dinamizar ou potencializar produtos com identidade territorial seriam a certificação da origem do produto e a identidade geográfica. A qualidade territorial pode ser ampliada por meio de uma cesta de bens, incluindo derivações como biju, bolos, cuscuz, enfim outros produtos feitos com a farinha do Litoral do Paraná.



Figura 114. Farinha produzida em Potinga e comercializada na região. Autor: SOUZA, R.M. 08 jul. 2014.

O desenvolvimento territorial deve revelar recursos inéditos. Deste modo produzir renda territorial. Para isso é fundamental a organização endógena da governança local, da comunidade como cooperativas e associações. A distribuição não

bicho, pimenta-do-brejo, Pimenta pseudocaryophyllus (nome científico). A bebida depois de pronta tem teor alcoólico variando entre 20% e 40% e sua infusão na cachaça é capaz de transformar a pinga em um líquido de cor amarelada e gosto muito agradável.

apenas local mais sua relação com o exógeno. Não dependeria de grandes empresas. O desenvolvimento territorial com inclusão social, por meio de associações e pequenas cooperativas.

Pontos importantes na gestão do território é a preservação do Meio Ambiente, a valorização das identidades locais, a produção de alimentos saudáveis, realização de atividades em parceria e redes sociais locais e o pequeno comércio local.

O desafio das estratégias de desenvolvimento territorial consiste em se apropriar de recursos específicos e buscar o que constitui o potencial identificável de um território. Os recursos específicos, o território nessa perspectiva é uma unidade ativa de desenvolvimento que possui recursos específicos, únicos, e não transferíveis de uma região para outra.

O território passa a ser visto e compreendido como a nova unidade de referência e mediação nas ações do Estado. O enfoque no desenvolvimento territorial torna-se um modo de ação que valoriza os atributos políticos e culturais das comunidades e dos atores sociais ali existentes. Governança local e participação social tornam-se atributos do desenvolvimento territorial.

Haesbaert (2002) considera o território um conceito múltiplo. Apresenta a perspectiva materialista e idealista. Deste modo o território como símbolo da materialidade. O território seria um produto do movimento combinado de territorialização e desterritorialização do espaço, isto é, de relações de poder construídas no e pelo espaço (dominação e concreta) e apropriação (simbólica). Por fim, o território é identificado pelos seus produtos, pela cultura de seus moradores e pelas paisagens. Desse modo nosso trabalho se associa a essa corrente de desenvolvimento sustentável uma vez que a personalidade de Guaraqueçaba está também representada no caráter essencial e exclusivo de suas paisagens.

7.3.2 Gastronomia Guaraqueçabana

A culinária guaraqueçabana seguindo as características da cultura brasileira, de modo geral, resulta do cruzamento das influências culturais de todos os povos que aqui chegaram ou dos que aqui já habitavam. Quais são os pratos típicos guaraqueçabanos? Ao contrário das chamadas publicitárias recorrentes sobre a gastronomia do Litoral do Paraná não se encontra barreado em Guaraqueçaba. O barreado é um mito. Nenhum restaurante, nem mercearia, nem mesmo lanchonete apresenta propaganda do tipo “aqui

servimos barreado”. Não é costume dos moradores locais prepararem ou se alimentarem desse prato. Nos menus dos restaurantes não são encontrados. A influência portuguesa mesclada com a tradição indígena está mais presente nos cozidos e nos ensopados de peixe.

A culinária guaraqueçabana é pouco conhecida e difundida mesmo no Litoral Paranaense. Na terceira edição do Festival Gastronômico intitulado “Sabores do Litoral (2014)” não consta pratos típicos de Guaraqueçaba. Apenas Morretes, Antonina, Pontal do Paraná, Matinhos, Guaratuba e Paranaguá participaram. O fato de um dos principais promotores e patrocinadores do evento ser a companhia concessionária que administra as vias pedagiadas pode influenciar no fato de Guaraqueçaba ficar de fora desse evento? Difícil de se afirmar que sim, mas fato é que a segregação espacial e esquecimento existe até mesmo na dimensão gastronômica. A estrada sem asfalto para Guaraqueçaba também nesse sentido funciona como um agente de isolamento, nesse caso negativo.

Não deveria ser deste modo, porque a vocação regional é turística. Dentre os atrativos que Guaraqueçaba oferece conjugada a uma paisagem singular e complexa, apresenta características culturais (representadas pelo fandango e artesanato) e gastronômicas que surpreendem pelo regionalismo e peculiaridade marcantes. A gastronomia é típica de litoral, deliciosos pratos, com temperos combinados a ingredientes produzidos no próprio local. No cardápio dos estabelecimentos se encontram: peixe fresco típicos do estuário (arraia, badejo, bagre, cação, calafate, corvina, linguado, pescadinha, parati, paru, robalo, salteira, sardinha, tainha, entre outras espécies). Ostra, tainha recheada assada, bolinho de camarão e camarão ao molho, casquinha de siri, mariscos (bacucu e sururu) ameijoas (molusco acéfalo comestível). Bagre assado, como o já esquecido “filha da puta” permitido de se comer, mas não permitido de se falar. Trata-se de um Pararê (bagre amarelo e grande) que se faz uma farofa com os seus miúdos e se recheia o peixe, depois se enrola numa folha de bananeira e assa-se na chapa do fogão a lenha ou direto na brasa. Boqueca de bagre, o nome deriva de “moqueca”. A famosa e deliciosa boqueca feita de ovas de bagrinho amarelo com farinha de mandioca braba junto com especiarias desapareceram do cardápio junto com os pescadores de cardumes de bagrinho amarelo.

Somam-se aos produtos com identidade territorial já mostrados, outros como a geléia de banana orgânica (caturra, cinza, figo, maçã, maranhão, nanica, nanição, ouro, pacoba, terra, velhaca), indaiá, tucum, brejaúva, inhame, cará. Mel de abelhas nativas

(uruçu, amarela, tubuna, mirin, mandaçaia, jataí), própolis, pães, bolos e biscoitos e palmito de pupunha ou palmeira real. Produtos que tem atraído a atenção até mesmo da alta gastronomia de fora, interessada em produtos exóticos e inovadores. Além disso, tudo, de influência indígena na gastronomia, o conhecimento das frutas e raízes nativas, o preparo do milho e da mandioca na confecção das farinhas, do cuscuz, pamonhas e bijus, na pesca e na caça com a carne "moqueada" que é assada em buracos aquecidos. A culinária guaraqueçabana sempre surpreende e pode ser encontrada nos bares e restaurantes locais (figura 115).



Figura 115. No detalhe, tipo de placa para pedestres. A tradicional Merceria Rodrigues é um bar e restaurante situado na entrada para o bairro do Costão. Uma opção gastronômica é a carne de siri, além da decoração com inspiração tradicional. Autor: SOUZA, R.M. (jan. 2013).

Utilizar estes produtos cultivados de forma orgânica, recolhidos da floresta de forma sustentada, é uma forma de aumentar o préstimo de uma atividade econômica benéfica à preservação dinâmica da paisagem. Paisagem essa que tem grande relevância tanto natural como cultural. O envolvimento dos moradores locais é extremamente importante. Desenvolver atividades que causam o menor impacto negativo ao meio ambiente e contribuem com a preservação das paisagens. Esse é um caminho capaz de

substituir atividades econômicas convencionais, que acabam por acelerar a degradação da natureza.

A vocação turística, associada à preservação da natureza, ainda carece de ideias eficientes que dê melhores condições para sua população e, ao mesmo tempo, mantenha protegido seu patrimônio natural e histórico-cultural. Por exemplo, do cultivo de ostras nativas que ocorre na localidade de Ilha Rasa. Seguindo os critérios da Vigilância Sanitária, agrega-se valor ao produto. Fato que reflete na melhoria na qualidade de vida das famílias envolvidas e na preservação da paisagem dos manguezais.

Para alimentação, a coleta do siri²⁵ ocorre durante o ano todo. É pego nas redes (ocasionalmente) ou na pesca realizada com “puçás” própria para o siri. O caranguejo²⁶ não é extraído o ano todo como em outras áreas da costa atlântica. Por causa das leis ambientais, é proibido retirar o caranguejo quando ele está enterrado no mangue. A população coleta apenas durante o período do acasalamento o que em Guaraqueçaba é permitido, mas apenas caranguejos machos. Deste modo não é sempre que se encontra essa iguaria.

7.3.3 Artesanato

A persistência dos artesãos locais, a junção em uma cooperativa²⁷, somadas a recente ação do Programa do Voluntariado Paranaense (Provopar²⁸) para a região de Guaraqueçaba, buscam capacitar a população residente para produzir artesanato de qualidade, voltado ao mercado do turismo. Para o COLIT - Conselho de Desenvolvimento Territorial do Litoral Paranaense, um conjunto de iniciativas seria necessário para preparar Guaraqueçaba e as Vilas na estrada de acesso, de forma a poder aproveitar um incremento da visitação como real oportunidade de aumento de renda, sem destruição da natureza. “É possível porem, levantarmos os condicionantes

25 O siri-azul (*Callinectes sapidus*), siri-tinga ou simplesmente siri, em seu nome científico, calli é grego para "bonito", nectes para "nadador", e sapidus é latim para "saboroso".

26 O caranguejo, conhecido como caranguejo-uçá, é um dos mais importantes constituintes da fauna do ecossistema de manguezal. O período de reprodução ocorre de dezembro a março, podendo ser limitado em apenas três meses. Nessa época, os caranguejos saem das tocas para o acasalamento, e a esse fenômeno dá-se o nome de “andada” ou “andar”.

27 Cooperativa dos Artesãos de Guaraqueçaba.

28 O Programa do Voluntariado Paranaense (Provopar) é um programa de voluntários instituído pelo governo paranaense em 15 de abril de 1980, durante a gestão Ney Braga, para treinar, mobilizar e apoiar voluntários que atuariam em áreas sociais.

necessários para implantar um projeto, que buscasse a possibilidade de melhoria de acesso, concomitante com o respeito ao ambiente e ao resgate social” (COLIT, 2013)..

A Casa do Artesanato, sede da Cooperativa dos Artesãos de Guaraqueçaba é um local que funciona para vendas dos produtos fabricados pela cooperativa de artesãos de Guaraqueçaba (figura 116). Em visita, um fato que nos chamou a atenção foi a quantidade de telas sobre a paisagem de Guaraqueçaba. Destacamos as pinturas de Ida Welker Alves, uma professora aposentada que se dedica à sua pequena pousada, as pinturas e ao artesanato. As telas e desenhos se destacam na representação da natureza e da cultura local.



Figura 116. Artesanato local. Autor: SOUZA, R. M. (jan. 2013).

7.3.4 A experiência visual do mundo terrestre de Brueghel e a paisagem das telas de Guaraqueçaba

As paisagens cênicas são amplamente exploradas pelos pintores. Um certo apuro no olhar é importante para compreender os contrastes, as preferências e complexidades.

O essencial no trabalho do artista é “identificar e reconhecer a paisagem cultural como patrimônio, na definição da identidade e caráter da cidade”. (YAMAKI, 2008b, p.10).

Besse (2006) realiza um ensaio sobre seis tipos de paisagens. E uma delas é a paisagem do pintor. Ele analisa as paisagens de Brueghel que falam do mundo humano na riqueza dos seus detalhes corográficos e topográficos: cidades, aldeias, castelos, rios, montanhas, florestas, campos cultivados, pássaros, mas também na diversidade dos modos de utilização do espaço terrestre pelo ser humano: rebanhos guardados por pastores, semeador no campo arado, navios de diferentes tamanhos, carroças puxadas por cavalos, camponeses, mercadores, soldados e peregrinos são distribuídos na sucessão rigorosa dos planos do panorama diante do qual o espectador está situado. Pensando nessa perspectiva problematizamos? E os pintores da paisagem de Guaraqueçaba o que retratam? Retrata a paisagem Cultural, os elementos presentes no dia-a-dia, os elementos naturais, as paisagens cênicas de Guaraqueçaba. As paisagens que os turistas querem “comprar” (pelo menos as suas representações em telas). Na entrevista com a pintora Ida W. Alves descobriu-se que suas telas são feitas a partir de fotografias. Ela se interessa por paisagens naturais, cenários e lugares belos.

Qual a importância dessas telas para o estudo da paisagem cultural? Pela reunião destes objetos sob o olhar, a paisagem se faz imagem do mundo, experiência visual do mundo terrestre. “O mundo, mas também as diversas atividades humanas, bem como os tipos de investimentos no espaço terrestre que as exprimem (o comércio, a agricultura, a guerra), se desdobram enciclopedicamente sob nossos olhos” (BESSE, 2006, p. 31).

Entre os pintores da paisagem paranaense destacam-se: Jean Baptiste Debret, John Henry Elliot, Franz Keller, Hugo Calgan, Williams Michaud, João Leão Pallière, Edgar Osterroht, Alfredo Andersen. Os que se destacam em retratar o litoral paranaense são Debret, em “Paranaguá” (1827), William Loyd, “Antonina” (1872), Alfredo Andersen, “Guaratuba” (1925), Theodoro De Bona, “Ilha do Mel” (1946), Miguel Bakun, “Cais do Porto de Paranaguá” (sem data), Guido Viaro. “Morretes. Vista do Marumbi” (sem data), Paul Garfunkel, “Mercado de Paranaguá” (1979).

Buscamos analisar as telas de pintores de Guaraqueçaba. Procuramos refletir sobre as seguintes questões: o que dizer das paisagens que são recorrentes em telas de diferentes pintores? É o caso do Morro do Tromomo representado tantas vezes em pinturas, desenhos e fotografias de Guaraqueçaba. Consideramos como uma paisagem

identitária e ponto focal de Guaraqueçaba. Esse morro também é utilizado para a localização em virtude da sua imponência, destacando-se entre a Serra do Itaqui e os morros de Serra Negra.

Os olhares treinados com noção da história local identificam nessas telas as marcas do tempo. A baía retratada em 1920 (figura 117), próxima à costa, sem edificações no porto. Apenas pequenas canoas, os homens e a natureza estão presentes. Na paisagem de 1980 (figura 118), pouca coisa se modificou. E no desenho de 2002 ainda se mantém a mesma paisagem: baía, pescadores, serras permanecendo a silhueta do relevo identificável.

A baía em conjunto com os Morros, o manguezal, o homem e seus artefatos de pesca aparecem com frequência nas pinturas. Uma das paisagens mais representativas é a vista da baía a partir de Guaraqueçaba (figura 119).



Figura 117. Guaraqueçaba em 1920. Tela pintada em um abajur que retrata a natureza e o homem. Autor: SOUZA, R.M. (jan. 2012).



Figura 118. Paisagem de Guaraqueçaba em 1980 tendo ao fundo a silhueta do Morro do Itaqui e do Morro do Tromomo. Tela de Ida W. Alves. Autor: SOUZA, R.M. (jan. 2012).



Figura 119. Nesse desenho são representados pescadores tradicionais com canoa a remo. Ao fundo a Serra do Itaqui e o Morro do Tromomo, desenho de Juliana Miranda (2002). Autor: SOUZA, R.M. (jan. 2012).

Em conformidade com Besse (2006), o pintor e o cartógrafo não partilham apenas um tipo de percepção e de representação da superfície da Terra. Eles se comunicam também pelo seu objeto. O que representa, por meio da técnica semiológica. O olhar do pintor e o olhar do cartógrafo não são então separados, mesmo que eles não se confundam. Eles participam de uma mesma atitude cognitiva, e de uma mesma competência visual. Evidencia a relação existente entre a paisagem e corografia.

A Landschaft é de início um lugar que se define por vizinhanças, humanas e naturais, que se pode designar como objetivas, e que podem assim ser cartografadas. Além da mera consideração de sua posição relativa, a Landschaft se define também por um conjunto de propriedades, naturais e humanas, cujo inventário constitui sua qualidade ou sua natureza próprias (BESSE, 2006, p.21).

A produção de telas sobre a paisagem guaraqueçabana é grande (figuras 120, 121 e 123). Fica evidente a preferência pelas serras, pelo mar, pela cultura dos pescadores artesanais. Em alguns casos, o casario antigo (figura 122). Em uma visita à Casa de Artesanato, nos deparamos com essas telas representadas. A atendente, em uma das visitas nos informou “que pena que você não veio antes, as mais bonitas foram vendidas, isso aqui estava cheio”. A figura da Ponta do Morretes foi encontrada em uma residência (figura 124).

Por fim, duas paisagens que merecem destaque. Uma das vistas a partir da “Pedra Grande” retratada na tela de Ida W. Alves. Essa pintura reforça a ideia da importância cênica da baía e do “visual” que é possível enxergar da “Pedra Grande” (figura 125). E na sequência, a tela pintada em óleo (figura 126) que representa uma paisagem noturna (numa tela de 7cmx15cm). Tipo de pintura que é rara entre os pintores de Guaraqueçaba (paisagem noturna). Noite de luar com os elementos de caracterização presentes, o rancho coberto de palha, as canoas guardadas no rancho (varadas). Ao fundo a baía, o mangue, a luz da Lua refletida nas águas calmas. Atribuída (pela atendente da Casa do Artesanato, L. Santos) a Adailton Galdino, pintor já falecido, natural de Guaraqueçaba que possuía muitas telas sobre a paisagem local. Uma de suas características era pintar em óleo.

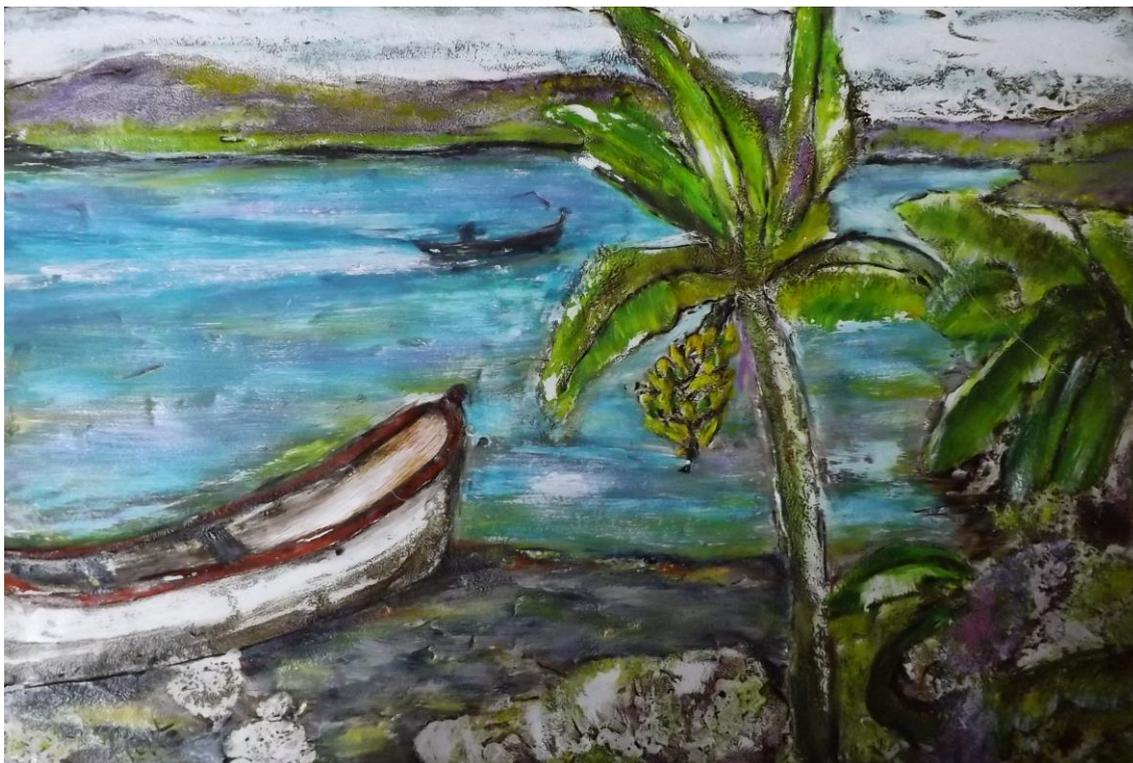


Figura 120. Paisagem com colonos II. Elementos culturais como a canoa, a bananeira em conjunto com a baía e as serras. Renate Budler (2011). Autor: SOUZA, R.M. (jan. 2012).

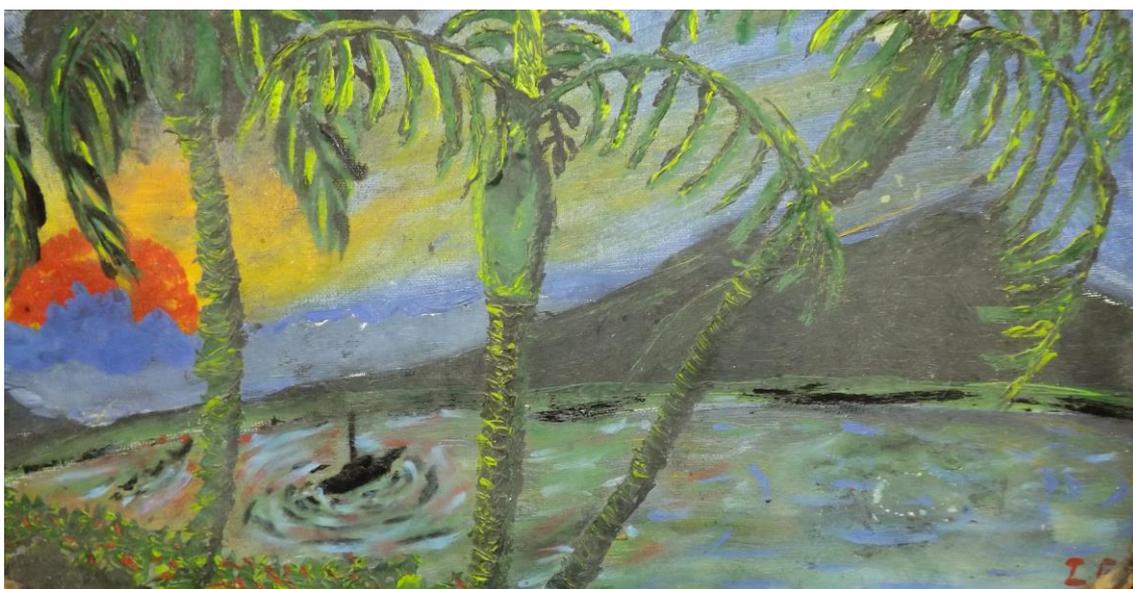


Figura 121. Palmeira, barco e natureza. Ivan Gonçalves Cordeiro (2004). Autor: SOUZA, R.M. (jan. 2012).



Figura 122. Guaraqueçaba, J. Maia. Autor: SOUZA, R.M. (jan. 2012).



Figura 123. Barcos fundeados no estuário. Cacau Loureiro (2008). Autor: SOUZA, R.M. (jan. 2012).

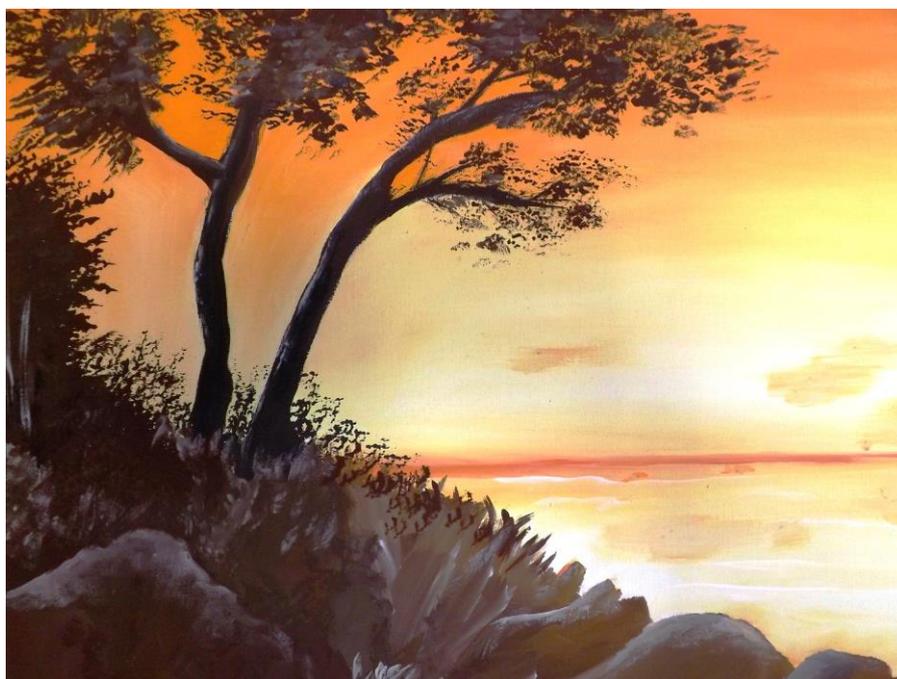
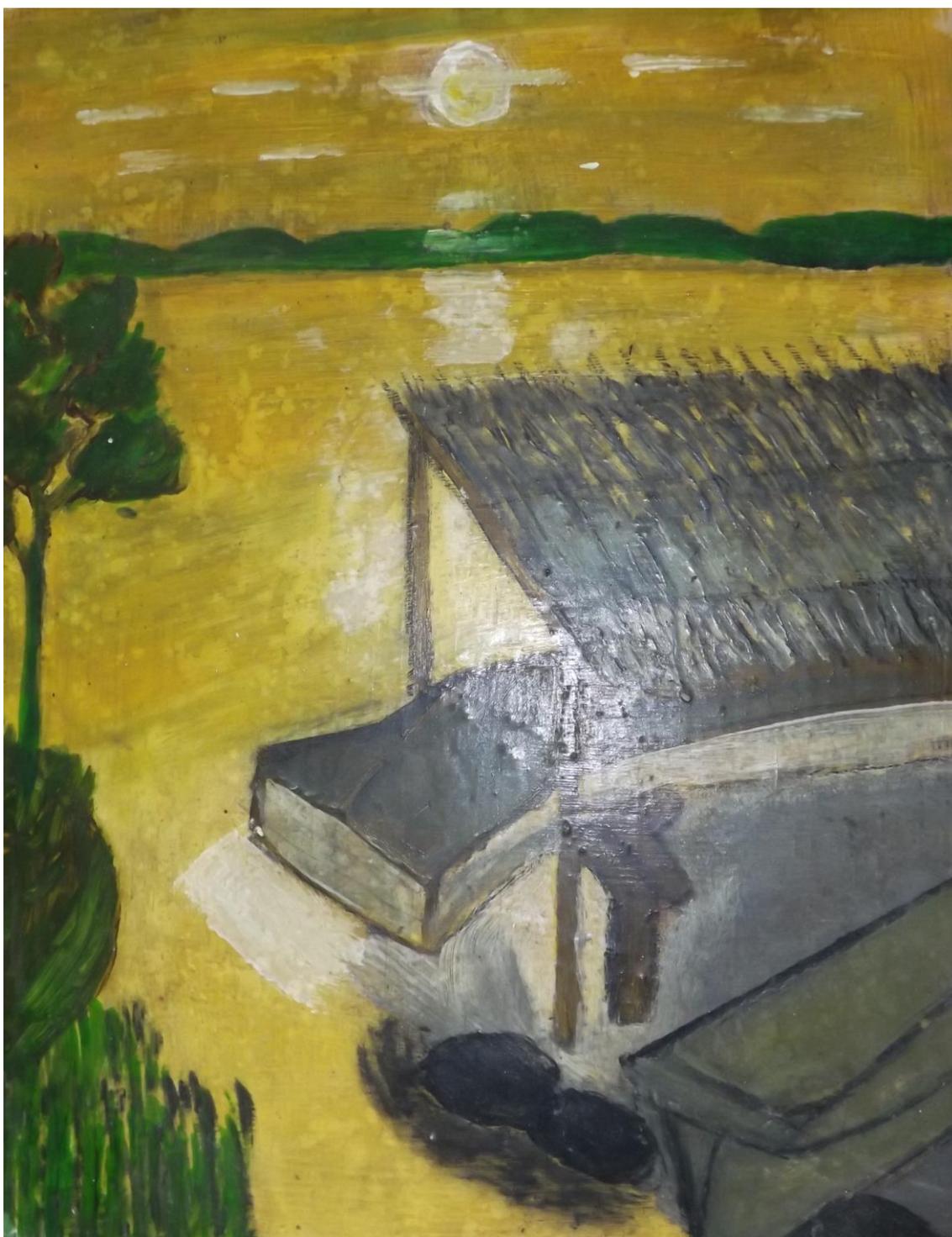


Figura 124. Ponta do Morretes. Maristela Ussui (1999)²⁹. Autor: SOUZA, R.M. (jan. 202).

²⁹ As telas foram reproduzidas a partir de fotografias. Muitas delas retiradas em pousadas e residências com a permissão dos proprietários. Outras foram retiradas na casa do artesanato com a permissão da atendente Sra. Lourdes. Tem o objetivo apenas para contribuição da análise da paisagem cultural de Guaraqueçaba a partir da visão de diferentes autores.



Figura 125. A ponta do mangue vista do Quitumbê. Tela de Ida W. Alves. Autor: SOUZA, R.M. (jan. 2012).



**Figura 126. Paisagem noturna do luar em Guaraqueçaba, de Adailton Galdino (2000).
Autor: SOUZA, R.M. (jan. 2012).**

Nos posicionamos totalmente a favor dessas representações. São importantes para compreendermos melhor a história paisagística local e também para registro de variadas percepções das vistas cênicas.

7.3.5 Percepção de morador

Das variadas entrevistas realizadas, foram cem entrevistados, segue transcrita a feita com o morador José Muniz. Professor de história, porque é um estudioso da cultura caiçara local e já publicou livros sobre fandango. Mostra-se preocupado com o futuro de Guaraqueçaba. Muniz tem trinta e um anos, é solteiro, mora sozinho. Sua profissão é professor de história. Seu nível de ensino é pós-graduado. É natural de Guaraqueçaba onde mora. Quando perguntado se o senhor gosta de morar em Guaraqueçaba, responde que sim, “é minha casa, onde nasci, bem como meus antepassados, portanto as ligações são muito fortes”. Ele saiu para estudar, morou durante quatro anos na cidade de Paranaguá. Quando perguntado sobre o que fez com que Muniz voltasse para cá? respondeu: “quando sai daqui foi somente para obter maior formação acadêmica e propiciar um retorno, possível dentro de minha formação”. Quando esteve fora, do que sentia mais falta (coisas, lugares, pessoas...)? “não foi um afastamento muito complicado, pois no primeiro ano em Paranaguá, ainda mantive atividades em Guaraqueçaba e sempre aos finais de semana estava presente e quando não pude mais estar constantemente presente atuei profissionalmente em área que mantinha contato direto com meu povo e o mar, por exemplo, na Fundação de Turismo de Paranaguá, então não senti muita falta...”. Como era este lugar no passado (10, 20, 30 anos atrás)? “existem constantes mudanças, estruturais ou não, mas perceptíveis aos guaraqueçabanos, seja em reformas, mudanças, novas ruas, etc. e, ainda que lento, houve um progresso no tangente de pavimentação, criação e revitalização de algumas praças, etc...”. O município mudou muito deste tempo até os dias de hoje? “acredito que mudou...”. Em sua opinião quais foram as principais mudanças? “desde instalação de energia elétrica, não há muito tempo atrás, por exemplo, abertura da estrada, etc...”.

Quando o senhor (a) pensa neste lugar em que vive, qual é a primeira imagem que lhe vem na cabeça? baía, serras (do Itaqui, do Tromomo) e manguezais. Qual é a importância da floresta, das serras, da estrada PR-405 no seu dia-a-dia? “a mata é de suma importância para nossa sobrevivência, não somos nada sem ela e sempre preciso estar em contato com ela, já a estrada, por exemplo, necessitamos dela para dar prosseguimento à nossa vida cotidiana, seja no escoamento de poucos recursos, deslocamentos, ou seja, faz parte da vida dos guaraqueçabanos e hoje necessária a todos”. Como o senhor (a) avalia a situação dos recursos naturais neste local (rios,

floresta, mar, ar, solo)? (Está boa? Ruim? Por quê?). “Acredito que estão bons, porque sempre soubemos cuidar, sendo claro que existem os depredadores que utilizam desses recursos para benefício próprio ou se apropriam hoje dos benefícios que estes recursos preservados fornecem”. De que forma o senhor (a) pensa o futuro deste lugar? “de forma cada vez mais dificultada às comunidades tradicionais...”. Qual imagem (ou imagens) o senhor (a) levaria deste lugar em caso de uma mudança amanhã? “Povo caiçara e sua cultura”. Por que esta imagem? “Nunca penso em sair daqui, mas como isso pode acontecer a qualquer momento, levaria pra qualquer canto e pro resto de minha vida minha cultura e imagens da minha vida em meu ambiente de origem” (figura 127).



Figura 127. Pescadores. Fonte: ALVES, J. A.

Quais fotografias o Senhor (a) enviaria a um parente que está distante para que ele conheça o lugar onde vive? “A simplicidade da cultura deste povo representada por um pescador em sua canoa lançando sua rede, por exemplo”. Quais paisagens, ou quais elementos da paisagem lhe choca mais (entristece). Qualquer coisa que você considere negativo e que você gostaria que desaparecesse. “Uma cidade pequena, centro pequeno ainda há ruas sem pavimentação, lixo e sujeira, descaso do poder público, sinais de abandono” (Entrevistado, MUNIZ, José Carlos, comunicação pessoal. Jan. 2014).

Muitas das falas dos pescadores artesanais e das pessoas (moradores) com pouca instrução nos deram apenas pistas, fragmentos para serem interpretados. Um

labirinto da memória que careceu de ser decifrado pelo pesquisador para compreensão da relação das pessoas com a paisagem de Guaraqueçaba. Na fala de Muniz percebe-se que sua visão sobre a paisagem é mais estruturada, utilizando-se de argumentos sobre o valor histórico mesclado com sentimentos de pertença. Julgamos que ele consegue ter essa visão de Guaraqueçaba porque foi instruído, ou melhor, foi atrás do conhecimento e hoje tem uma melhor compreensão da importância da paisagem Guaraqueçabana a partir de sua formação, experiência de vida e de seu objeto de estudo, a história.

Constatamos que a percepção das pessoas difere de acordo com a classe social, idade, gênero, nível de escolaridade. Além disso, percebeu-se na prática que elementos da paisagem no cotidiano não são claramente percebidos pelas pessoas que ali convivem. Fato que difere dos turistas, visitantes e ex-moradores, sempre atentos à beleza cênica local. Um pescador artesanal raramente abre a janela pela manhã e diz “nossa como é bela essa paisagem”. Normalmente ele fala, por exemplo, “hoje está bom o tempo, está bom para trabalhar”. Um jovem disse, “particpei dos jogos abertos em Maringá, gostei muito da cidade, mas fica muito longe do mar”. Como compreender os elementos subjetivos do fenômeno humano? Sugerimos para os que pretenderem se aprofundar nessa empreita para dialogarem com o saber antropológico, onde o conceito de cultura abarca diversas dimensões: universo psíquico, os mitos, os costumes e rituais, suas histórias peculiares, a linguagem, valores, crenças, leis, relações de parentesco, entre outros tópicos. Outro caminho é analisar sobre o viés da psicologia freudiana, para Ferraz (2002, p.37),

A investigação psicanalítica cujo solo privilegiado é o próprio processo analítico, abre-se no sentido da escuta da subjetividade o que traz a tona justamente o universo psíquico que Freud denominou “**mundos internos**” que é particular e foi construído na experiência única de um sujeito em contato com a realidade na experiência única de um sujeito em contato com a realidade externa que o rodeia (grifo nosso).

Logicamente, a pesquisa da visão particular cruzaria em pontos comuns na pluralidade, obtendo-se a noção da experiência coletiva. Esse seria um dos caminhos para se aprofundar-se no conhecimento da paisagem cultural de Guaraqueçaba. Nossa pesquisa, a fim de buscar uma melhor compreensão do patrimônio natural e histórico de Guaraqueçaba com foco no estudo da paisagem não teve a pretensão desde o início de exaurir o assunto. Vários pontos de discussões foram abordados com o objetivo de defender a tese de que existe uma singularidade na paisagem cultural deste local

definido no caráter de Guaraqueçaba e por consequência a necessidade de preservação e valorização. Pode até parecer óbvio mas não é tão claro nos trabalhos já feitos. Isso porque, em nenhum trabalho sobre Guaraqueçaba foi evidenciado desta maneira a paisagem. Não dessa maneira, com enfoque cultural. Esforçamo-nos para mostrar a urgência de se pensar em alternativas de inserção desta área no circuito turístico bem como a melhoria na qualidade de vida das pessoas. Porque paisagem não é tão somente vegetação, relevo, estradas e prédios. Paisagem compreende seus habitantes, e seu papel na construção e reprodução destes espaços.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Guaraqueçaba apresenta paisagens naturais preservadas dinamicamente, com componentes histórico-culturais e ambientais. Existem desafios e possibilidades. Fez-se a análise dos reflexos da emergência da questão ambiental em esfera local, a relação existente entre a PR-405 e a ocupação do seu entorno e a preservação das paisagens. Analisamos as questões que envolvem a pavimentação da estrada PR-405, e as consequências que podem ser previstas e evitadas para manutenção das paisagens cênicas. E o que é mais importante, a utilização racional desse potencial paisagístico.

Defendemos a ideia de que o asfalto da PR-405 pode ser positivo para o município desde que se criem políticas de ordenamento territorial e defenda-se a ideia de que a paisagem natural e cultural constituem grande riqueza e patrimônio de Guaraqueçaba. Deste modo, é necessário planejar sua sustentabilidade frente as mudanças. Essas mudanças devem ser lentas e com planejamento, visando o desenvolvimento sustentado. Consideramos nosso objetivo inicial alcançado, o de avaliar a paisagem caráter de Guaraqueçaba, visando identificar as paisagens cênicas, as características do ordenamento territorial em torno da preservação e uso de maneira sustentada. Propomos usar mais intensamente a paisagem como atrativo, no planejamento público, no turismo evidenciá-la em seu aspecto cultural como foi desenvolvido nesse trabalho. Em todo o nosso percurso o exercício material e intelectual desenvolve-se com a intenção de compreender e selecionar as paisagens cênicas e atribuir-lhes pontuação de acordo com seus atributos e a cultura material. No desenvolver-se da tese, desde as reflexões sobre o conceito polissêmico de paisagem e seu foco na paisagem cultural, escolhemos o uso teórico de paisagem cultural, evidenciando-se o caráter de paisagens, a formação histórica e os elementos cênicos que concretizam o caráter e a personalidade de Guaraqueçaba. O caráter é algo que torna o espaço único. É um conjunto de elementos reconhecíveis que torna um local diferente do outro, independente de ser bom ou ruim. Portanto o caráter é uma combinação de qualidades que dá singularidade e identidade a paisagem e esse foi o ponto central de

nossa tese, evidenciar as singularidades cênicas do litoral paranaense propondo de forma prática um olhar sobre a paisagem cultural de Guaraqueçaba/PR. A partir da seleção dos elementos cênicos, elaborou-se todo um levantamento, do porque eles são importantes culturalmente e historicamente, pensando no turismo como uma atividade crescente. Como foi analisado, todos os assuntos abordados tiveram o objetivo de corroborar com a ideia da singularidade da paisagem guaraqueçabana, os ranchos de guardar canoas, herança cultural materializada, funcional e ainda presente na paisagem; os portos, os trapiches; as residências, os prédios públicos e históricos; os caminhos e passeios turísticos; as áreas de preservação; o modelado natural associado a cultura, entre outros.

Buscou-se exemplos de avaliação de caráter cênico utilizados na Inglaterra, e nos Estados Unidos. Muito ainda se há por acrescentar a esse vasto campo de estudos de nossas paisagens em território guaraqueçabano. Procuramos inovar em nossa metodologia de investigação trazendo o debate de paisagens cênicas e possibilidades práticas de implementação dessas avaliações. No entanto, ainda há muito por se avançar nessa área de estudos, necessários e interessantes. Por exemplo, os caminhos de acesso para visualizar as paisagens cênicas propostas aqui, podem ser utilizadas pelo segmento turístico.

Nos procedimentos e ações procuramos trabalhar na obtenção da ótica dos moradores, ex-moradores e turistas. O que as pessoas pensavam ao planejar a cidade? Como surgiu o plano urbanístico? Existem muitas coisas ainda para serem decifradas, mas já podemos concluir de que existiu um plano rudimentar urbano, pelo fato de ser próximo da baía. Uma vila formada por pescadores e evidentemente com acesso ao mar. É devido a esse plano inicial que, atualmente em Guaraqueçaba, se entrando pelos fundos, por meio da PR 405, se deixa de ver a paisagem mais bonita: a visão do mar, da cidade, dos morros em conjunto. A cidade segue acompanhando o braço do mar, da Ponta do Morretes até o bairro do Barcelos.

Na maneira aqui utilizada e sugerida para estudar o caráter das edificações históricas, baseando-se na legibilidade da paisagem urbana teve como objetivo resgatar monumentos esquecidos em sua importância, por exemplo, as caixas d'água. A substituição dos casarões do estilo colonial por construções com características mais funcionais (para o comércio) e residenciais segundo modelos novos totalmente

diferentes do inicial, que consideramos, de certo modo, prejuízo para a integridade da paisagem cultural.

Temos como certo que as pessoas irão valorizar a paisagem desde que se reconheça o valor delas, para isso elas precisam conhecê-la em seus variados aspectos. Nosso trabalho contribui para isso. Pelo estabelecimento de critérios de avaliação de paisagem pode-se influenciar na maneira como as pessoas se relacionam com essas áreas, no sentido de uso e ocupação. As paisagens devem ser levadas em consideração na montagem do ordenamento territorial. Para o turismo, elas são essenciais. Paisagens belas atraem as pessoas. Essa paisagem materializada como um dos últimos resquícios da Floresta Atlântica e que veio sendo devastada desde a chegada dos portugueses no litoral brasileiro. As leis ambientais e o isolamento proporcionaram à Guaraqueçaba o estágio atual de preservação. A permanência da paisagem natural depende de tipos de manejo adequados e ordenamento territorial. Pensar em preservação das paisagens, tanto natural como histórica e referente a cultura é algo constante e que se deve estar sempre em pauta no meio científico e acadêmico.

Outro ponto é selecionar elementos de períodos posteriores, contemporâneos que são atributos com valor cênicos ainda não identificados. Guaraqueçaba apresenta um patrimônio natural, histórico e referente à cultura que proporcionam uma paisagem toda particular e que deve ser valorizada. A Geografia, por meio dos estudos da avaliação da paisagem, pode contribuir positivamente para esse fim. Nosso trabalho está longe de exaurir todas as questões pertinentes ao desenvolvimento sustentável e a preservação da paisagem em Guaraqueçaba. Entretanto, acreditamos haver contribuído com elementos para essa discussão.

Sobre o trajeto até Guaraqueçaba pela PR-405 há controvérsias e possibilidades. Muito se fala sobre a PR-405. Muitos comentários sempre ressaltam a falta de infraestrutura, o fato de não ser asfaltada, os buracos, as enchentes, as rochas soltas, os problemas mecânicos nos automóveis decorrentes. Onde muito só veem problemas, procuramos enxergar possibilidades, sem ignorar os problemas. Mas, sempre se refletindo sobre alternativas como a Estrada-Parque, que esta longe de ser o foco de nosso trabalho. Mas, jugou-se necessário toda a discussão desenvolvida, sempre abrindo espaço para novos diálogos, pesquisas e debates necessários e importantes.

Procurou-se dialogar com as pinturas da paisagem de Guaraqueçaba, com seus artistas, e tentamos responder: quais são as paisagens de preferências das pessoas? Essa

preferência, considerando vários critérios: idade, classe social, gênero, é nativo ou turista, grau de estudo, área de trabalho.

A questão ambiental permeou toda discussão realizada sobre Guaraqueçaba. É algo que não pode ser ignorado de nenhuma maneira. Pelo contrário, valorizamo-la, procurando inventariar, em linhas gerais, o processo histórico da criação das Unidades de Conservação, tão importantes. Ressaltar os aspectos históricos e a formação da paisagem cultural de Guaraqueçaba se fez necessário, para reforçarmos que, paisagem é herança e construção dinâmica. A valorização do patrimônio histórico: a origem dos casarios coloniais; agricultura de subsistência, isolamento e decadência econômica; entre outros.

Quanto à avaliação de paisagens, ela não é uma ferramenta projetada para resistir às mudanças que podem influenciar a paisagem. Pelo contrário, é uma ferramenta para ajudar a entender o que a paisagem é hoje, como ela veio a ser o que é, e como ela pode mudar no futuro. Seu papel é ajudar a garantir que as mudanças ocasionadas pelo desenvolvimento não venha a minar tudo o que ela representa, serve para cativar os aspectos da paisagem. E que possam serem considerado os caminhos, os pontos de visão para melhorar o caráter de um lugar em conjunto. A avaliação pode ser uma ferramenta poderosa para auxiliar no planejamento, concepção e gestão de paisagens. Essa é uma forma interessante de criar atrativos turísticos, aquecer a economia local e valorizar e preservar a paisagem. Sendo a paisagem um elemento fundamental de ordenamento territorial, importante para a gestão do território. Como fazer isso, com planejamento a curto, médio e longo prazo, sempre valorizando a paisagem.

Para garantir a integridade do patrimônio cultural, histórico, paisagístico e arquitetônico, deve-se incorporar a proteção do patrimônio ao processo permanente de planejamento e ordenação do território, e aplicar instrumentos normativos, administrativos e financeiros para viabilizar a gestão do patrimônio. Em segundo lugar, conscientizar a população sobre os valores culturais e ambientais e a necessidade de sua proteção e recuperação. Impedir o funcionamento, a implantação ou a ampliação de construções ou atividades que importem em risco, efetivo ou potencial, de dano à qualidade de vida e ao patrimônio. As leis ambientais e o isolamento proporcionaram a Guaraqueçaba o estágio atual de preservação. Mostramos que, a preservação dependeu de iniciativa dos órgãos público, principalmente na década de 1980, quando algumas

medidas preservacionistas foram decisivas. Áreas naturais e paisagens bem preservadas muitas vezes despertam o interesse de grupos que não tem uma visão adequada da importância desses lugares. A lógica capitalista de apropriação de áreas com potencial de exploração turística atuou no passado e continua atuando hoje.

Guaraqueçaba apresenta um patrimônio natural, histórico e cultural que proporcionam uma paisagem toda particular e que deve ser valorizada. Os estudos e pesquisas podem contribuir positivamente para esse fim. Nosso trabalho está longe de exaurir com profundidade todas as questões pertinentes ao Desenvolvimento Sustentável local e a preservação da paisagem em Guaraqueçaba. Mas acreditamos haver contribuído com alguns elementos para essa discussão principalmente no que diz respeito a paisagem caráter bem como sua utilização.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABITZREUTER, R. R. **A conquista da Serra do Mar**. Curitiba: Pinha, 2000.
- AB'SABER, A. N.; BIGARELLA, J. J. Considerações sobre a Geomorfogênese da Serra do Mar no Paraná. **Boletim Paranaense de Geografia**. Curitiba, n. 4-5, 1961.
- _____. Potencialidades Paisagísticas Brasileiras. Geomorfologia. **Boletim de Geografia**. Rio de Janeiro: IBGE, n. 55, 1977.
- ALVAR, J; ALVAR, J. **Guaraqueçaba, mar e mato**. Tradução de Cecília Maria Westphalien, Curitiba: UFPR, 1979.
- ANHESIM, Aline A. **O caráter de paisagens: avaliação da antiga Estrada Mestre em Cambe – PR**. 2010, 150 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, UEL, 2010.
- BERTRAND, G. Paisagem e geografia física global: esboço metodológico. **Caderno Ciência da Terra**, São Paulo, v.13, p. 01-27, 1972.
- _____. Claude et Bertrand, Georges. **Uma geografia transversal e de travessias: o meio ambiente através dos territórios e das temporalidades**. Organizador Messias Modesto dos Passos. Maringá: Massoni, 2009.
- BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. Tradução de Vladimir Bartolini. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BIGARELLA, J. J. et al. **A Serra do Mar e a Porção Oriental do Estado do Paraná**. Curitiba: SEPL, 1978.
- BLANKSON, E.J. e GREEN, B. H. **Use of Landscape Classification as an Essential Prerequisite to Landscape Evaluation**. *Landscape and Urban Planning* 21, London : [s.n.], p. 149-162, 1991.
- BONNEMAISON, J. *Voyage autour du Territoire. L'Espace Géographique*. Paris : [s.n.], Tome X, n. 4, 1981, p. 249-262.
- CHEMIN, Marcelo. **Cidade e Turismo: retratos da paisagem urbana de Ponta Grossa**. Ponta Grossa: UEPG, 2011
- CLAVAL, P. **La géographie culturelle**. Paris: Nathan Université, 1995.
- _____. **Campo e perspectivas da Geografia Cultural**. In. CORRÊA. R. L; ROSENDAHL, Z (Org.). *Geografia cultural: um século*. Rio de Janeiro: UERJ, 2002. p.133-196.

_____. **A Geografia Cultural**. (Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta). 3. ed. Florianópolis: UFSC, 2007.

CONSELHO DE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL DO LITORAL PARANAENSE - COLIT. **Uma estrada para Guaraqueçaba**. Secretaria do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos, Curitiba, fev. 2012.

Disponível

em:<<http://www.colit.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=14>>.

Acesso em 07 fev. 2012

CORRÊA, R.L. **Trajétórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

CORRÊA, R. L. **A Geografia Cultural e o Urbano**. In. CORRÊA, R.L; ROSENDAHL, Z. (Org.). Introdução à Geografia Cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 167-186.

COSGROVE, D. **A Geografia está em toda parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas**. In. CORRÊA, R. L; ROSENDAHL, Z (Org.). Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro: UERJ, 1998. p. 92-123.

DENARDIN, V. F.; SULZBACH, M. T. **Produtos com identidade territorial: o caso da farinha de mandioca no litoral paranaense**. In: SAQUET, M. A.; SANTOS, R. A. (Org.). Geografia agrária, território e desenvolvimento. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 219-236.

EMBRAPA - EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. **Sistema Brasileiro de Classificação de Solos**. Brasília: Embrapa-SPI; Rio de Janeiro: Embrapa-Solos, 2006.

ESTEVES, C. J. O. **Ocupação do Litoral Paranaense**. In. REZENDE, C. J; TRICHES, R. I (Org.). Paraná espaço e memória: diversos olhares histórico-geográficos. Curitiba: Editora Bagozzi, 2005. p. 56-81.

FERRAZ, F. C. **Normopatia: sobre Adaptação e pseudonormidade**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002

FUNDAÇÃO GRUPO BOTICÁRIO DE PROTEÇÃO A NATUREZA. **Reserva Natural Salto Morato**. Curitiba. Disponível em: <www.fundacaoboticario.org.br>. Acesso em: 08 mai. 2013.

H GOMES, P.C. da C. **A paisagem urbana como cenário de uma cultura: algumas observações a propósito do Canadá**. Espaço e cultura. UERJ/NE-PEC, Rio de Janeiro, nº17-18, p. 7-75, jan./dez. 2004

HAESBAERT, Rogério. **Territórios Alternativos**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2002.

IBAMA. **Diagnóstico Socioeconômico e cultural da APA de Guaraqueçaba**. Gestão Participativa da APA de Guaraqueçaba. Curitiba: IBAMA, Relatório Técnico, 2005.

IAPAR – INSTITUTO AGRONÔMICO DO PARANÁ. **Cartas climáticas do estado do Paraná**. Londrina: IAP, 2000.

INSTITUTO AMBIENTAL DO PARANÁ. **Fiscalização encontra no Litoral 23 hectares com desmatamento ilegal**. Agência de Notícias do Paraná, Curitiba, 08 fev. 2012.

IPARDES-INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. **Macrozoneamento da APA de Guaraqueçaba**. v. 1. Curitiba: IPARDES/IBAMA, 1990.

_____. **Diagnóstico Ambiental da APA de Guaraqueçaba**. Curitiba: IPARDES, 1995.

_____. **Zoneamento da Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba**. Curitiba: IPARDES, 2001.

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE. **Parque Nacional do Superagui**. Curitiba. Disponível em: <<http://www.icmbio.gov.br>>. Acesso em: 08 mai. 2013.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. **Patrimônio Material**. Brasília. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=12297&retorno=paginaPhan>>. Acessado em 11 fev. 2012.

LAMPTON, Kate (Edit.). **The Roadscape Guide: Tools to Preserve Scenic Road Corridors**, Champlain Valley Greenbelt Alliance, Charlotte, [s.n.] , 2006.

LANCASHIRE COUNTY COUNCIL. **A Landscape Strategy for Lancashire**. Lancashire: Cross Street, 2000.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. Tradução Jeferson Luiz Camargo – 3ª ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

LOTHIAN. **Landscape Quality Assessment of South Autralian**. 2000, 443 f. (Dissertation of Doctorate of Philosophy). Department of Geographical e Environmental Studies, Adelaide: University of Adelaide, 2000.

MAACK, R. A Serra do Mar no Estado do Paraná. IBGE. **Boletim de Geografia**. Rio de Janeiro: IBGE, n. 31, p.79-105, 1972.

MEING, D.W. **Symbolic Landscapes Some Idealizations of American Communities**. In. MEING, D.W. (Org.) *The Interpretation of Ordinary Landscapes*, Oxford: Oxford University Press, 1979. p. 164-192.

MENDES, E.P. P. **Identidades sociais e suas representações territoriais: as comunidades rurais no Município de Catalão (GO)**. In. ALMEIDA, M. G. de CHAVEIRO, E. F.; BRAGA, H. da C. (Org.). *Geografia e Cultura: a vida dos lugares e os lugares da vida*. Goiânia: Printed in Brazil, 2008. p. 137-165.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Mata Atlântica**. Brasília. Disponível em: <www.mma.gov.br/bioentretanto/mata-atlantica>. Acesso em: 08 mai. 2013.

MONTEIRO, F.A.M.P.T. **Qualidade da Paisagem Ribeirinha num contexto Mediterrâneo**. 1999. 109 f. Relatório Final de Curso (Curso de Arquitetura Paisagística). Proposta de Avaliação nos corredores fluviais da Bacia Hidrográfica da Ribeira das Alcáçovas. Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Técnico de Agronomia, Lisboa: UTL, 1998.

NIEFER, I. A. **Análise do Perfil dos Visitantes das Ilhas do Superagüi e do Mel: Marketing como Instrumento para um Turismo Sustentável**. 2002. 214 f. Tese (Doutorado em Ciências Florestais). Pós-Graduação em Engenharia Florestal, Setor de Ciências Agrárias da UFPR, Curitiba, 2002.

OLIVEIRA, C. de. **Curso de cartografia moderna**. 2. Ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1993.

OLIVEIRA, M. M. B. de. **A praça em sua expressão cultural: uma interpretação das paisagens das praças guianenses**. In. ALMEIDA, M. G. de CHAVEIRO, E. F.; BRAGA, H. da C. (Org.). *Geografia e Cultura: a vida dos lugares e os lugares da vida*. Goiânia: Printed in Brazil, 2008. p. 222-254.

PARANÁ (Estado). **Lei 7198 - 13 de Setembro de 1979**. Secretaria de Estado de Governo, Sistema Estadual de Legislação. Diário Oficial nº. 635, Curitiba 18 set. 1979.

PARK, C. C. *Sacred Worlds. An Introduction to Geography and Religion*. London: Routledge, 1994.

PREFEITURA MUNICIPAL DE GUARAQUEÇABA. **Plano Diretor do Município de Guaraqueçaba**. v. 1. Fundamentação e Propostas, Guaraqueçaba, 2006.

RAVAZANNI, C.; FAGNANI, J. P. & KOCH, Z. **Mata Atlântica: Atlantic rain forest**. Curitiba: Brasil Natureza, 1995.

RODRIGUES, A. S. (Org.). **As condicionantes da sustentabilidade agrícola em uma área de proteção ambiental: a APA de Guaraqueçaba**. Curitiba: AIAPAR, 2005

RODRIGUEZ, J. M. M.; SILVA, E. D.; CAVALCANTI, A. P. B. **Geocologia da paisagem: uma visão geossistêmica da análise ambiental**. Fortaleza: UFC, 2004.

ROSENDAHL, Z. **Espaço, cultura e religião: Dimensões de Análise**. In. CORRÊA, R.L; ROSENDAHL, Z. (Org.). *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p.187-224.

SAHR, C. L. L. (Org.). **A paisagem como patrimônio cultural: Campos Gerais e Matas com Araucárias no Paraná**. Ponta Grossa: UEPG, 2010.

SAMPAIO, C. A. C. **Planejamento para o desenvolvimento sustentável: um estudo de caso e comparativo de municípios**. Florianópolis: Bernúncia, 2002

SANTOS, M. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SALGUEIRO, T. B. Paisagem e Geografia. **Finisterra**, v. 36, n. 72, p.37-53, Lisboa, [s.n.], 2001.

SAUER, C. [1925]. **“The Morphology of Landscape”**. Berkeley: University of California Press, 1962.

SAUER, C. O. Geografia Cultural. In. CORRÊA, R.L; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p.19-26.

SCHATTAN, S; KOTONA, A.P.L. **Vale do Ribeira: rei dos palmitos, uma solução ecológica**. Informações Econômicas, SP, v.34, n.9, set. São Paulo, 2004.

SACHS, I. **Estratégias de transição para o século XXI: desenvolvimento e meio ambiente**. Studio Bobel, São Paulo: FUNDAP, 1993.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA, COORDENAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL – SEEC/CP C. **O que é tombamento e quais as suas consequências**. Curitiba. Disponível em: < <http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br>>. Acesso em: 08 mai. 2013.

SECRETÁRIO DE ESTADO DE MEIO AMBIENTE E RECURSOS HÍDRICOS-SEMA. **Resolução nº 019/2010** – SEMA. Estabelece normas e procedimentos para a proteção e utilização do PALMITO, *Euterpe edulis Martinus*, no Estado do Paraná. Curitiba. Disponível em: < http://www.redejucara.org.br/legislacao/PR_resolucao_19_2010_SEMA.pdf>. Acesso em 20 out. 2013.

SIEDLECK, K. N.; PORTES, M. C. de O; CIELO FILHO, R. Proposta de Adequação dos Limites do Parque Nacional Saint-Hilaire/Lange (Serra da Prata) – Estado do Paraná. In. **Simpósio de Áreas Protegidas – Conservação no Âmbito do Cone Sul, 2, Anais...**Curitiba, 2003.

SILVA, M.L. Os Geossistemas como Meios para a Analisar, Interpretar, Compreender e Discutir as Paisagens. In. **IV Seminário Latinoamericano de Geografia Física. Anais...** v.1, Maringá: UEM, 2006.

SOCIEDADE DE PESQUISA EM VIDA SELVAGEM E EDUCAÇÃO AMBIENTAL- SPVS. **Guaraqueçaba: nada acontece de repente**. Projeto Educação Ambiental na APA de Guaraqueçaba. Curitiba: IPARDES, 1994.

_____. **Plano integrado de conservação para a região de Guaraqueçaba, Paraná, Brasil**. Coordenação Clóvis Borges , Curitiba: SPVS, 1992.

SORIANO, A. J. S. **Estrada-parque: proposta para uma definição**. 2006, 181 f. Tese (Doutorado em Geografia). Pós-Graduação em Geografia: Área de Concentração em Organização do Espaço. Rio Claro : [s.n.], 2006.

SOUZA, R.M. Desenvolvimento Sustentável no Litoral do Paraná: o caso do Geocomplexo de Guaraqueçaba/PR. In. **Simpósio Brasileiro de Geografia Física e Aplicada: Dinâmicas Socioambientais das Inter-relações as Interdependências. Anais eletrônico...** ISSN: 2236-5311, Dourados, 2011.

SOUZA, R.M.; PASSOS, M.M.; YAMAKI, H. Percepção da Paisagem: o caso das construções antigas da cidade de Guaraqueçaba/PR. In. **Revista GEOMAE** , v. 02, n. 1, p.191-206, 2º sem. Campo Mourão: FECILCAM, 2011.

SWANWICK, C. **Landscape Character Assessment: Guidance for England and Scotland**. Department of Landscape University of Sheffield and Land Use Consultants. Sheffield: Scottish Natural Heritage, 2002.

THE COUNTRYSIDE AGENCY LANDSCAPE. **Landscape beyond the view: a simple guide to understanding the forces and influences that shape our landscapes and their character**. Recreation division for the Royal Agricultural Show. London: Natural England, 2006.

VENTURI, L.A.B. A dimensão territorial da paisagem geográfica. In. **IV Seminário Latinoamericano de Geografia Física, Anais...** v.1, Maringá: UEM, 2006.

VIEIRA, P. F. A problemática ambiental e as Ciências Sociais no Brasil: 1980 – 1990. **BIB** n.33, p.1-88, 1º sem. Rio de Janeiro, 1992.

VON BEHR, M. **Guaraqueçaba**. São Paulo: Empresa das Artes, 1997.

WAGNER, P. L; MIKESELL, M. W. **Os temas da geografia cultural**. In. CORRÊA, R.L; ROSENDAHL, Z. (Org.). Introdução à Geografia Cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 27-62.

WASCHOWICZ, R. C. **História do Paraná**. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1995.

YAMAKI, H.T. **Caráter de edificações históricas: elementos de identificação**. Londrina: Edições Humanidades, 2008a.

_____. **Guia do patrimônio histórico cultural de Londrina**. Londrina: Edições Humanidades, 2008b.